CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

NEGRO NO CAMPO, BRANCO NO COMANDO:
TÉCNICOS NEGROS DE FUTEBOL E QUESTÕES RACIAIS

Rodrigo Neres da Silva Mamede

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais

Orientadora: Profa. Dra. Talita de Oliveira

Rio de Janeiro
Agosto, 2018

NEGRO NO CAMPO, BRANCO NO COMANDO: TÉCNICOS NEGROS DE FUTEBOL E QUESTÕES RACIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais

Rodrigo Neres da Silva Mamede

Banca Examinadora:

Talita de Oliveira

Presidente, Professora Dra. Talita de Oliveira (CEFET/RJ) (orientadora)

Professora Dra. Adriana Facina Gurgel do Amaral (PPGAS/MN - UFRJ)

Professor Dr. Mario Luiz de Souza (CEFET/RJ)

Professor Dr. Renato Lanna Fernandez (CEFET/RJ)

SUPLENTE

Professor Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins (CEFET/RJ)

Rio de Janeiro
Agosto, 2018

CEFET/RJ – Sistema de Bibliotecas / Biblioteca Central

M264 Mamede, Rodrigo Neres da Silva
Negro no campo, branco no comando : técnicos negros de futebol e questões raciais / Rodrigo Neres da Silva Mamede.— 2018.
136f. + anexos ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2018.
Bibliografia : f. 129-136
Orientadora : Talita de Oliveira

1. Relações etnicorraciais. 2. Negros - Identidade racial. 3. Racismo no esporte. 4. Futebol. I. Oliveira, Talita de (Orient.). II. Título.

CDD 305.8

Elaborada pela bibliotecária Mariana Oliveira CRB-7/5929

Agradecimentos

Fazer uma pesquisa que diz muito sobre você não é nada fácil. Mexe em feridas muito doloridas. Sem a ajuda de muita gente, eu não poderia chegar aqui.
Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, todos os professores, técnicos administrativos e funcionários pela oportunidade de estar no curso e poder levar meu potencial ao meu melhor.
Agradeço à minha orientadora, Talita de Oliveira, pelos ensinamentos, orientações, comentários e compreensão quando foi necessário.
Agradeço aos membros da banca de qualificação e defesa da dissertação de mestrado, é uma honra poder ter vocês participando desse processo de pesquisa.
Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter fornecido condições para que pudesse concluir a pesquisa.

Agradeço aos meus pais e meus avós que fizeram de tudo para que eu estivesse aqui hoje, sem vocês eu não conseguiria nada disso. Muito Obrigado!
À minha companheira, Mariana. Escolheram para nós a via mais tortuosa, enfrentamos o mundo que desabou embaixo de nossos pés, fomos ao fundo de tudo, mas estamos levantando. Juntos. Se você não estivesse aqui, não sei o que seria de mim. Eu te amo!
Aos meus amigos, vocês são a família que eu escolhi e que me escolheram. Cada um de um jeito, fez o máximo por mim! Agora eu consigo voltar a aparecer!

Muito obrigado a todos.

Marielle Vive! Hoje e sempre! Ubuntu!

Epígrafe

“Só me chamam pra enterro, ninguém me convida pra comer bolo de noiva.”
Gentil Cardoso

“Meu treinador é Deus/ Me escalou pra jogar/ Olhou pro banco e disse:/ Zica, vai lá!”
Leandro Roque de Oliveira – ‘Emicida’

RESUMO

Negro no Campo, Branco no Comando: Técnicos Negros de Futebol e Questões Raciais

Identificando a escassez de técnicos negros de futebol nos principais clubes do Brasil e entendendo o futebol como fenômeno sociocultural constitutivo da cultura e da sociedade, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a limitada presença técnicos negros no futebol brasileiro a partir da discussão dos conceitos de raça, racismo, identidade e construção da identidade negra e de produções historiográficas sobre a introdução e popularização do futebol no Brasil. Além da revisão bibliográfica, a pesquisa faz uso da análise de discurso e de narrativas para a analisar entrevistas orais de dois técnicos negros de futebol e narrativas extraídas de entrevistas públicas para mídia esportiva do técnico Jorge Luis Andrade da Silva, conhecido como Andrade. A partir das análises, a pesquisa tem como proposta a entender questões sobre a trajetória de treinadores negros no futebol e verificar a agência do racismo no impedimento e/ou na escassez de negros em posições de comando intelectual e entender a construção identitária de um homem negro e as estratégias utilizadas para esta construção. A pesquisa indica que a escassez e exclusão de negros em posições de comando é uma parte da agência do racismo na sociedade brasileira, além da influência em construções identitárias e na visão do lugar do negro na sociedade.

Palavras-chave: Raça; Racismo; Identidade; Futebol; Técnicos Negros

ABSTRACT

Black on Field, White on Command: Black Soccer Coaches and Racial Issues

Identifying the scarcity of black soccer coaches in the main soccer clubs in Brazil and understanding soccer as a sociocultural phenomenon constitutive of culture and society, this research has as main objective to understand the limited presence of black soccer coaches in Brazilian soccer from the discussion of the concepts of race , racism, identity and construction of black identity and from historiographic productions about the introduction and popularization of soccer in Brazil. In addition to the bibliographic review, the research uses discourse analysis and narratives to analyze oral interviews of two black soccer coaches and narratives extracted from public interviews for sports media by Jorge Luis Andrade da Silva, known as Andrade. From the analysis, the research aims to understand questions about the trajectory of black coaches in football and to verify the agency of racism in the impediment and/ or the lack of blacks in positions of intellectual command and to understand the identity construction of a black man and the strategies used for this construction. The research indicates that the scarcity and exclusion of blacks in positions of command is a part of the agency of racism in Brazilian society, as well as the influence on identity constructions and the vision of the black's place in society.

Keywords: Race; Racism; Identity; Soccer; Black Coaches

SUMÁRIO

Introdução 9
Capítulo 1 - Questões raciais e futebol 22
1.1 - O conceito de raça 23
1.1.1 - Raça: Imaginação e religião 24
1.1.2 - A raça biológica 26
1.1.3 - Entendimentos atuais sobre a raça 30
1.2 - A Operacionalidade da Raça: Racismo e hierarquia racial 33
1.2.1 - O racismo brasileiro: a democracia racial e o racismo sem racista 37
1.2.2 - Moradia e trabalho como manifestações do racismo 43
1.3 - Identidade, identidade negra e o futebol 48
1.3.1 - Identidade como conceito 51
1.3.2 - Identidade negra e sua construção 53
Capítulo 2 - Futebol, mitos elitizados e exclusão negra 58
2.1 - Os mitos fundadores do futebol no Brasil 59
2.2 - O futebol da Elite Brasileira 66
2.2.1 - O futebol como elemento civilizador do Brasil 66
2.2.2 - As armas de disputa: elite excludente 69
2.2.3 - Estatutos, joias e mensalidades 70
2.2.4 - O campo da Graça e a Elite soteropolitana 74
2.2.5 - Ligas excludentes 76
2.3 - Futebol e os treinadores negros 78
Capítulo 3 - A voz dos técnicos negros 86
3.1 - Trajetória de pesquisa 89
3.2 - Análise das entrevistas 92
3.2.1 - Trajetória de vida 92
3.2.2 - Transições na carreira 97
3.2.3 - Construção de Solidariedades 99
3.2.4 - Relações Sociais no futebol 101
3.2.5 - Identidade negra e o técnico de futebol 104
3.2.6 - Mídia e superação do racismo 105
3.3 - Análise de narrativas - Treinador A e Andrade 106
Considerações Finais 123
Referências Bibliográficas 129
Anexos 137

Introdução

O futebol faz parte da construção da identidade de muitas pessoas, inclusive eu. Sempre fui apaixonado por futebol, principalmente por conta de meu avô paterno e do time que ele me fez escolher, o Clube de Regatas do Flamengo. Não tive a oportunidade de conviver tanto tempo com ele pois meu avô acabou falecendo durante o começo de minha infância. Foi difícil entender que ele havia partido, mas me deixou a paixão pelo Flamengo como herança.

Torcendo pelo Flamengo passei por muitos choros de tristeza e muitos dias de glória, como foi a conquista do Campeonato Brasileiro de 2009. Foi o primeiro título do Brasileirão que acompanhei do começo ao fim, no dia 6 de Dezembro daquele ano. Apesar de já ser nascido quando o clube conquistou os títulos brasileiros de 1987 e 1992, ainda era muito pequeno para acompanhar e entender de verdade o que acontecia, apesar de lembranças que tenho gravadas em minha mente como a final entre Flamengo e Botafogo, em 1992.

Aquele dia me marcou muito mais pela tragédia acontecida antes do jogo, quando o alambrado das arquibancadas superiores do Maracanã cedeu e várias pessoas caíram de lá, algumas ficando penduradas. A imagem disso ficou sempre muito nítida em minhas lembranças. Contudo, 2009 representou uma redenção em vários sentidos e me aproximou muito do que eu penso ter sentido meu avô nos títulos brasileiros de 1980, 1982, 1983 e 1987, além da Copa Libertadores da América e do Mundial Interclubes, ambos em 1981.

Naquele 6 de Dezembro de 2009, o Maracanã lotou de flamenguistas pela possibilidade do título brasileiro ser confirmado depois de tantos anos de espera. Era um dia de muito sol e calor no Rio de Janeiro, não consegui ingresso para o jogo e fiquei em casa naquele domingo com a cabeça a quilômetros de distância, esperando a hora da bola rolar.

O jogo foi nervoso. O Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, sem responsabilidade nenhuma com os rumos da equipe no fim do campeonato, veio com um time de garotos que à época eram um pouco mais jovens do que eu querendo mostrar serviço. O jogo começa, o time do Grêmio sai na frente do placar e o Flamengo logo empata. O primeiro tempo acaba assim, 1 a 1. O título ainda era do Flamengo, mas existia muito

risco com o empate. Começa o segundo tempo com mais nervosismo ainda. Flamengo pressionava, Grêmio respondia puxando contra-ataques em velocidade e seguíamos nossa tortura até os 23 minutos do segundo tempo.

Vinte três minutos do segundo tempo. O meio campo sérvio Dejan Petkovic, camisa 43 do Flamengo pega a bola, a coloca na marcação do quarto de círculo do escanteio e bate na bola com bastante curva em direção a área gremista. O zagueiro Ronaldo Angelim cabeceia e vê a bola morrer no canto esquerdo do goleiro do Grêmio; Angelim tropeça, quase cai e sai comemorando em êxtase, correndo sem direção certa pelo prazer de correr. Flamengo 2, Grêmio 1. Não lembro de ter gritado tanto por alguma coisa em outro momento da minha vida do que nessa hora. A partir dali, foi esperar o apito final e comemorar.

Naquele time, além do fato dos principais jogadores que formavam o elenco campeão brasileiro terem chegado de formas casuais ou pouco respaldadas como foram as vindas de Adriano[1] e Petkovic[2], o Flamengo tinha no seu banco de reservas alguém com uma característica que o diferenciava de vários outros técnicos campeões brasileiros: Andrade é um treinador negro. E não apenas isso, naquele momento ele conseguia o primeiro[3] título brasileiro de um treinador negro depois da mudança do formato de disputa[4] do Campeonato Brasileiro.

O treinador afirmou, ao fim da partida contra o Grêmio, que a conquista do Flamengo e sua trajetória pessoal eram vitórias contra o racismo. Ao conversar com o portal ClicRBS, discutiu sobre a figura do técnico negro no futebol brasileiro, se colocando como exemplo:

> "No futebol brasileiro não tem treinador negro. Talvez eu seja o primeiro negro a conquistar um título brasileiro. Eu ficava naquela, fica aí enquanto não tem outro treinador. Em alguns momentos, isto

[1] Adriano retorna ao Flamengo em 2009 depois de uma série de problemas de indisciplina, sendo o último ainda como jogador da Internazionale de Milão – ITA, quando desapareceu depois de jogar pela Seleção Brasileira e só apareceu novamente para dizer que não voltaria para a Itália. <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2009/05/06/ult59u197733.jhtm>

[2] Petkovic também retornou ao Flamengo em 2009 depois de selar acordo com a diretoria do clube por conta de dívidas que o clube tinha com o jogador. O jogador de 36 anos na época estava desde o ano anterior sem entrar em campo. <https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/05/19/ult5895u628.jhtm>

[3] O recorte foi feito para não gerar dúvida se o treinador Luís Carlos Nunes da Silva, o Carlinhos, pode ser lido como negro ou não. O treinador foi campeão brasileiro pelo Flamengo em 1992, antes da mudança de formato.

[4] O formato de disputa em pontos corridos, onde a equipe que acumular mais pontos ao longo de um número determinado de rodadas jogando todos contra todos, foi adotado para o Campeonato Brasileiro em 2003.

> me deixava chateado. Se não mudasse a diretoria, eu não estaria aqui hoje. Foi uma resposta aos críticos que não acreditavam em mim. Ouvi muitas coisas e provei o contrário. Hoje, as pessoas me veem de outra maneira. Tive que ganhar um título com seis meses de trabalho. Nenhum treinador começou desta forma." (CLICRBS, Florianópolis, 07 dez. 2009) [5]

No início da temporada seguinte, em 2010, Andrade é demitido do Flamengo, apesar do título brasileiro e da classificação para as oitavas de final da Taça Libertadores da América. Mesmo com 70% de aproveitamento no cargo, Andrade, junto com o executivo Marcos Braz, foi demitido com a justificativa de que era preciso reformular o departamento de futebol por conta das confusões dos jogadores extracampo:

> A reestruturação no comando do futebol do Flamengo tem como intenção acabar com os vários problemas da equipe, especialmente com as confusões fora de campo. Só neste ano foram registrados problemas com Petkovic, Adriano e Vágner Love. (ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 23 abr. 2010)[6]

> Era importante falar com todos os envolvidos antes. Além deles, achei que deveria vir até aqui, falar com os jogadores. Foram dois dias confusos, de muitas decisões, mas decidimos tomar essa decisão para preservar a imagem da instituição. Isso vai além de conquistar resultados positivos. Queremos restaurar a harmonia, deixar o ambiente mais saudável para que todos trabalhem bem. O Flamengo está com os salários em dia, com todos os impostos pagos e acho que estamos cumprindo com o nosso papel. Eu não estava sentindo essa tranquilidade no futebol. Apenas na área administrativa. Chegou num ponto que eu precisei tomar uma decisão, uma atitude, para restaurar essa tranquilidade. Esse ambiente é favorável a resultados positivos. (SITE OFICIAL DO FLAMENGO, Rio de Janeiro, 23 abr. 2010)[7]

Após a demissão do cargo de treinador do Flamengo, Andrade sai do Flamengo e não consegue dirigir um clube de expressão na série A do campeonato Brasileiro[8]. Em novembro de 2017, o treinador anunciou, em entrevista para o site

---

[5] "Para Andrade, vitória do Flamengo é um golpe contra o racismo"
http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19,0,2741364,Para-Andrade-vitoria-do-Flamengo-e-um-golpe-contra-o-racismo.html

[6] "Presidente do Flamengo demite Andrade e Marcos Braz"
https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,presidente-do-flamengo-demite-andrade-e-marcos-braz,542160

[7] O trecho é parte da reprodução da coletiva oficial de Patricia Amorim sobre a demissão de Andrade.
http://www.flamengo.com.br/noticias/futebol/confira-na-integra-a-coletiva-da-presidente-do-fla

[8] Entre 2010 e 2017, Andrade comandou o Brasiliense Futebol Clube – DF (2010), Paysandu Sport Club - PA (2011), Boavista Sport Club – RJ (2012), Esporte Clube São João da Barra - RJ (2013), Jacobina Esporte Clube - BA (2015) e Petrolina Social Futebol Clube - PE (2017). Desses clubes, apenas o Brasiliense disputava a primeira divisão do futebol brasileiro, em 2010, e o treinador acabou não conseguindo evitar o rebaixamento da equipe do Distrito Federal. O Paysandu também jogava em âmbito nacional, mas na terceira divisão do Campeonato Brasileiro. Nos outros clubes, Andrade foi contratado para disputar competições estaduais em divisões inferiores em boa parte das oportunidades

GloboEsporte.com, uma pausa na carreira para se dedicar ao ramo empresarial:

> No momento, abri um negócio no Rio, uma empresa de frutas dentro do Ceasa, e estou focado nesse negócio de momento, nada que possa futuramente sentar, conversar e voltar ao futebol. Futuramente, quem sabe? Trago frutas de Juazeiro, Petrolina. Estou focado para ver se vai dar certo. Dando certo, vou continuar nesse meio empresarial. Caso contrário, pensaria voltar ao futebol, estaria aberto a propostas de alguns clubes (GLOBO ESPORTE, Teresina, 27 nov. 2017)[9]

O insucesso na carreira do treinador colocou o racismo e a possível influência do preconceito racial nas trajetórias profissionais de pessoas negras como assuntos centrais na maior parte das aparições do técnico na mídia desde 2010, quando foi demitido do comando técnico do Flamengo.

Outros técnicos como Antônio Julião, Lula Pereira, Antenor Lucas - o "Brandãozinho" -, Agenor Gomes - o "Manga" -, Leônidas da Silva e Gentil Cardoso também têm semelhanças em suas trajetórias: a relação com o futebol em cargos distintos – jogadores e treinadores -, a exclusão, a estereotipagem, a falta de oportunidades. As características são muito parecidas e repetem um padrão: treinadores negros, eternos interinos e funcionários do clube, provaram a sua capacidade com a conquista de vitórias e títulos, mas não conseguiram ter prosseguimento em suas carreiras.

A presença de técnicos negros em times da elite brasileira é limitada, se traçarmos um paralelo com dados mais amplos sobre a questão racial brasileira. Considerando as pessoas classificadas no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como pretas e pardas como a população negra de nosso país (GOMES, 2005), temos uma porcentagem expressiva de 50,7% dos entrevistados, o que representam 97 milhões de habitantes (BRASIL, 2011). Já no meio do futebol brasileiro, de acordo com a análise dos fenótipos relacionados a população negra do Brasil[10] que realizamos dos jogadores dos elencos dos clubes participantes da Série A do Campeonato Brasileiro[11], temos 46,4% de jogadores que podem ser lidos como

[9] "Agora empresário de frutas, Andrade vê Fla em déficit: "Não chegar a liberta seria fiasco". https://globoesporte.globo.com/pi/futebol/noticia/agora-empresario-de-frutas-andrade-ve-fla-em-deficit-nao-chegar-a-liberta-seria-fiasco.ghtml

[10] Segundo Osório (2003), existem três métodos de identificação racial e eles podem ser aplicados com variações: A auto atribuição de pertença; a heteroatribuição de pertença e; a identificação de grandes grupos populacionais. Me utilizo da heteroatribuição de pertença, no qual "outra pessoa define o grupo [racial] do sujeito" (OSÓRIO, 2003, p.8, grifo nosso), por ter baseado a análise nas fotos disponibilizadas dos elencos pelos clubes do futebol brasileiro.

[11] Os clubes disponibilizam as informações e fotos sobre os elencos profissionais em seus sites. A

negros.

A partir desses dados, voltamos nossos olhares para os técnicos de clubes brasileiros da Série A. Nos últimos três campeonatos brasileiros (2016, 2017 e 2018) o número de treinadores que poderiam ser lidos como negros flutuou bastante. Em 2016, ao fim do Campeonato Brasileiro, eram dois – Jair Ventura, no Botafogo de Futebol e Regatas, e Marco Aurélio de Oliveira, mais conhecido como "Marcão", técnico interino no Fluminense Football Club. No ano seguinte, apenas Jair Ventura continuou sendo técnico, ainda no Botafogo, mas já em vias de deixar o clube. Em 2018, dois treinadores começaram o campeonato brasileiro treinando o Santos Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras, ambos de São Paulo. Os dois foram demitidos antes do término do primeiro turno.

Um dos caminhos para entender a agência do racismo na escassez de negros como técnicos dos grandes times de futebol do Brasil é a partir dos conceitos de raça e racismo, além de como se constrói o racismo no Brasil. Frantz Fanon (2008) argumenta que o negro sempre teve seu reconhecimento condicionado ao branco, ao que o branco reconhecia dele. E esse reconhecimento se dava "através de mil detalhes, anedotas, relatos" (FANON, 2008, p. 179), através do medo, da violência, da animalização, da exclusão. Para ter um lugar no mundo, "no paroxismo da dor, só há uma solução para o infeliz preto: provar sua brancura aos outros e sobretudo a si mesmo [...] É porque o preto pertence a uma raça "inferior" que ele tenta assemelhar-se à raça superior." (FANON, 2008, p.179).

As noções de raça que foram trabalhadas ao longo da história a partir da filosofia, da religião, da biologia, da antropometria e, por fim, da sociologia e da antropologia, começam em um conceito de raça imaginado, que define os habitantes de terras não alcançadas como monstros. A religião cristã é utilizada para criar uma noção mais aceitável da raça, que apesar do que se esperava com as navegações e o contato

---

estatística foi feita com base na categoria 'população negra', citada anteriormente no texto e utilizada por Nilma Lino Gomes (2005); me utilizei da "heteroatribuição de pertença" (OSÓRIO, 2003) para realizar a estatística com base nas imagens de todos os 674 jogadores de futebol relacionados como profissionais dos 20 clubes participantes da Série A do Campeonato Brasileiro. 313 se encaixaram nas características que os encaixa na categoria 'população negra'. A estatística foi realizada após o término das inscrições para o Campeonato Brasileiro de 2017, quando os elencos se consolidam até o fim do campeonato. Em 2018, como as janelas de transferências nacionais e internacionais ainda continuarão abertas até o fechamento deste trabalho, os elencos podem sofrer alterações, logo, é preferível que se continue com os dados de 2017.

com outros povos do novo mundo, não muda muito do conceito imaginado de raça e acaba por justificar a desumanização e hierarquização das raças.

Quando o conceito teológico não dá mais conta das justificativas para a hierarquia racial, se encontram conceitos a partir de questões biológicas que regem questões morais e subjetivas como a preguiça, promiscuidade, indolência, agressividade, inteligência etc. Apesar de hoje as ciências terem a noção de que os conceitos raciais anteriores são racistas e preconceituosos e traçarem conceitos de raça com base na sociologia, ainda se têm muitos resquícios do conceito biológico de raça nas práticas racistas e no racismo estrutural da sociedade.

O racismo na sociedade atinge, inclusive, os processos de identificação dos negros no Brasil. Esse racismo, que age na noção de uma raça inferior, faz com que os negros tenham consequências na forma como se veem e se colocam nos papéis sociais que exercem.

Percebi, já em minha vida adulta, o que realmente era ser negro. Internamente, entendia que minha pele era de uma cor e existiam peles de outras cores. Sempre tive essa percepção, muito por fazer parte de uma família inter-racial. Porém, faltava entender como o mundo me via. Percebi, então o ônus que ser negro me traz e me trouxe ao me situar como um corpo negro na sociedade em que me insiro, Esta sociedade que não me vê como alguém capaz de ser mais que um suspeito ou digno de confiança, seja para exercer uma posição que demande mais que os músculos, seja para qualquer outra coisa. A partir do entendimento do lugar que a sociedade me coloca, tenho como único meio de mudança o combate ao racismo que coloca a mim e a outros negros e negras nesse lugar de subalternidade e exclusão.

Meu entendimento sobre o que fazer para mudar a sociedade me levou a mexer nessa ferida tão dolorida que é o racismo e entender como o Brasil ainda não consegue, por exemplo, enxergar negros com possibilidades de exercer bons trabalhos em posições importantes; ainda que se diga democrático em relação às raças que compõem seu povo. Penso que o futebol é um dos campos que poderia me permitir pensar a questão racial que teve influência na formação do país, da cultura e da sociedade.

O futebol é um campo familiar para mim. Tenho alguns conhecimentos em diferentes olhares sobre o tema e faz parte da minha personalidade e de minhas experiências. Mas não quer dizer que não é também um tema que me causa

estranhamento, assim como me causa estranhamento os signos que a cor da minha pele e da pele dos sujeitos dessa pesquisa trazem para muita gente. Por conta da empatia, de tentar me colocar num lugar que me é estranho, e por conta do estranhamento de um campo que me é familiar, que pretendo fazer esse estudo. Sobre a observação de temas estranhos e familiares, faço uso do debate entre Roberto DaMatta (1978) e Gilberto Velho (1978).

Roberto DaMatta (1978), ao mostrar as transformações possíveis da pesquisa acadêmica, fala sobre os conceitos de "estranho" e "familiar". Os conceitos dizem respeito aos possíveis temas de pesquisa, que podem ser estranhos ou familiares ao pesquisador. O trabalho do pesquisador é fazer as transformações dos temas, transformando o estranho em familiar e o familiar em estranho. Segundo o antropólogo,

> [...] [A primeira transformação] do exótico em familiar - corresponde ao movimento original da Antropologia quando os etnólogos conjugaram o seu esforço na busca deliberada dos enigmas situados em universos de significação sabidamente incompreendidos pelos meios sociais do seu tempo." (DAMATTA, 1978, p. 28)

Quando o pesquisador tenta entender um tema que é estranho a ele – uma cultura, uma sociedade etc. – ele vai fornecer explicações acerca desse tema com o objetivo de transformá-lo em algo familiar, conhecido. É o que faz a tradição antropológica, como Bronislaw Malinowski quando vai para as Ilhas Trobland[12] ou o próprio Roberto DaMatta vai entender aspectos da sociedade Apinayé[13]. A segunda transformação – do familiar em exótico – é um "Auto-exorcismo", é olhar para o seu mundo particular e mergulhar dentro dele. Entender a nossa sociedade, os elementos que a constituem (DAMATTA, 1978, p.28).

A partir da argumentação proposta pelo antropólogo, o futebol e as questões raciais da sociedade são temas familiares e o meu trabalho como pesquisador é mergulhar nesses temas e torna-lo exótico. Então, realizo nesse trabalho um 'auto-exorcismo', o que torna tudo mais doloroso. Ter conhecimentos sobre futebol e sobre a identidade de homem negro que carrego fazem do tema dessa pesquisa algo familiar, mas com alguns estranhamentos, já que não sou um técnico de futebol.

Nisso, fica a dúvida: estaria estudando o exótico ou o familiar? Não estou indo

[12] MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].
[13] DAMATTA, Roberto. Um Mundo Dividido: A Estrutura Social dos Apinayé. Petrópolis:Vozes, 1976

para outra sociedade estranha para responder questões, mas também não estou observando um mundo que me é completamente familiar, já que não conheço certas coisas além da minha vivência ou do conhecimento não-formal ou simplesmente técnico. Para entender isso e responder às minhas dúvidas, recorro a Gilberto Velho (1978).

Ao problematizar as transformações que Roberto DaMatta (1978) aponta, Gilberto Velho (1978) faz relativizações que ajudam a entender em que lado me encontro ou se me encontro em lado nenhum. Segundo o autor:

> O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente. [...] Da janela de meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil enquanto a alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos estes indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com a sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado. Não só o meu grau de familiaridade, nos termos de Da Matta, está longe de ser homogêneo, como o de conhecimento é muito desigual. No entanto, todos não só fazem parte de minha sociedade, mas são meus contemporâneos e vizinhos. Encontramo-nos na rua, falo com alguns, cumprimento outros, há os que só reconheço e, evidentemente, há desconhecidos também. (VELHO, 1978, p. 126)

Me encontro ali, tratando de algo com que tenho familiaridade, como o futebol e as questões raciais, mas que não é necessariamente conhecido profundamente. A única coisa que a familiaridade com esses assuntos me proporciona é o entendimento da existência de algo que Gilberto Velho (1978, p. 127) trata como a hierarquização das categorias sociais e da realidade. Segundo ele, esse processo de hierarquização é o que vai produzir mapas sociais e colocar cada categoria social num lugar específico por meio da estereotipagem dessas categorias. A criação de estereótipos, a formação do mapa social, além de hierarquizar, se relaciona intimamente com o poder, sua manutenção e propagação. Esse mapa, segundo Velho,

> [...] nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se,

> inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder "pôr-se no lugar do outro". (VELHO, 1978, p. 127)

O processo de me entender como pesquisador, como um pesquisador negro que pretende pesquisar a sociedade em que está inserido através do futebol, algo por que sou apaixonado desde criança e atravessa minha vida em diferentes momentos, faz parte do processo de descoberta da pesquisa, de entender o que é familiar e o que é exótico nessa pesquisa. Minhas experiências e vivências fazem parte do mapa que tenho para entender o mundo, ler a sociedade. É a partir dele que pretendo analisar o que, à primeira vista, parece familiar, mas que vai me mostrar que é também exótico, estranho para mim. Portanto, entendo que, como ser contraditório e complexo que sou, me proponho a estudar uma sociedade tão ou mais contraditória e complexa, a partir do filtro que tenho, sem perder rigor científico. Voltando a Gilberto Velho (1978), o autor conclui o assunto ao afirmar:

> Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, pode-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas, etc., permitindo remapeamentos da sociedade. O estudo do rompimento e rejeição do cotidiano por parte de grupos ou indivíduos desviantes ajuda-nos a iluminar, como casos limites, a rotina e os mecanismos de conservação e dominação existentes. (VELHO, 1978, 131-132)

Portanto, o que pretendo nessa pesquisa é romper com o cotidiano das relações raciais que agem no contexto do futebol. Esta pesquisa tem como tema as questões raciais acerca construção de narrativas sobre de treinadores negros do futebol brasileiro. A pesquisa tem como objetivo geral compreender a limitada presença técnicos negros no futebol brasileiro a partir da discussão sobre conceitos ligados à questão étnico-racial brasileira e, consequentemente, do futebol brasileiro; da revisão bibliográfica sobre a história do futebol no Brasil e a relação dos negros com o futebol, incluindo os treinadores; e da análise de entrevistas com dois treinadores negros do futebol brasileiro e das narrativas produzidas nessas entrevistas.

A pesquisa tem como objetivos específicos: (a) discutir os conceitos de raça e

racismo e o racismo na sociedade brasileira que permeia a história e a formação do povo brasileiro, e como o racismo se insere no futebol; (b) entender, através do fenômeno sociocultural do futebol, como a sociedade se coloca a respeito dos seguintes aspectos: o lugar dos negros na sociedade, a representação social do negro no Brasil e a influência dessa representação nos lugares ocupados pelos negros (ou que lhes são permitidos ocupar); (c) a partir das entrevistas e relacionando-as com os conceitos trabalhados, entender questões sobre a trajetória de treinadores negros no futebol e verificar a agência do racismo no impedimento e/ou na escassez de negros em posições de comando intelectual; (d) entender, a partir da análise de entrevistas e narrativas, a construção identitária de um homem negro e as estratégias utilizadas para esta construção.

Temos como hipóteses que a ideologia racista, historicamente construída na sociedade brasileira, acaba afetando fenômenos socioculturais como o futebol. Como até hoje não foi possível romper com estes referenciais, os desdobramentos do racismo brasileiro se revelam no esporte, por exemplo, através da ocupação de lugares subalternos pelos técnicos negros e nas barreiras que estes profissionais encontram para o seu reconhecimento profissional. Outra hipótese que pode ser levantada é sobre o tratamento superficial da sociedade a respeito do racismo, que torna o assunto invisível a partir da ideologia baseada no mito da democracia racial. Mesmo com o processo de mudança que ocorre em razão da repercussão de casos de discriminação no esporte, o racismo é um assunto 'não-discutível', o que restringe a discussão na sociedade.

A partir da compreensão do conceito cunhado por Emile Durkheim (2007) de fato social, que consiste em "toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior" (2007, p.13) e de suas características que consistem em "maneiras de agir, de pensar e sentir, exteriores ao indivíduo[14], e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele" (2007, p.3), é possível definir o racismo como um fato social e que é passível de ser observado.

O conceito de racismo pode ser pensado inicialmente a partir da definição de Nilma Lino Gomes (2005), que afirma que o racismo é "um comportamento, uma ação

[14] Quando Durkheim (2007) discute sobre a característica do fato social ser externo ao indivíduo, compreende-se que o fato social não é algo inato, que nasce com a pessoa, assim como as ações biológicas como comer, beber, respirar etc. Os fatos sociais são construídos e internalizados pelas pessoas.

resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc." (GOMES, 2005, p. 52). Gomes (2005) também conceitua o racismo como "um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores" (2005, p. 52). O racismo é, portanto, um fato social que age em dimensões individuais e coletivas. O racismo se configura como uma maneira de fazer ou agir, um comportamento, que tem poder de exercer sobre indivíduos que possuem pertencimento racial observável e que esse pertencimento corresponde ao de uma raça que é considerada inferior por alguém ou por um conjunto de imagens e ideias.

Então, nesta pesquisa, pretende-se trabalhar o pertencimento racial negro, inferiorizado perante a hierarquia racial posta como verdade universal pelo conceito biológico de raça. Este conceito classifica as raças por meio de fatores observáveis que servem de base para suposições de ordem moral e subjetivas, como, por exemplo, considerar a preguiça, a sexualidade exacerbada ou a falta de inteligência características da raça negra.

No decorrer da pesquisa, por meio da revisão bibliográfica dos conceitos de raça e racismo e seus contextos, iremos ampliar a compreensão desses termos, por meio das contribuições de Nilma Lino Gomes (2005), Stuart Hall (2005; 2006; 2011), Kabengele Munanga (1988; 2003; 2004), Clóvis Moura (1994), Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2005), Lélia Gonzalez (1982), Lilia Moritz Schwarcz (1996; 2010; 2012), Frantz Fanon (2008), Thomas E. Skidmore (1991), entre outros.

Ignácio Cano (2007) mostra que os estudos que se pretendem buscar sentido a uma ou mais ações se filiam de forma mais eficiente a técnicas qualitativas do que às quantitativas. Isso não configura impossibilidade, mas apresenta uma tendência nos estudos das sociedades. Como a pesquisa se pretende a investigar um fato social (o racismo) e as consequências que a coerção proveniente desse fato social tem em relação a determinados indivíduos dentro do futebol, os treinadores negros de futebol, vejo que as técnicas qualitativas são as mais indicadas para realizar a pesquisa; logo, essa pesquisa se dará por meio da pesquisa qualitativa.

Para Cano (2007), as pesquisas qualitativas se propõem a entender a realidade a partir de uma compreensão profunda dos contextos que formam essa realidade e da

interpretação dessa realidade feita pelos sujeitos pesquisados; portanto, se pretendo entender um dado da realidade - a escassez de técnicos negros nos principais times do Brasil -, preciso entender os contextos e conceitos relacionados a essa realidade e saber a interpretação que os sujeitos que se encontram nessa realidade fazem dela. Para isso, utilizarei a revisão bibliográfica de conceitos dos autores anteriormente citados e pesquisas baseadas em dados historiográficos relacionados ao futebol no Brasil e da América do Sul, de autores como Mario Filho (2010 [1964]), Henrique Sena dos Santos (2014), Leonardo Affonso de Miranda (1998), Celso Unzelte (2005), Fatima Antunes (1992), Pablo Alabarces (2018), Gilmar Mascarenhas de Jesus (1998), entre outros.

Serão utilizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas como fonte de produção de dados para os métodos de análise de conteúdo e análise de narrativas a partir dos conceitos de construção da Identidade, de face, defesa da face e footing, de Erving Goffman (1967; 2002).

No primeiro capítulo, aprofundamos os conceitos de raça, racismo e identidade. A contextualização histórica do conceito de raça aborda os conceitos construídos ao longo dos tempos com vistas a apresentar justificativas para as navegações europeias, a colonização e a escravidão, além de outros processos estruturados pela hierarquia social. São discutidas operacionalização do conceito de raça, que se configura no racismo e as especificidades do racismo no Brasil, bem como a influência do mito da democracia racial na ideologia da sociedade brasileira. Por fim, os conceitos de identidade e identidade negra são apresentados e aprofundados.

No segundo capítulo desse trabalho, a partir das questões relacionadas à introdução e popularização do futebol no Brasil, tratamos dos mitos fundadores do futebol no Brasil, o futebol como símbolo da civilização para a elite brasileira e as ações da elite contra os negros e as classes subalternizadas pela disputa do discurso dominante no futebol. Por último, apresentamos alguns dos técnicos negros da história do futebol brasileiro e questões do racismo que afetaram as suas carreiras.

Por fim, no terceiro capítulo, são apresentadas as ferramentas metodológicas trabalhadas na produção e análise de dados a partir das entrevistas realizadas com dois treinadores negros com passagens por clubes da elite do futebol brasileiro recentemente e entrevistas públicas para mídia televisiva do técnico Jorge Luis Andrade da Silva, o Andrade. A partir da análise, são discutidas questões como as trajetórias profissionais

desses treinadores, a formação da identidade negra e a relação com o futebol, a ocupação racial dos papéis sociais no futebol brasileiro, o número escasso de treinadores negros no futebol do Brasil e medidas possíveis para a superação do racismo no Brasil (e no futebol, consequentemente) e a visão dos treinadores sobre o tratamento da mídia brasileira sobre o racismo, além das análises de narrativa a partir de conceitos de Liliana Bastos (2004) e Erwing Goffman (1967; 2002), como falado anteriormente.

Capítulo 1 – Questões raciais, identidade e futebol

O futebol pode ser compreendido como um fenômeno sociocultural. A partir disso, o futebol "não é um dado de natureza; não é um elemento a-histórico ou a-político" (DAOLIO, 1998, p. 112). Portanto, o futebol não pode ser visto de forma descolada da sociedade e de sua formação. Não é uma simples sistematização (regras) de práticas corporais. É um fenômeno feito por pessoas, seres sociais, que se desenvolvem a partir da interação. Clifford Geertz (1989) defende, primeiramente, a cultura como teias de significados tecidos pelas pessoas e essas teias as enlaçam. Então, a cultura é um conjunto de significados e conceitos elaborados pela humanidade e que estão atrelados a ela, que a forma (GEERTZ, 1989). Podemos, então, pensar o futebol como uma dessas teias, logo, um elemento que constitui a cultura.

Reiner Hildebrandt (1988) atrela a existência do esporte à noção do fenômeno social, já que ele só existe por conta dos seres humanos, dos indivíduos que o compartilham socialmente. Jocimar Daolio (1998) também faz a junção entre esporte e fenômeno social quando diz:

> O homem, ao longo de sua história, de cerca de quatro milhões de anos, foi construindo uma cultura ligada às questões corporais, de movimento, de lazer, de saúde, produzindo um vasto conhecimento sobre essas dimensões. Assim foram sendo criados os jogos, as danças, as técnicas de luta, as formas de utilização e o cuidado com seu corpo e, mais recentemente, o esporte." (DAOLIO, 1998, p. 112)

Por ser um fenômeno social, o esporte pode ser tratado por inúmeros olhares; sociológicos, antropológicos, históricos etc. Porém, como discute Roberto DaMatta (1982) existe a disposição de interpretar o futebol de forma isolada da sociedade. Entende-se o futebol em uma esfera oposta à sociedade. Indica, portanto, uma relação de enfrentamento, redução e determinação, uma relação entre duas esferas com funcionamentos distintos.

Essa visão alimenta, por exemplo, a visão do futebol como 'ópio do povo'. Caracterizar o futebol como uma distração, pode ser compreendido como uma oposição entre o futebol e a sociedade. (DAMATTA, 1982). É uma visão que pode provocar a desvalorização das pesquisas sobre este fenômeno, questionando a relevância do tema. Hilário Franco Junior (2017) destaca que a afirmação do futebol como 'ópio do povo' tem raízes na referência Marxista sobre a religião ser um instrumento alienador, que

tiraria o senso crítico das pessoas, em especial dos proletários. A correlação foi construída ao entender que o fato do futebol ser uma atividade provoque divertimento, entretenimento, entusiasmo, devoção, paixão e animação nas pessoas, consequentemente, seria uma atividade alienadora, assim como qualquer outra atividade que causem sensações e sentimentos da mesma ordem (FRANCO JUNIOR, 2017). DaMatta (1982) explica que o uso da expressão 'ópio' já atribui ao futebol características como sendo algo que é sem utilidade prática, que é uma atividade que não exige grandes elaborações e esforço mental (DAMATTA, 1982).

Essas características, de ser incapaz de grandes elaborações e esforço mental como poderemos ver a seguir, servem também como forma de caracterizar a parcela negra da sociedade. Isso se dá por conta dos conceitos de Raça, que classificaram e hierarquizaram as raças humanas por conta de elementos observáveis como a cor da pele e atribuíram definições de moral e de subjetividade aos grupos raciais. Além disso, podemos colocar a influência da ideologia racista, que aproveita os diferentes conceitos de Raça ao longo da história e os operacionaliza, como um norte na discussão sobre a exclusão que os negros acabam sendo impostos, inclusive, em fenômenos socioculturais como o futebol.

1.1 – O conceito de raça

Inicialmente, pretendo definir o conceito de raça e mostrar como foi trabalhado para legitimar atrocidades cometidas contra grupos étnicos não-brancos. A ideologia a partir dos conceitos de raça se traduziu, por exemplo, na escravização de africanos negros trazidos ao Brasil como mão-de-obra para o desenvolvimento da colônia portuguesa e enriquecimento dos senhores que viriam a formar a elite brasileira. Definir os conceitos de raça elaborados durante a história é essencial para compreender acontecimentos da sociedade brasileira que afetaram a representação de negros e negras e particularidades do futebol no Brasil.

A etimologia da palavra raça, que vem de sua origem em latim, *ratio*, que compreende as noções de categoria e espécie. (MUNANGA, 1988), já nos dá pistas de como o conceito era elaborado. Antes do conceito de raça baseado na biologia, os povos dominantes já se utilizavam das diferenças para demarcar as relações de poder. Os

romanos já chamavam os outros povos de “bárbaros” (SCHWARCZ, 1996). Nessa próxima seção, abordaremos dois “conceitos” de raça: a raça imaginada e a raça teológica.

1.1.1 – Raça: imaginação e religião

Na era clássica, onde as navegações em busca de novos territórios e riquezas tiveram seu auge, o debate sobre os diferentes povos que os navegadores se depararam a chegar em terra alimentou uma noção rudimentar do que eram as diferentes raças. Nesse momento, a base documental que se usava eram os relatos dos viajantes. Dos mais famosos, Lilia Moritz Schwarcz (2012) cita os portugueses Pero Vaz de Caminha e Pero de Magalhães Gandavo, além de Américo Vespúcio.

Gandavo e outros viajantes, ao relatar sobre o novo mundo, tratavam de destacar como o diferente meio ambiente era exótico e parecia com o que se poderia imaginar como um paraíso. Porém, Gandavo também tinha observações a fazer sobre os nativos dessa nova terra, que viria a ser o Brasil. Para o viajante, os nativos eram "bárbaros gentios", um perigo iminente com suas armas em punho mas que, 'por obra de Deus', estavam agrupados em multidões separadas e esses grupos teriam "grandes ódios e discórdias", além disso, identificava nos índios a 'falta' de letras em seu idioma e estranhava o costume de andarem sem roupas ou qualquer tipo de cobertura e se espantava com o canibalismo dos índios. Para Gandavo, a terra e os habitantes eram opostos, céu e inferno num mesmo lugar. (SCHWARCZ, 2012)

Relatos de viajantes sobre o encontro com os africanos também eram a forma documental de saber como eram os nativos da África. Porém, segundo Kabengele Munanga (1988), os viajantes já tinham uma imagem desses nativos por conta de sua imaginação e da teoria dos climas, que se baseava na premissa de que as temperaturas muito altas ou muito baixas são uma barreira para o desenvolvimento dos nativos dessas regiões, o que os tornaria "bárbaros"- visão essa que ainda foi utilizada por muito tempo, mesmo depois da época das navegações, como mostrarei a seguir. Foi com essa visão que os europeus partiram para a África e, ao contrário do que se pode esperar, a visão sobre os nativos não saiu muito do que era propagado antes do encontro entre eles:

> A idéia de gente sem cabeça ou com ela no peito, com chifres na testa, ou com um só olho, gente com rosto de cão faminto e coisas do gênero dominava os escritos ocidentais sobre a África nos séculos XV, XVI e XVII. Embora reconhecendo as diferenças físicas e culturais entre negros encontrados no continente, os europeus ficaram mais impressionados pelos aspectos que vários povos tinham em comum: a cor da pele, o cabelo, a forma do nariz e dos lábios, a forma da cabeça etc. Desses traços físicos, considerados elementos coletivos, 'montou-se' um negro geral. (MUNANGA, 1988, p.10)

Os colonizadores Europeus no século XV encontravam na religião cristã justificativas para subjugar os povos que consideravam inferiores. Eles se apoiavam no mito bíblico de Cam[15], filho de Noé, que foi amaldiçoado por seu pai depois de encontra-lo nu depois de beber vinho e foi contar a seus irmãos. Noé, sabendo disso, amaldiçoa Cam a ser servo de seus irmãos e seus filhos teriam a cor da pele mais escura. Isso bastava. A cor da pele mais escura bastava para que os Europeus se sentissem livres de consciência e pudessem atacar outros povos. "Nesta ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho" (MUNANGA, 1988, p.11). Os cristãos prontamente colocaram a pecha de "pagãos" naqueles que eles não compreendiam os costumes e culturas (SCHWARCZ, 1996)

Segundo Kabengele Munanga (1988), Portugueses, Franceses, Espanhóis etc. saem da Europa nas suas embarcações com o objetivo de 'conquistar' riquezas e territórios e acabam desembarcando na África e nas Américas. Após terem encontrado e aniquilado civilizações inteiras na América – seja com suas armas, seja com suas doenças – os Europeus precisavam de gente que trabalhasse para construir suas colônias nas terras usurpadas. Na África, encontram civilizações organizadas politicamente mas com pouco desenvolvimento tecnológico bélico, o que para os Europeus era motivo para considera-los menos civilizados e, dessa forma, passíveis de serem atacados e mandados para suas colônias de subsistência como mão-de-obra. Os Europeus, em menor número mas com suas armas e a crença em sua superioridade em relação aos Africanos, desprezaram e destruíram qualquer tipo de herança cultural e histórica que os negros possuíam e os colocaram como seres ilógicos, primitivos.

[15] A passagem sobre a maldição de Cam se localiza na Bíblia em Gênesis, 9: 20-27. Dependendo da tradução, o nome varia entre Cam, Cã ou Cão.

1.1.2 – A raça biológica

A explicação bíblica do ser humano vir do casal fundamental já não era o bastante e muitos filósofos, pensadores, cientistas e naturalistas se debruçaram sobre o debate. A partir disso e das diferenças identificadas entre os homens e mulheres de cada continente de acordo com a cor da pele e os distintos modos de vida destas pessoas, pensaram-se as raças.

Em 1684, o antropólogo francês François Bernier (1625 - 1688), após suas viagens exploratórias, escreve o primeiro documento conhecido a realizar um trabalho de classificação racial de seres humanos. Em "*Nouvelle Division De La Terre, Par Les Differentes Especes Ou Races D'hommes Qui L'habiten*", Francois Bernier categoriza a população da terra em quatro grupos raciais distintos.

A "primeira raça" compreendia Europeus, Norte-Africanos, Sul-Asiáticos e os povos nativos das Américas. (MAHFOUZ, 2016). O que Bernier vai chamar de primeira raça compreende os povos já conhecidos, que participavam das negociações comerciais e das primeiras navegações. As outras raças, provenientes da África Subsaariana (chamada África Negra) e a Ásia Oriental foram sendo descobertas com as navegações colonizadoras nos séculos anteriores e, pela dúvida que o encontro com esses povos de costumes e aparências tão diferentes daqueles que chegaram proporcionou, a humanidade desses povos foi questionada. Colocar esses povos em raças distintas servia como forma de sistematizar e operacionalizar a diferença.

Alguns povos da Ásia, como os da Mongólia e da China, foram classificados por Bernier em uma raça diferente da "primeira raça". Porém, Bernier os considerava "praticamente brancos", o que colocava os Europeus - a elite dominante e o resto da população europeia - e Asiáticos com a mesma origem racial. A diferença nos tons de pele "branca", para Bernier, se devia apenas por fatores climáticos como o nível de exposição aos raios solares que cada povo era submetido por conta da sua posição geográfica. Considerá-los com menores diferenças entre eles do que em relação aos africanos definia relações de poder: quem podia escravizar e quem podia ser escravizado (ANOOSHAHR, 2018).

O modelo de categorização de Bernier teve influência nos estudos antropológicos posteriores. Um exemplo são as teorias de Johann Friedrich Blumenbach

(1752-1840), que serviram de base para a criação e justificativa do movimento eugênico e da persistência da escravização de pessoas de raças "inferiores" e o tráfico delas para as Américas, em grande parte (MAHFOUZ, 2016). O fisiologista e antropólogo alemão, categorizou as raças humanas de acordo com a cor da pele, região geográfica e determinações do clima em: Caucasiana (Branca); Etiópica (Negra); Mongol (Amarela); Malaia (Parda) e; Americana (Vermelha). A classificação de Blumenbach se baseavam na teoria da degeneração da raça, que determina a raça Caucasiana ou Branca como a original e as outras como degenerações da raça original (FERREIRA, 2012). O Brasil, colônia Portuguesa, foi um dos países que mais se beneficiou do tráfico negreiro e foi o último país a abolir a escravidão, assunto que abordarei mais à frente.

Anterior a Blumenbach, o naturalista sueco Carl Von Linné (1707-1778), conhecido na língua portuguesa como Lineu, elaborou outra classificação racial dos seres humanos. Partindo da mesma ideia que ele conceituou sobre a classificação racial das plantas, dividiu os humanos em quatro distintas raças. Kabengele Munanga (2003) mostra que a classificação consistia em Americano, Asiático, Africano e Europeu:

> Americano, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.
> Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.
> Africano: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes(despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.
> Europeu: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertados. (MUNANGA, 2003, p.9)

Pelas classificações e suas características, é possível perceber que Lineu parte de generalizações morais, físicas e subjetivas das classificações raciais e coloca o Europeu como o modelo do que é bom e correto. Todos os não-brancos apresentam características ruins, que parecem vir de degenerações dos Europeus. Outro que pensou a divisão dos seres humanos em raças foi o Conde de Buffon, em 1749. Para ele, as raças também eram resultados de mutações sofridas e determinadas pelo clima.

Os humanos que viviam no clima temperado eram bonitos e bem feitos, por viverem em ambiente perfeito. As outras raças, por essa determinação climática, se afastavam ou se aproximavam desse ser humano fundamental. O negro era o que mais se afastava, por sua cor, seus cabelos crespos, seus traços do rosto, seu cheiro corporal,

seus costumes. O negro, para Buffon, era agressivo, violento, rude, primitivo, supersticioso, preguiçoso e debochado. (MUNANGA, 1988). Já os habitantes do novo mundo – as Américas -, por conta do clima exótico que produzia fauna e flora fora dos padrões, eram seres frios (SCHWARCZ, 2012).

O século XIX traz, segundo Lilia Moritz Schwarcz, a 'contribuição' teórica de que os elementos externos e fenotípicos são definidores morais das raças. A Antropometria ganha destaque por caracterizar ainda mais as classificações raciais a partir de medições cranianas e avaliação de partes da face como nariz, lábios e queixo. (SCHWARCZ, 2012; MUNANGA; 2003).

A biologia era grande fonte para os postulados dos darwinistas sociais, através de determinismos biológicos. As teorias deles tinham como objetivo fazer diferenças biológicas entre os seres humanos determinarem questões históricas, econômicas, políticas e sociais se tornarem fatos inquestionáveis. (SCHWARCZ, 2012). Clóvis Moura (1994) completa: "Surge, então, a ideia de raça como chave da história. Ela aparece exatamente na Inglaterra com Robert Knox (*Races of Men*, 1850) e na França com Arthur de Gobineau (*Essai sur l'inégalité des races humaines*, 1855)" (MOURA, 1994, p.2). As teorias raciais e o termo raça não funcionaram com neutralidade; essas ideias apoiaram os estudos eugenistas no Brasil, sobre os quais falarei mais a frente, como os do médico Nina Rodrigues e de Silvio Romero.

Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) foi um diplomata e filosofo social francês que formulou sua teoria racial no trabalho sobre a desigualdade das raças humanas. Sua teoria tinha fortes bases antidemocráticas e antissemitas, o que acabou sendo apropriado por todos que se identificavam com essas ideias, principalmente o ditador alemão Adolf Hitler. Gobineau trabalhava uma noção essencialista de raça, balizando o racismo na diferença biológica entre os individuos. Seu discurso racista, portanto, usava da biologia como forma de dar legitimidade ao racismo que pregava. O teórico trabalhava, principalmente, com a noção de que a raça Ariana era superior a todas as outras raças e que a raça negra está, realmente, no fim da hierarquia racial.

Outro que proclamava a superioridade do povo alemão e influenciou o pensamento de Hitler foi Houston Stewart Chamberlain (1855-1927). Chamberlain afirmava que a superioridade alemã se dava por conta de sua descendência teutônica ou ariana. Acreditava numa raça pura, livre das interferências de outras raças inferiores.

Além de Gobineau e Chamberlain, outros membros da sociedade cientifica mundial do século XIX como Francis Galton, Josiah Nott e George Gliddon, David Hume, Immanuel Kant, Wilhelm Hegel e Otto Weininger também tiveram escritos nesse sentido, de tratar os negros como pertencentes a raças inferiores, entre o fim do século XIX e o começo do século XX (SANI, 2013)

Além de Bernier, Blumenbach, o Conde de Buffon, Gobineau, Chamberlain e todos os outros que foram citados anteriormente, vários outros cientistas, filósofos, naturalistas e pensadores como Cornelle de Pauw, Helvétius, Voltaire, Hegel, von Spix, von Martius etc. contribuíram, cada um dentro de sua área de conhecimento, com suas teorias sobre o ser humano, suas origens, mutações e determinações. Todas essas teorias, positivas ou negativas, pessimistas ou otimistas, tinham duas coisas em comum: o homem branco europeu como o centro de sua análise e os povos das Américas e da África como o "outro". Quando se apontam essas duas variáveis, por mais que os caminhos de cada teoria sejam diferentes de acordo com as experiências de cada teórico, com a metodologia de suas pesquisas e com o campo científico que se colocam, o resultado gira sempre em torno do mesmo ponto: criar a imagem do "outro".

E quando se cria essa imagem, partindo desse Eurocentrismo, tudo o que esse “outro” é e produz se torna menor; enquanto a Europa era o berço do conhecimento, da civilização, da cultura e da arte, o conhecimento, a arte, os costumes, a cultura, a política e a sociedade do “outro” são desvalorizadas, primitivas, feias e sem lógica. O que a Europa não entendia era menor.

1.1.3 – Entendimentos atuais sobre a raça

Existe, hoje, o esforço de pesquisadores e integrantes de movimentos sociais com olhar suficientemente atento para as demandas da população negra para elaborar novos conceitos sobre a raça que não sejam fundamentados em determinações biológicas para estratificar as relações raciais. Porém, o preconceito e a discriminação raciais se baseiam nos resquícios de teorias raciais como as abordadas no item anterior. Como Nilma Lino Gomes (2005) observa, classificar pessoas como bons ou ruins, racionais ou emotivos, honestos ou desonestos, opiniões essencialistas da pior classe

ainda é baseado no imaginário racial produzido historicamente. E isso se aprende normalmente, todos os dias:

> Quem já não ouviu na sua experiência de vida frases, piadinhas, apelidos voltados para as pessoas negras, que associam a sua aparência física, ou seja, cor da pele, tipo de cabelo, tipo de corpo, a um lugar de inferioridade? Ou à sexualidade fora do normal? Aprendemos tudo isso na sociedade: família, escola, círculo de amizades, relacionamentos afetivos, trabalho, entre outros. A questão mais séria é: por que aprendemos a ver o outro e, nesse caso, o negro, como inferior devido a sua aparência e/ou atributos físicos da sua origem africana? (GOMES, 2005, p.47)

O racismo estrutural que afeta a sociedade brasileira, para Nilma Lino Gomes (2005), coloca negras e negros em posições de inferioridade e risco de morte por conta da cor de suas peles. A pele negra se torna um determinante mais forte para decidir os caminhos da vida de uma pessoa do que seu caráter e sua capacidade (GOMES, 2005). Gomes (2005) discute ainda que o racismo estrutural influenciou a omissão do Estado Brasileiro em relação a negras e negros libertos pela abolição da Escravidão:

> Além disso, porque o histórico da escravidão ainda afeta negativamente a vida, a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos em nosso país. Some a isso o fato de que, após a abolição, a sociedade, nos seus mais diversos setores, bem como o Estado brasileiro não se posicionaram política e ideologicamente de forma enfática contra o racismo. Pelo contrário, optaram por construir práticas sociais e políticas públicas que desconsideravam a discriminação contra os negros e a desigualdade racial entre negros e brancos como resultante desse processo de negação da cidadania aos negros brasileiros. Essa posição de "suposta neutralidade" só contribuiu ainda mais para aumentar as desigualdades e o racismo. (GOMES, 2005, p. 47)

Mesmo antes da abolição da Escravidão no Brasil, as ações do Governo Imperial contra o tráfico negreiro – a Lei Feijó (1831) e a Lei Eusébio de Queiroz (1850) – e para emancipar os cativos gradativamente – Lei do Ventre Livre (1871) e Lei dos Sexagenários (1885) – tiveram motivações muito distantes do bem estar dos cativos e libertos. As leis foram motivadas pela pressão externa da Grã-Bretanha, eram elaboradas para não prejudicar os senhores de escravos e não eram fiscalizadas pelo Estado, o que permitia fraudes e o não cumprimento deliberado das leis (SOARES, 2007; ALONSO, 2014; DOMINGUES, 2014).

O entendimento das relações que os usos dos conceitos em torno da Raça geraram é importante na medida em que esses usos geram comportamentos e ações que acabam refletindo na sociedade desde o colonialismo até hoje. É extremamente válido que exista o debate a respeito do uso (ou não) da categoria raça e da aplicabilidade do

sentido sociológico desse conceito, por exemplo. Porém, na medida em que hoje em dia ainda se sofre com os estereótipos sobre o negro, que piadas são feitas com esses pressupostos, que existem pessoas negras morrendo apenas pelo fato de serem negras, que ainda temos grande parte da camada mais empobrecida da população brasileira e de muitos outros países sendo formada por negras e negros, que os empregos com melhores remuneração ainda não são para os negros, ainda que a qualificação seja igual ou superior a de qualquer pessoa branca e entre outras muitas situações que eu poderia continuar exemplificando, não se pode desconsiderar o conceito de raça para a construção de uma narrativa social sobre a pessoa negra.

Para Stuart Hall (2006) a categoria Raça se constrói em torno de poderes políticos, econômicos, culturais e sociais. Usada anteriormente com um sentido biológico como justificativa para exclusão e hierarquização social, se faz imensamente útil novamente para negar políticas afirmativas com viés racial. Utilizando a biologia como perspectiva, justifica-se que não existem diferenças raciais, considerando apenas a existência de uma raça humana, o que invalidaria as medidas de restituição baseadas em cortes raciais

Nilma Lino Gomes (2005) trabalha ainda com a noção de operacionalidade do conceito de raça no sentido biológico. A raça nesse sentido é útil para justificar a desigualdade, segregação e exclusão social, além da desigualdade socioeconômica, que faz com que negros não tenham as mesmas condições de saúde, moradia, emprego, etc. (GOMES, 2005).

> Não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como negros e brancos são vistos e tratados no Brasil, a raça tem uma operacionalidade na cultura e na vida social. Se ela não tivesse esse peso, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nós, para identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. E mais, não seriam usadas para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros em nosso país. É essa mesma leitura sobre raça, de uma maneira positiva e política que os defensores das políticas de ações afirmativas no Brasil têm trabalhado. (GOMES, 2005, p. 47)

Em contraponto, adotar o termo em seu sentido sociológico é marcar seu posicionamento político, "considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete" (GOMES, 2005, p. 47). Mesmo negada por muitos cientistas que visavam tirar a carga ideológica do conceito de raça, a difusão dessa ideologia serviu e continua servindo para criar e alimentar racismo por meio dos estereótipos, do ódio racial. O uso da raça pela sociologia admite que o conceito tenha passado a ser definitivamente uma

categoria da sociedade que define lógicas de dominação e exclusão (MUNANGA, 2004).

Por fim, concordo com Gomes (2005) que caracteriza as raças como "construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico" (GOMES, 2005, p.49). Perceber as diferenças em uma sociedade que preza pela equidade e por mostrar que, apesar dessas diferenças, elas não significam nenhum aval para afirmar desigualdades é completamente diferente do uso hierarquizado que o conceito de raça possui dentro de uma sociedade desigual, como a nossa. Sendo assim, podemos conferir o que os autores definem como o Racismo.

1.2 – A operacionalidade da raça: Racismo e hierarquia racial.

A hierarquização racial é a prova concreta do processo de operacionalização da raça. A passagem do conceito biológico de raça para a ideologia "esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação" (MUNANGA, 2004, p. 22). Essa ideologia respaldada pela essencialização de grupos de pessoas em volta de características físicas, psicológicas, morais, intelectuais e estética é o Racismo. (MUNANGA, 2004)

O racismo é uma prática discursiva com uma lógica particular, que pretende justificar a desigualdade social e as diferenças culturais. A justificativa se dá no campo da diversidade da natureza humana e a sua hierarquização e dá contornos à exclusão racial, como se fosse algo natural e estanque, impassível de mudança. O racista, aquele que guia seus agenciamentos e seus pensamentos de acordo com essa definição hierarquizada de raça, traz essa ponto de vista e enxerga a sociedade dividida nesses grupos sociais superiores e inferiores em diferentes aspectos como a cultura e a religião.

A elite francesa do século XVII, por exemplo, se utilizou dessa operacionalidade do conceito de Raça para se diferenciar das classes inferiorizadas e subalternas da França. A elite francesa se acreditava melhor do que a plebe por pertencerem a uma pretensa “raça pura”, descendendo dos Francos, enquanto a base mais pobre da sociedade francesa vinha dos Gauleses (MUNANGA, 2004). Os Francos, nessa lógica, eram aqueles que deveriam governar a França, por serem superiores aos outros. Esse uso, segundo Kabengele Munanga (2004), pode ser definido como o "Racialismo":

> [...] se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. [...] Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. E o fizeram erigindo uma relação intrínseca ente o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais" (MUNANGA, 2004, p. 21).

O exemplo que Kabengele Munanga apresenta se aplica muito bem à realidade brasileira. A elite colonial no Brasil se utilizou das justificativas que a religião cristã e o conhecimento científico eurocêntrico forneceram para que não se questionassem as razões reais para a escravidão de negros e negras e ações dentro da dinâmica do sistema escravista como a separação de grupos étnicos e a mistura desses grupos para que perdessem referenciais como a cultura e a língua, a desconsideração dos costumes, da cultura e da religião desses negros escravizados os obrigando a incorporarem os elementos próprios dos colonizadores, a desumanização dessas pessoas negras para considera-los como ferramentas ou objetos de direito e a subordinação do negro perante ao branco.

Kabengele Munanga (2004) e Stuart Hall (2006) definem a intersecção entre a crença cristã sobre o negro e as teorias biológicas sobre a raça como o Racismo moderno. Para Hall, o racismo moderno tem mais ligação com a etnicidade por conta da adição de características culturais e religiosas na diferença. Em determinado momento, Hall afirma, os dois se unem quando a exclusão pela cor da pele se mistura à exclusão cultural e religiosa, são partes do racismo.

> A "negritude" tem funcionado como signo da maior proximidade dos afro-descendentes com a natureza e, consequentemente, da probabilidade de que sejam preguiçosos e indolentes, de que lhes faltem capacidades intelectuais de ordem mais elevada, sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hipersexualizados, tenham baixo autocontrole, tendam a violência etc. Da mesma forma, os estigmatizados por razoes étnicas, por serem "culturalmente diferentes" e, portanto, inferiores, são também caracterizados em termos físicos (embora talvez não tão visivelmente quanto os negros), sustentados por estereótipos sexuais (os negros seriam excessivamente masculinizados, os orientais afeminados etc.). O referente biológico nunca opera isoladamente, porem nunca está ausente, ocorrendo de forma mais indireta nos discursos de etnia. [...] Portanto, o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo. Na maioria das vezes, os discursos da diferença biológica e cultural estão em jogo simultaneamente. (HALL, 2006, p. 70-71)

Na lógica do racismo, os elementos visíveis como a cor da pele, o formato do nariz, a estrutura capilar e corporal não andam separados dos elementos não-visíveis como a cultura, o conhecimento, os estereótipos atribuídos aos negros. Os elementos visíveis apenas permitem a materialização e o funcionamento do racismo no cotidiano (HALL, 2006).

Kabengele Munanga (1988) também fala sobre "a desvalorização do negro". Ele discute que o racismo não fica apenas na teoria, ele é vivido diariamente no cotidiano. O comportamento racista do outro é um conjunto de reflexos que são adquiridos na infância como a fala e a marcha e é reafirmado na escola e na sociedade, todos os dias. É incorporado ao ser, suas ações e gestos corriqueiros. "Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. [...] O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro". (FANON, 2008, p.160). Esse tipo de racismo é um instrumento muito poderoso de manutenção de status quo.

> A sociedade colonial teme a ruptura da ordem e do equilíbrio estabelecidos em seu favor. Para que isso não ocorra, encastela-se, intocável, explorando e pilhando a maioria negra, utilizando-se de mecanismos repressivos diretos (força bruta) e indiretos (preconceitos raciais e outros estereótipos)." (MUNANGA, 1988, p.25)

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães amplia os conceitos de raça e racismo ao afirmar que "as hierarquias sociais podem ser justificadas e racionalizadas, por conseguinte, de diferentes modos, fazendo, todas, apelo à ordem natural" (GUIMARÃES, 2005, p.32) e essa ordem natural é um conceito que pode ter inúmeras bases – teológica, cultural, científica – e vem para justificar uma hierarquização social e torna-la intransponível (GUIMARÃES, 2005). A ordem natural, ou naturalização, pode justificar inúmeros '-ismos' como o sexismo e o preconceito de classe, e também justifica o racismo.

Já Clóvis Moura (1994) afirma que o racismo moderno, científico, tem relação direta com o desenvolvimento capitalista da economia mundial. O racismo justifica a dominação, discriminação e preconceito com pressupostos científicos e surge por conta da insuficiência das justificativas sobrenaturais. A partir deste momento, passa a ser utilizada a seleção natural como argumento, ao afirmar que os brancos foram bem sucedidos em suas caminhadas evolutiva pois eram superiores em relação aos outros, negros e amarelos. Sobre isso, Moura (1994) completa:

> Desta forma explica-se o sistema colonial e o pilar de seu êxito: de um lado, exterminar as populações autóctones das áreas ocupadas e, de

> outro, justificar o tráfico negreiro com a África, um dos fatores mais importantes da acumulação capitalista nos países europeus. As populações autóctones não tinham direito aos territórios onde viviam por serem primitivas; e às africanas, que já sofriam a maldição bíblica de Cam, juntava-se agora seu atraso biológico, sua semelhança e proximidade com os mais primitivos espécimes da raça humana, quer dizer, eram antropoides que se desviaram de sua árvore genealógica. Com isso, o chamado processo civilizatório tinha o respaldo da ciência. A afro-América, que compreendia, no século XVIII, o Caribe (Antilhas, Guianas), e grande parte da América espanhola continental (costa do Peru, partes do que são hoje a Venezuela e a Colômbia) já estavam inteiramente dominadas, e a justificativa para a sua dominação era a mesma: a incapacidade inata (biológica) que os nativos tinham para se civilizarem." (MOURA, 1994, p. 3).

Moura discute ainda que, de uma forma aparentemente cíclica, a depender da conjuntura histórica e política, o racismo ganha força como uma ideologia de dominação, que justifica a continuidade e expansão dessa dominação

> O racismo é um multiplicador ideológico que se nutre das ambições políticas e expansionistas das nações dominadoras e serve-lhe como arma de combate e de justificativa para os crimes cometidos em nome do direito biológico, psicológico e cultural de "raças eleitas". Há também o racismo interno em várias nações, especialmente nas que fizeram parte do sistema colonial, através do qual suas classes dominantes mantêm o sistema de exploração das camadas trabalhadoras negras e mestiças. (MOURA, 1994, p. 2)

Para Moura (1994), a intensa implantação do sistema colonial e a posterior mudança para o sistema imperialista fizeram com que os povos dominantes tivessem a 'necessidade' de formar um bloco com força hegemônica. O 'branco' passa a ser a representação do Europeu, unido mesmo com toda a diversidade étnica dos povos do continente, visando a contraposição aos povos à margem desse eurocentrismo. Os outros povos eram considerados não civilizados, dependentes. Moura destaca ainda que, por uma necessidade da conjuntura, o racismo se sofistica com o imperialismo. Ao dizerem que os movimentos de libertação dos povos colonizados não tinham conotação e motivação política, colocam os povos colonizados como apolíticos, incapazes de se organizar. São povos que não seguem os padrões eurocêntricos de política e, assim, são ditos como "revoltas intertribais, movimentos atípicos" (MOURA, 1994, p. 6). O racismo vai servir de muleta para o colonialismo. Por se julgarem superiores racialmente, roubar riquezas e culturas dos povos 'não-brancos' era justificável dentro desta hierarquia racial.

O racismo, por ter tantas formas e ser extremamente mutável, nos confronta com perigos muito claros e outros nem tanto. Sobre isso, Kabengele Munanga discute algo importante. O uso indiscriminado do racismo pode levá-lo à banalidade. Mas como

assim? Os efeitos do racismo são muito intensos e extensos, mas a lógica de banalização pode fazer com que os casos em que a denúncia é pertinente sejam desconsiderados. É o que Munanga vai chamar de "armadilha ideológica" (MUNANGA, 2004, p. 26). O autor também destaca a importância de se reforçar o combate ao racismo:

> Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam nossas representações e imaginários coletivos. Enquanto o racismo clássico se alimenta da noção de raça, o racismo novo se alimenta da noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um léxico mais aceitável que a raça (falar politicamente correto)" (MUNANGA, 2004, p. 27).

Concordo com Munanga quando ele explica que o uso da palavra etnia em substituição à raça por motivos de conforto e buscar ser politicamente correto, esconde o uso ideológico. O conceito de etnia se baseia no grupo de pessoas que, histórica ou mitologicamente, compartilham ancestrais, territórios, cosmovisões e a língua (MUNANGA, 2004). O conceito de etnia é importante em certa medida, quando, por exemplo, se quer explicar a diferença da divisão Europeia da África e a divisão das etnias africanas, mas ao falar de racismo, não importa muito a etnia, o subjugado e subalternizado continua sendo o mesmo: o negro. Stuart Hall, ao evidenciar a possível confusão entre racismo e diferença cultural, também acaba corroborando nesse sentido. Não precisamos fazer a dicotomia raça x etnia, racismo x diferença cultural. O racismo focado em estereótipos provenientes do fenótipo de um grupo e o preconceito em relação às culturas e religiões diversas das dominantes são, segundo Hall, faces de um mesmo processo excludente. É tudo racismo.

1.2.1 – O Racismo Brasileiro: a democracia racial e o racismo sem racista

O racismo no Brasil tem origem em nossa história escravocrata e ganha diferentes contornos na medida em que a Escravidão é abolida em 1888, quando a elite da época se dá conta que todos os brasileiros terão os mesmos direitos, inclusive os negros escravizados, vindos da África (GUIMARÃES, 2005). É a gênese do racismo moderno, que Antônio Sérgio Alfredo Guimarães define como “a ideia de que as desigualdades entre os seres humanos estão fundadas na diferença biológica, na natureza e na constituição mesmas do ser humano” (GUIMARÃES, 2005, p. 10-11).

O racismo no Brasil tem diferentes características do racismo de outros países e outras sociedades. O Brasil acabou se caracterizando por um racismo que alterna manifestações explicitas e práticas sutis. O racismo brasileiro é permeado pelo mito da democracia racial que ao afirmar que nosso país tinha sua população formada pela mistura das raças e, consequentemente, acaba por horizontalizar falsamente a hierarquia racial existente em nossa sociedade.

A democracia racial mitificada afirma uma suposta igualdade de condições entre as raças e isso dificultou a implantação de políticas de reparação e equiparação raciais, as 'ações afirmativas', e o ensino de uma cultura não eurocêntrica, multicultural nas escolas brasileiras, por exemplo (MUNANGA, 2004).

Thomas E. Skidmore (1991), discute que a elite brasileira precisou desenvolver uma ideologia que desse conta de racionalizar o fato da sociedade brasileira ser uma sociedade multirracial, principalmente a partir de meados do século XIX, quando as leis contra o tráfico negreiro e as leis emancipatórias entram em cena, mesmo com as limitações que citamos anteriormente.

A ideologia assimilacionista foi desenvolvida em meio às teorias do racismo científico e a coexistência se tornou uma questão. As teorias pregavam a superioridade da raça branca - com a qual as elites concordavam - mas colocava a hibridização como um perigo mortal para a continuidade da supremacia branca. Como a sociedade brasileira já lidava com a realidade de ser uma sociedade multirracial, a elite brasileira precisou encontrar uma resposta que fosse uma intersecção entre as teorias raciais, a superioridade branca e a sociedade multirracial.

A resposta se configurou a partir da inversão dos pressupostos básicos da supremacia branca. A elite brasileira garantia que a hibridização ia embranquecer a sociedade brasileira justamente pela supremacia branca. O branqueamento, nome que a elite conferiu à ideologia assimilacionista segundo Skidmore (1991), era a saída perfeita para o dilema da elite: o Brasil continuaria com a superioridade branca, a sociedade gradativamente seria branqueada, seria criada uma raça brasileira cada vez mais branca e o racismo não seria mais uma questão (SKIDMORE, 1991).

A democracia racial, propagada por vários estudiosos brasileiros com destaque para Gilberto Freyre, vem como contraponto a ideologia assimilacionista. Freyre, segundo Skidmore (1991), "produziu a apologia por excelência das virtudes da

miscigenação. Defendeu [...] os efeitos benéficos e criativos da mistura do colonizador português com o índio e o africano."

Petrônio Domingues (2005) define a democracia racial como um "sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação" (DOMINGUES, 2005, p. 116). É uma definição meramente formal, já que na realidade concreta, os negros e negras continuavam a ser excluídos depois da abolição; o mito da democracia racial postulava que a raça não era mais um motivo para os negros serem inferiorizados e excluídos o que acabava determinando que o acesso aos bens materiais, aos serviços e melhores condições de trabalho e moradia dependiam única e exclusivamente do esforço de negras e negros, segundo o discurso também adotado convenientemente pela elite. “[...] o fracasso na vida do negro devia ser interpretado como consequência das suas próprias deficiências, pois o sistema oferecia igualdade de oportunidades a todos, negros e brancos, indistintamente. (DOMINGUES, 2005, p. 117).

Gilberto Freyre faz uso do conceito de democracia racial para valorizar a identidade nacional. O autor pernambucano acreditava intensamente no poder e na influência das realizações de negros e mestiços na sociedade, principalmente em áreas esportivas e culturais. Para Freyre, os feitos provavam que a raça e a mestiçagem não poderiam ser critérios de desqualificação da formação social brasileira como postulavam cientistas brasileiros baseados no positivismo, darwinismo social e determinismo biológico, como Nina Rodrigues, Renato Kehl e entidades da sociedade civil como a Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923, objetivando “a melhoria na assistência aos doentes mentais, através da modernização do atendimento psiquiátrico” (SEIXAS, MOTA e ZILBREMAN, 2009, p.82) mas, por influência política e ideológica, mudou seu foco de atuação para a criação de uma população dita melhorada (SEIXAS, MOTA e ZILBREMAN, 2009).

O mito da Democracia Racial abrange também o futebol, assim como outras práticas esportivas e manifestações culturais. Segundo Gilberto Freyre (2003), o sucesso brasileiro no futebol seria a vitória, ou uma das vitórias, do povo mestiço, brasileiro (FREYRE, 2003). Freyre (1936) observou em “Sobrados e Mucambos”:

> [...] ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro, entre os atletas, os nadadores, os jogadores de foot-ball, que são hoje, no

> Brasil, quase todos mestiços. [...] Predomina o pardo. O mestiço. Pardos e mestiços, que vêm enfrentando vantajosamente os brancos e os pretos nos jogos, nos torneios, nos exercícios militares" (FREYRE, 1936, p. 362)

Segundo Lilia Moritz Schwarcz (2010), Gilberto Freyre via a sociedade brasileira por meio da ótica da diferença, ressaltando a mestiçagem como um fator fundante do povo brasileiro e do Brasil com nação; um país que, diferente do exemplo de outros países, tem suas singularidades culturais adquiridas por meio da mistura das raças e assimilação das culturas que produziram uma cultura única, brasileira. Freyre tenta, dessa forma, ressignificar a miscigenação, colocada como fator negativo no processo de formação da sociedade brasileira pelos eugenistas. Se eles diziam que a mistura das raças feita de forma indiscriminada seria o motivo para o brasileiro ser frágil e degenerado, Freyre - e outros autores contemporâneos - afirmavam que a identidade nacional se daria nessa diferença. (SCHWARCZ, 2010)

Hermano Vianna (2002) destaca que muito se caracterizou uma das principais obras de Freyre, o livro Casa Grande & Senzala como uma "ruptura com o tipo de reflexão sobre a cultura brasileira que vinha sendo feita até então" (VIANNA, 2002, p.75); ruptura essa que invertia os valores atribuídos à mestiçagem, seja em seu caráter degenerativo - que pensava a mistura de raças como um fator de desvalorização - ou como uma possibilidade 'positiva', quando se pensava no branqueamento da população brasileira por meio da entrada dos imigrantes europeus no Brasil e nos cruzamentos genéticos que a presença deles permitiria.

A acomodação das contradições culturais entre aqueles que formam a sociedade brasileira é uma base de entendimento para o que Gilberto Freyre pensa dessa unidade nacional. Seria como um marceneiro que une peças de diferentes fontes de madeira e as cola para fazer um vaso. São diferentes elementos, muitas vezes contraditórios, que são unidos, polidos e aplainados e formam a cultura. O futebol, assim como outras expressões culturais, para Freyre, são partes do processo.

> Como se pode notar, nem tão distante estávamos da representação vitoriosa dos anos trinta, quando o mestiço transformou-se em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura; isto é: no samba, na capoeira, no candomblé e no futebol. [...] a valorização do nacional é sobretudo uma retórica que não tem contrapartida na valorização das populações mestiças que continuam a serem discriminadas. Nesses termos, entre o veneno e a solução, de descoberta a detração e depois exaltação, essa forma extremada e pretensamente harmoniosa de convivência entre os grupos foi, aos poucos, sendo gestada como um verdadeiro mito de

> Estado; sobretudo a partir dos anos trinta quando a propalada idéia de uma “democracia racial”, formulada por Arthur Ramos, mas exemplarmente desenvolvida na obra de Gilberto Freyre, foi exaltada de forma a se menosprezarem as diferenças diante de um cruzamento racial singular. (SCHWARCZ, 2010, p.8)

Vindo da Europa, o *football* sofre as influências da cultura brasileira e se torna outra coisa: o futebol brasileiro. Porém, em nome da manutenção e proteção de uma unidade cultural do Brasil, acaba por pretender o apagamento das culturas em nome de uma nova cultura e indica que as culturas anteriormente não seriam completas.

> Por outro lado, paralelamente à essa construção da mestiçagem “como produto nacional”, um claro processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados, se afirma. Esse é o momento em que o candomblé, a capoeira, o carnaval viram “brasileiros” e perdem, aos poucos, sua referência a um grupo de origem. (SCHWARCZ, 2010, p.11-12)

Freyre considerava que o samba seria algo primitivo se somente guardasse sua influência africana. O pensamento era o mesmo em relação ao futebol. Criou-se uma identidade futebolística nacional, que supera o futebol vindo da Europa com nova interpretação que o Brasil de todas as raças faz do *football.* Florestan Fernandes critica a democracia racial ao afirmar que se confunde tolerância racial com democracia racial (FERNANDES, 1972).

Para Florestan Fernandes, a democracia racial é impossível de ser alcançada. O Brasil é guiado por um padrão de relação social construído por e para uma sociedade escravista. Com efeito, as relações raciais são configuradas de modo a manter a relação entre negros e brancos sob o signo da sujeição, hierarquizada. Enquanto as relações se derem nesse nível, a distância socioeconômica e política entre negros e brancos continua existindo. Fernandes (1972) afirma ainda que:

> Os resultados da investigação que fiz [...] demonstram que essa propalada "democracia racial" não passa, infelizmente, de um mito social. É um mito criado pela maioria e tendo em vista os interesses sociais e os valores sociais dessa maioria; ele não ajuda o "branco" no sentido de obrigá-lo a diminuir as formas existentes de resistênciaa à ascensão social do "negro"; nem ajuda o "negro" a tomar consciencia realista da situação e lutar para modificá-la, de modo a converter a "tolerância racial" exisente em um fator favorável a seu exito como pessoa e como membro de um estoque "racial" (FERNANDES, 1972, p.41)

O mito da democracia propagava um ideal de um Brasil miscigenado, onde seu povo, sua cultura e sua identidade seriam essencialmente brasileiras. Porém, como Florestan Fernandes previa, o ideal da democracia racial não se concretizou. Continuamos um país extremamente desigual, racialmente inclusive. Kabengele

Munanga (2004) alerta ainda que a realidade que se apresenta do nosso país não permite o uso de expressões como "cultura negra" e "etnia branca" no singular. Admitindo a massificação cultural incentivada pelos meios de comunicação, ainda assim é preciso olhar o negro e o branco como sujeitos atravessados por inúmeras condições e culturas. Portanto, Munanga sugere o uso dos termos no plural, abarcando os povos nas análises, mas sem se esquecer da diversidade entre os povos que compartilham alguma semelhança. É um posicionamento semelhante ao que propõe o uso de outras determinações na análise social. Munanga define a questão dizendo que

> [...] nesse sentido, os afro-baianos produzem no campo da religiosidade, da música, da culinária, da dança, das artes plásticas, uma cultura diferente dos afro-mineiros, dos afro-maranhenses e dos negros cariocas. [...] Os descendentes de italianos em todo o Brasil preservaram alguns hábitos alimentares que os aproximam da terra mãe; os gaúchos do Rio Grande do Sul tem também peculiaridades culturais [...] que os diferenciam dos baianos. Assim como a identidade cultural se constrói com base na tomada de consciência das diferenças provenientes das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais etc., se delineiam no Brasil diversos processos de identidade cultural, revelando um certo pluralismo tanto entre negros, quanto entre brancos e entre amarelos, todos tomados como sujeitos históricos e culturais e não como sujeitos biológicos ou raciais" (MUNANGA, 2004, p. 32).

Mas a pluralidade na identidade cultural não impede a tomada de consciência de classe que forma uma identidade política mais homogênea, buscando combater a conservação do status quo. Acrescento que não acredito ser possível se discutir a subalternidade nas sociedades, principalmente na brasileira, se não levarmos em conta outras determinações importantes como a classe, o gênero e a sexualidade. O branco rico e o branco pobre nunca estarão em pé de igualdade, mesmo compartilhando de uma raça que é enxergada pela lente da hierarquia racial como superior. Assim como a mulher heterossexual e outra que seja homossexual ou uma mulher trans. Elas não estão em pé de igualdade, ainda que sejam todas mulheres.

O racismo à brasileira é de um tipo especial. Ele cresce e aparece sem "existir" realmente aquele que o pratica. É um racismo insistentemente negado, não assumido. O racismo no Brasil se dá nos mínimos detalhes.

> [...] vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta, muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no

> mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do pais. Quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. (GOMES, 2005, p. 46-47)

A característica 'negação' do racismo à brasileira também se apresenta de outra forma. Na medida em que se acredita que somos um povo miscigenado, tal qual a fala de Gilberto Freyre que perdura até hoje, vemos a negação da identidade negra e a consequente tentativa de se embranquecer.

A operacionalidade e existência do racismo no Brasil tem uma forma de atuação que Nilma Lino Gomes conceitua ao dizer que é um "racismo sem racista". O racismo no Brasil é alimentado pela crença de que o racista é sempre o outro, nunca você mesmo. Isso acaba por tornar o racismo um assunto invisível, como se falar sobre só alimentasse a opressão, porém é o exato contrário. Na medida em que não se fala abertamente sobre raça, racismo e questões raciais em geral, isso se torna assunto do outro, algo que apenas negras e negros tenham que lidar e assim que o assunto é pontuado, o movimento imediato é o apagamento.

Definir uma hierarquia racial tem, em sua concepção, a manutenção de uma ordem pré-estabelecida. A partir do conceito de Raça com base na biologia, a hierarquia racial coloca a raça "branca" como a melhor em diversos aspectos, definindo parâmetros de beleza, inteligência, retidão, criatividade etc. Estar no ponto mais alto dessa hierarquia significa o poder tácito de comandar as outras raças "inferiores", "amarela" e "negra".

Como dito anteriormente, a hierarquia define dominantes e dominados, elite e plebe. Se não houvesse a hierarquia racial no Brasil, a escravidão não seria possível por conta das bases cristãs da sociedade brasileira, uma grande herança da colonização portuguesa, (FERNANDES, 1972, p. 42) ainda que se tenha utilizado de outras questões teológicas para justificar a inferioridade de negros e negras. A hierarquia também alimentou a ideia de que o negro era "beneficiado" pela escravidão, que em sua condição cativa, teria mais condições de sobrevivência pois tinha garantida sua alimentação diária, ao contrário de outros grupos raciais, como os mestiços. E o racismo acaba se manifestando em diferentes tipos de divisões e exclusões, como o trabalho, o

conhecimento científico, sua validade e sua propagação e, até mesmo o espaço a ser ocupado e as condições dele.

1.2.2 - Moradia e trabalho como manifestações do racismo

Lélia Gonzalez (1982) define a manifestação do racismo nos espaços ocupados por brancos e negros como a "divisão racial do espaço". Esta divisão pré-determina o espaço ocupado por cada grupo racial "desde a época colonial até hoje" (GONZALEZ, 1982, p.15). A realidade concreta mostra o poder do racismo na população negra. As relações raciais de poder, de acordo com a ordem estabelecida entre de dominantes e dominados, condicionam psicologicamente a sociedade, sejam negros, mestiços, brancos etc.

Os lugares previamente estabelecidos são naturalizados. Os brancos tem um lugar natural, em moradias confortáveis e amplas, em bairros limpos, urbanizados e "civilizados"; as pessoas brancas e suas casas são "devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída" (GONZALEZ, 1982, p.15). Os negros também têm seu lugar natural: "senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos "habitacionais" (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje" (GONZALEZ, 1982, p. 15); a polícia também age nos lugares naturais dos negros, mas de forma inversa. Servir e proteger dão lugar a punir, violentar, reprimir, atormentar e aniquilar os corpos negros e pobres.

Se torna natural também o estranhamento quando negros tentam ocupar lugares que são naturalmente brancos. O que hoje se manifesta no olhar de cima a baixo, no trajeto seguido pelo segurança, no ônibus com destino a praia parado para revista policial, antes tinha forma na lei de proibição da capoeira, que perdurou de 1890 a 1937, e a posterior lei da vadiagem, posta em vigor em 1941 e somente foi extinguida em 2012. A proibição da capoeira, inclusa no Código Penal sancionado pelo governo republicano recém proclamado com o Marechal Deodoro da Fonseca no comando dizia que:

> Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras
> Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar

> em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;
> Pena de prisão celular de dois a seis meses.
> A penalidade é a do art. 96.
> Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.
> Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400. Com a pena de um a três anos.
> Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.
> Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (BRASIL, 1890)[16]

Já a "Lei da Vadiagem", sancionada no governo de Getulio Vargas, o Estado Novo, estava descrita em dois artigos dentro da lei de contravenções penais:

> Art. 59. Entregar-se alguem habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita:
> Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.
> Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena. (BRASIL, 1941)[17]

Essas duas leis configuravam medidas do Estado que, ao punir "vadios e capoeiras" e pessoas na "ociosidade", punia especialmente os negros. Na medida em que os negros e negras, com a abolição da escravidão no Brasil, passavam da condições de objetos para sujeitos de direito, não tinham nenhum tipo de restituição ou auxilio do estado. As divisões raciais do espaço e do trabalho andam entrelaçadas desde o tempo do Brasil Colônia.

A lei da vadiagem se configura quase como um retorno ao Código Penal de 1890 e às punições aos vadios e capoeiras. As duas leis tinham em comum a punição a negros e negras pelo simples fato de existirem no âmbito público, exercendo ou não sua cultura. Inclusive, é importante destacar que ainda que as duas leis não existam mais na nossa legislação, ainda influenciam o imaginário popular e a ação policial nos dias

[16] BRASIL, DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890, 1890. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

[17] BRASIL, DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941, 1941. Disponível em < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3688-3-outubro-1941-413573-norma-pe.html>

atuais, como é possível pensar lembrando da repressão aos rolezinhos em São Paulo e aos jovens cariocas favelados e/ou de locais mais empobrecidos do Rio de Janeiro quando tentavam ir às praias da Zona Sul.

Os negros e negras que, antes de serem libertos da escravidão e supostamente emancipados em sua condição social, ocupavam a mão de obra responsável pelos trabalhos braçais e domésticos, com grande exigência física, após a abolição da escravatura continuam ocupando esses mesmos cargos de trabalho. Poucos dessas pessoas negras eram alfabetizados e os que eram, só conseguiram se alfabetizar clandestinamente, fora do ambiente escolar ou quando eram crianças geradas pela relação (geralmente não consensual) entre as mulheres negras escravizadas e seus senhores, antes de 1888. No pós-abolição, isso influencia determinantemente na ocupação espacial e na ocupação dos postos de trabalho na sociedade em reorganização.

Como Lilian Fessler Vaz caracteriza, esse período foi marcado por mudanças importantes no Brasil. Foram mudanças de diversas ordens, marcadas pela transição do trabalho essencialmente escravo pelo assalariado, "a formação de mercados e a mercantilização de bens, inclusive a moradia e o trabalho, [...] o desenvolvimento dos setores secundário e terciário da economia, a definição de novas categorias sociais e a substituição de elites no poder, com a queda do império e a proclamação da República" (VAZ, 1994, p. 581-582). Nesse período, com a mudança da dinâmica social de ordens econômica, política, cultural, urbana, espacial, entre outras, os negros recentemente libertos acabaram perdendo suas referências de trabalhos a serem realizados e foram para o centro das cidades em busca de moradia e emprego.

Os moradores dos cortiços, em grande parte, eram famílias de pessoas negras e pobres que, em busca de trabalho, ocupavam o centro das cidades. O que aconteceu com o Cabeça de Porco, aconteceu com outros cortiços que eram considerados, pelas autoridades da época, "a causa da insalubridade, e por este motivo foram condenadas a desaparecer, substituídas por habitações higiênicas" (VAZ, 1994, p. 583-584). As autoridades, instituições e membros da sociedade civil se destacavam de várias formas em relação ao combate às moradias populares.

Levando em conta que a população destes cortiços, como falado anteriormente, era essencialmente de pessoas negras e pobres, a conclusão da mídia e das instituições sobre os moradores dos cortiços reforçava a narrativa construída sobre a população

negra desde as teorias raciais do século XVIII. A relação do negro com elementos degradantes já era feita antes e continuou sendo feita, mesmo depois da abolição da escravidão. Os negros continuavam sendo vistos como pessoas inferiores e moralmente degradadas.

As medidas do Estado visavam manter os cortiços fora das zonas centrais criando impasses para os donos dos cortiços que não conseguiam nem manter os cortiços abertos e nem reformá-los por conta das exigências para o licenciamento das obras, a zona de proibição de cortiços foi se expandindo e as obras de urbanização do centro começaram a ser realizadas e os moradores foram sendo expulsos do centro, indo para os morros no Centro e próximos a ele ou sendo empurrados para as periferias. Com outra medida estatal, de colocar outros trâmites nas obras de construção de casas e, dessa forma, encarecer as construções, os mais pobres foram sendo jogados ainda mais para longe do centro ou para outras favelas (VAZ, 1994).

Aliado das medidas de expulsão de negros e pobres do Centro e, posteriormente da Zona Sul, se criou a noção de que existem pessoas mais propensas a cometer crimes do que outras: o conceito de "classes perigosas", como mostra Sidney Chalhoub (1996). O historiador indica que, a partir de teorias que partem de uma visão de mundo elitizada, deputados debateram nos anos que se seguiram a abolição sobre pessoas que seriam parte de "classes perigosas". Essa classe, para os deputados, seriam definidas pelo ócio, ou seja, quem tem virtude são aqueles que trabalham e conseguem juntar algum dinheiro para ter algum tipo de bem material. Consequentemente, aqueles que não conseguem - os pobres - têm maiores chances de serem viciosos e, logo, perigosos. O conceito atrelava essencialismos sobre a pobreza e sobre uma potencial periculosidade, parte de idealizações sobre o trabalho e a dignidade que o trabalho, o dinheiro e a aquisição de bens materiais atribuem a quem os tem tão essencializados quanto os anteriores. A ideia das classes perigosas passam a guiar as práticas policiais, indicando a premissa de que todos os cidadãos são suspeitos até que se prove o contrário e a existência de pessoas potencialmente suspeitas de crimes ou qualquer situação ilícita. Os negros ficam em situação ainda pior nessa equação, como afirma Sidney Chalhoub (1996):

> Na verdade, o contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de "classes perigosas" no Brasil fez com que, desde o início, os negros se tornassem os suspeitos preferenciais. Na discussão sobre a repressão à ociosidade em 1888, a principal dificuldade dos deputados

> era imaginar como seria possível garantir a organização do mundo do trabalho sem o recurso às políticas de domínio características do cativeiro. Na escravidão, em última análise, a responsabilidade de manter o produtor direto atrelado à produção cabia a cada proprietário/senhor individualmente. Este organizava as relações de trabalho em sua unidade produtiva através de uma combinação entre coerção explícita e medidas de proteção e "recompensas" paternalistas — uma combinação sempre arriscada, aprendida no próprio exercício cotidiano da dominação. Com a desagregação da escravidão, e a consequente falência das práticas tradicionais, como garantir que os negros, agora libertos, se sujeitassem a trabalhar para a continuidade da acumulação de riquezas de seus senhores/patrões? (CHALHOUB, 1996, p.23-24)

Como era de se prever, a mentalidade escravista não iria sumir assim que a Princesa Isabel assinasse a lei Áurea. O entendimento de como se dariam as novas relações de trabalho depois da abolição da escravidão se baseava nas ideias que foram elaboradas, difundidas e alimentadas por mais de 300 anos de escravidão no Brasil. Além das relações de trabalho, a visão sobre o negro foi apoiada por todas as ideias de hierarquia racial que existiam para justificar praticas cruéis e que atrelaram, por séculos, a imagem do Negro à preguiça, indolência, violência, agressividade, pouca inteligência etc.

O período pós abolição e as novas formas de organização social, trabalhista, habitacional e geográfica nos mostra como a mentalidade escravista e racista continuou dando as cartas mesmo após a abolição. E é nesse contexto que a identidade de negras e negros é formada no Brasil, considerando ainda o negro como cidadão menor, doente, com vícios e incapaz de se adaptar a vida pós cativeiro. Por fim, o último item desse capítulo vai tratar do conceito de identidade e da formação da identidade negra.

1.3 – Identidade, identidade negra e o futebol

O futebol recorre aos mitos para fundar e justificar sua trajetória. Muitas dessas histórias são permeadas ou pela emoção – seja de tristeza, de raiva, de alegria ou de redenção – ou pelo humor. Alguns desses ‘causos’ do futebol são velhos conhecidos nossos, como o “campeonatinho mixuruco”[18] de Garrincha, a “camisa com a cor do

[18] A Copa do Mundo de 1958, a primeira vencida pelo Brasil, foi fonte de vários mitos sobre o próprio futebol brasileiro, as “estratégias” para vencer a competição e sobre os destaques da Seleção na Copa. Um desses destaques foi o jogador Garrincha. Conta o mito que, ao fim do jogo do título contra a Suécia, Garrincha supostamente comentou na comemoração que a copa era um “campeonatinho mixuruco, nem segundo turno tem!”

manto de Nossa Senhora Aparecida”[19], entre outros. Um que sempre me chamou muito a atenção é a história do Motorrádio.

A emissora de televisão Tupi, nos anos 1960 e 1970, presenteava o jogador eleito o melhor do jogo com um Motorrádio, um popular aparelho de rádio automotivo. A “cerimônia” de entrega do prêmio, que se dava na beira das quatro linhas (ou dentro delas, já que não se proibia a presença dos repórteres no gramado) ao final do jogo, com toda a condição precária do repórter de campo. Ela consistia na entrega do aparelho e numa pequena entrevista. Agora chegamos ao causo: Um jogador, perguntado sobre o que faria com o motorrádio, teria dito que daria o rádio para a mãe e venderia a moto.

No momento da pesquisa bibliográfica, lembrei dessa história e pensei com mais cuidado sobre ela, depois de fazer algumas pesquisas. Encontrei muitas atribuições à citação. Alguns atribuem a Biro Biro, jogador histórico do Corinthians; outros a Josimar, ex-lateral do Botafogo. Em alguns sites, afirmam que foi o jogador Bira Burro, ex-jogador de Internacional e Paysandu. Aliás, algumas versões são usadas para justificar o apelido de ‘Burro’. A resposta sobre o Motorrádio é apenas uma delas.

Quando se pensa nesses jogadores e na conotação que se dá a essas histórias de supostas gafes, em que se subestima a inteligência de pessoas e cria o estereótipo do ‘jogador de futebol ignorante’, é impressionante constatar o processo de desumanização dessas pessoas. Pessoas que podem sim ter vindo de uma camada mais empobrecida da sociedade, que podem não ter tido acesso a uma educação formal completa por uma série de motivos – ausência de escolas, obrigação de priorizar o esporte para ser o futuro da família etc. -, pessoas que, em sua maioria, têm uma cor de pele em comum.

Ainda são pessoas, não são apenas motivos de risada, de escárnio. No momento em que penso nisso, vejo a necessidade de se pesquisar a respeito do futebol, da sociedade em que o fenômeno sociocultural futebol se insere, influencia e é

[19] A história diz respeito, também, a Copa de 1958. O Brasil havia levado apenas a camisa amarela para a disputa da copa na Suécia. Na final, por sorteio, ficou decidido que a Suécia vestiria a camisa amarela do uniforme principal da seleção nórdica. Alguns representantes da delegação brasileira precisaram ir em lojas suecas para comprar camisas azuis para bordar números e escudos da Confederação Brasileira de Desportos. Segundo Djalma Santos, em entrevista para o portal GloboEsporte.com: “Houve um sorteio e o Brasil perdeu. Tínhamos que trocar a camisa. Foi aquele baque. Por que mudar se estávamos ganhando? Então o Paulo Machado de Carvalho (chefe da delegação) e o Carlos Nascimento foram em uma loja e compraram a camisa azul. O Assis (médico) e o Pinheiro (massagista) se meteram a bordar os números nas costas da camisa. Então o doutor Paulo Machado, que era muito esperto, disse para a gente: 'Vamos trocar pela camisa azul porque é a cor do manto da Nossa Senhora'. Aí acabou o receio de trocar de camisa”.

influenciado, e sobre os homens negros inseridos na sociedade e que buscaram seu espaço no futebol brasileiro.

Parto, então, dos conceitos de Identidade e Identidade Negra, os quais julgo extremamente necessários para compreender a questão racial atrelada ao fenômeno sociocultural que é o futebol e suas particularidades quando falamos da consolidação e popularização dele no país.

No futebol, a ideologia racista e discriminação racial ganham nuances diferentes e esses contornos não são recentes. No momento de mudança do futebol, que Sérgio Leite Lopes (1994) caracteriza como a "[...] transformação das regras mais implícitas do futebol" (LEITE LOPES, 1994, p. 65), a passagem futebol elitizado e "anglófilo" para o esporte "popular" e "nacional", "só foi possível trazendo-se para os campos e os estádios novas categorias de jogadores e torcedores oriundos dos bairros mais pobres das cidades brasileiras" (LEITE LOPES, 1994, p. 65). Então, para que o esporte se desenvolvesse, a elite teria de engolir a presença de negros e mestiços no seu, antes, espaço exclusivo.

Para se tolerar isso, o discurso racista atribui à inferioridade racial, afirmada pela elite que não queria que a sociedade brasileira se afirmasse mediante sua miscigenação, o problema da diferença de classes, condicionando a ascensão social ao embranquecimento (GORDON JR., 1995). E os jogadores negros e mulatos se utilizavam dessa nova concepção do esporte, mirando

> […] não somente uma ascensão social mas também um reconhecimento coletivo enquanto plenamente brasileiros [...] os jogadores das classes populares, em particular os negros e mestiços, eram ainda movidos pela necessidade da demonstração de sua competência e, por essa via, poderiam escapar do estigma que a sociedade brasileira lhes reservava, tornando-se estimados de um público que passava a considerá-los como ídolos esportivos. (LEITE LOPES, 1994, p. 66)

A diferença entre uma população miscigenada vitoriosa e o fracasso representado pela mistura racial estavam em uma linha tênue. A cada vitória da Seleção Brasileira, a arte e a malemolência tidas como típicas do negro e do mulato eram exaltadas, tomadas como identidade nacional. E quando a seleção era derrotada, a culpa recaía sobre os "não-brancos", como ocorreu nos títulos brasileiros de 1958, 1962 e 1970 e na Copa do Mundo de 1950, aqui no Brasil. Pelé, Garrincha e Didi eram heróis nacionais enquanto Barbosa, Bigode e Juvenal amargavam o papel de fracassados. Essa

distinção expressa, claramente, uma das práticas da ideologia racista na sociedade brasileira.

1.3.1 - Identidade como conceito

Os corpos fora do que é normatizado – o corpo negro, o corpo da mulher, o corpo latino, o corpo fora da heteronormatividade, o corpo transexual, o corpo com deficiência etc. -, não hegemônico, o corpo periférico, sempre teve a necessidade de ser resistente perante o poder da hegemonia. Esse corpo teria apenas três destinos possíveis se não resistisse: cooptação, aceitação ou destruição. Vemos isso desde o começo de nossa história como nação, quando os portugueses chegaram no que viria a ser o Brasil.

A identidade, ao meu ver, é um conceito caro para se entender as relações sociais. Em primeira instância, Manuell Castells (2002) define a identidade como "fonte de significado e experiência de um povo" (CASTELLS, 2002, p. 22). Essa primeira definição diz mais sobre a identidade nacional ou étnica do que a identidade a nível individual. Fala sobre elementos como a cultura, idiomas ou nomes que diferenciam um povo do outro. A identidade nacional, em um plano coletivo, é parte do que pode formar a identidade a nível individual.

A identidade, no que diz respeito aos atores sociais, é o "processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados" (CASTELLS, 2002, p. 22). É a construção de significados para cada indivíduo com base nas culturas com as quais mantém contato e produz - entendendo ainda a cultura como uma teia de significados produzidos pelas pessoas, como Clifford Geertz aborda.

Castells ainda deixa o conceito mais complexo, ao afirmar que a identidade pode abrigar um grande número de multiplicidades. Cada identidade constitui significados particulares para os donos dessas identidades. Essas identidades podem se aproximar ou se afastar dos papéis sociais que esses indivíduos performam na sociedade, portanto, o papel social pode ser uma identidade de uma pessoa, mas não é identidade em si, pois são "definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade" (CASTELLS, 2002, p. 23).

As identidades são construídas através da influência de vários fatores que se intercruzam, fatores culturais, históricos, geográficos, religiosos etc. Os indivíduos pegam esses fatores e reorganizam eles de acordo com o conjunto de experiências de cada um. Para Stuart Hall (2005), o entendimento sobre a identidade parte da queda da identidade como um sistema único e estável. Na modernidade, o indivíduo se fragmenta em suas identidades por conta das mudanças estruturais das sociedades modernas em que vivemos. O que Stuart Hall chama de "paisagens culturais" (HALL, 2005, p. 9) de inúmeras ordens como a raça, etnia e classe estão sendo deslocadas e o deslocamento dessas paisagens culturais fazem as identidades serem deslocadas em consequência.

Essas identidades deslocadas pelo descentramento das paisagens culturais acabam sendo provisórias, instáveis. O sujeito pós moderno não tem uma identidade essencial, é formado por várias delas, cada uma pode ser acessada quando é conveniente e podem ser identidades que concorrem entre si. A concorrência, portanto, faz com que as identificações dos sujeitos sejam continuamente deslocadas. Com efeito, são várias as identidades possíveis e podem ser identificadas pelos indivíduos, mesmo que temporariamente. As identidades são produzidas na diferença, característica fundamental das sociedades da modernidade tardia (HALL, 2005).

Castells discute que a construção de identidades é marcada por relações de poder e se organiza de três formas possíveis: Identidade legitimadora, Identidade de resistência e Identidade de projeto. A identidade legitimadora é "introduzida pelas instituições dominantes da sociedade" (CASTELLS, 2002, p.34) visando o aumento de sua hegemonia, normatizar a dominação exercida em relação aos atores sociais. Já as identidades de resistência e de projeto são criadas por atores sociais que se encontram em posições de subalternidade, desvalorizadas pelas forças hegemônicas da sociedade.

A identidade de resistência impulsiona os atores sociais a construir "trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade ou mesmo opostos" (CASTELLS, 2002, p.34). Na identidade de projeto, os atores sociais se utilizam do material cultural que têm alcance e constroem uma identidade com o objetivo de redefinição de sua posição social e, dessa forma, partir para a transformação da sociedade.

No caso desses corpos que estão fora do que é normatizado, a identidade legitimadora das instituições hegemônicas da sociedade podem atribuir identidades que

invisibilizam, excluem ou matam os atores sociais os quais são atribuídas as identidades. Apesar das identidades de resistência que esses atores podem construir, nem sempre é o bastante para garantir a sobrevivência desses indivíduos, como vemos aqui no Brasil onde desde o descobrimento existem corpos que "podem" ser liquidados, com mil justificativas. As identidades de resistência, segundo Castells, podem se transformar em identidades de projeto. O caminho contrário que Castells indica como possibilidade me parece mais difícil de se concretizar.

Stuart Hall e Manuel Castells convergem para o que penso ser o que mais se encaixa em termos de identidade. Os dois acreditam em identidades como sistemas e processos de significação e significado a partir de representações e atributos culturais diversos, que se inter-relacionam e produzem uma infinidade de identidades possíveis, contraditórias, ás quais se pode ativar de acordo com a situação. O conceito de identidade única se torna anacrônico.

Quando se pensa na situação histórica dos negros à luz da chegada do futebol no Brasil, a ausência deles forçada pelas instituições hegemônicas nas equipes, a posterior aceitação dos negros nas equipes por conta da competividade que exige que os times não recorram apenas aos "jovens de boas famílias brancas e elitizadas" e a ascensão social - muitas vezes duvidosa, pois como debatemos neste trabalho, a ascensão do negro tem seus limites e fica em vários casos em função de suas valências físicas; quando falamos de trabalhos intelectuais, a história é bem diferente, como mostra a situação dos técnicos negros.

A compreensão dos conceitos de Identidade se faz necessária, pois, na medida em que a identidade é formada de acordo com os múltiplos atravessamentos que os indivíduos se deparam nas suas realidades como seres sociais, é importante entender como o processo de construção dessas identidades possíveis acontece e, posteriormente, como o futebol influi na construção dessa identidade, da identidade negra e nos acionamentos das identidades que os indivíduos concentram em si.

1.3.2 - Identidade Negra e sua construção

A construção da Identidade Negra perpassa incansáveis desafios. Retornando à conceituação do que é a identidade, Kabengele Munanga (1988) afirma que “como se

percebe, o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais" (MUNANGA, 1988, p.14).

Nilma Lino Gomes (2005) diz que a identidade se refere a um "modo de ser no mundo e com os outros" (GOMES, 2005, p.41), ou seja, uma definição de si e para os outros. Ainda segundo Nilma Lino Gomes,

> [...] a ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu "eu", é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros." (GOMES, 2005, p. 41)

Ou seja, não existe identidade sem considerar também o outro, o mundo externo que nos cerca e, a identidade, além de depender da interação com o mundo, com o outro, é uma identidade fragmentada entre muitas facetas de um indivíduo.

Stuart Hall (2005) mostra, como falamos anteriormente, a condição do sujeito e argumenta que ele, considerado como possuidor de uma identidade única e estável, se torna fragmentado à luz da modernidade tardia que se inicia na segunda metade do século XX. Formado por várias identidades que entram em contradição, que não são completamente resolvidas, o que dá uma noção ainda maior de sua efemeridade (HALL, 2005). Hall discute ainda que

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.13)

Kabengele Munanga (1988), ao que parece, concorda com a fragmentação da identidade na modernidade tardia, defendida por Stuart Hall, podendo ser formada por inúmeras fontes. Mas, sobre a identidade do negro, ele afirma que ela se dá, na realidade concreta, em forma de exclusão e de alienação, o que faz com que o negro perca a noção exata de quem ele realmente é e acabe concordando e reproduzindo os modelos dados pelo sistema de opressão vigente. (MUNANGA, 1988)

Para negras e negros, na medida em que esse mundo externo, esse sistema de opressões, determina que a imagem do negro "é o símbolo do Mal e o do Feio", como mostra Frantz Fanon (2008, p.154), se ver como negro se torna algo complicado e, à primeira vista, quase impossível. Como alguém vai querer ser uma coisa que o mundo

rejeita? Então, a reação esperada é a negação de sua identidade e a adaptação para uma identidade que possa ser aceita pela sociedade.

Sobre isso, Kabengele Munanga vai argumentar que o negro, pressionado e influenciado em seu psicológico, "acaba reconhecendo-se num arremedo detestado, porém convertido em sinal familiar" (MUNANGA, 1988, p.37). Esse reconhecimento, essa acusação, o coloca em dúvida sobre si e ele acaba se questionando se a acusação não está certa, se ele não é esse 'arremedo detestado' de homem. "Bem divulgado, o retrato degradante acaba por ser aceito pelo negro e contribuirá para torná-lo realidade, portanto uma mistificação" (MUNANGA, 1988, p.37).

Frantz Fanon (2008), no capítulo "O preto e a psicopatologia", em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, fala sobre o prejuízo que o negro tem ao se encontrar numa sociedade branca. Fanon discute inicialmente como o modelo "branco" de psicanálise não se aplica ao negro, já que por ter a base de busca de traumas psíquicos na infância e na família; Para o "branco", a família e a sociedade são reflexos uma da outra. O negro não tem essa possibilidade de semelhança. Quando sai da família negra, encontra uma sociedade que não é uma extensão dessa família, ao contrário do que pensava.

O autor exemplifica esse choque com o caso dos antilhanos que vão para a França. Eles se consideram franceses indo conviver com outros franceses quando vão para a Europa. Como se estivessem com iguais. E, desde a infância, o negro é posicionado como "o outro". Tanto que não se consideram realmente negros, são antilhanos. Quando chegam na França é que eles tomam esse choque. Para o francês – branco – o antilhano, assim como o senegalês que ele tinha repulsa, é negro. Ele é aquele "outro".

Fazendo a correspondência com nossa vida, não temos a ida para a metrópole no sentido colonial da expressão. Geralmente, estamos na metrópole – mesmo que muitas vezes à margem - e o choque que nos diz que somos o outro, o rejeitado, se dá no cotidiano, quando menos esperamos. O choque se dá no momento em que o táxi não para na madrugada ou quando somos os únicos a serem revistados no meio de uma roda de amigos. "O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina" (FANON, 2008, p.133).

Não sei se posso considerar mais ou menos doloroso do que o caso relatado por Fanon, mas entendo que é diferente essa tomada de consciência de si. Por mais que o negro se identifique desde criança com a cultura de uma sociedade onde o padrão é o branco por meio de desenhos animados, programas de televisão, comerciais e revistas em quadrinhos, ele não consegue ser algo além do outro, o 'não-padrão'. O negro é alienado de sua condição de negro, de sua identidade. O processo de alienação começa no corpo, na cor, na beleza que lhe é negada e vai passando para sua mente, sua história, sua cultura, sua língua (MUNANGA, 1988, p.17)

Kabengele Munanga (1988) também fala sobre "a desvalorização do negro". Ele discute que o racismo não fica apenas na teoria, ele é vivido diariamente no cotidiano. O comportamento racista do outro é um conjunto de reflexos que são adquiridos na infância como as capacidades de preensão, de fala e da marcha e é reafirmado na escola e na sociedade, todos os dias. É incorporado ao ser, suas ações e gestos corriqueiros. "Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. [...] O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro", (FANON, 2008, p. 160). Esse tipo de racismo é um instrumento muito poderoso de manutenção de status quo.

A sociedade colonial teme a ruptura da ordem e do equilíbrio estabelecidos em seu favor. Para que isso não ocorra, encastela-se, intocável, explorando e pilhando a maioria negra, utilizando-se de mecanismos repressivos diretos (força bruta) e indiretos (preconceitos raciais e outros estereótipos) (MUNANGA, 1988). O choque de se descobrir negro, fora desse padrão eurocêntrico, causa duas possibilidades de reação:

> [...] constato que sou negro. Para escapar ao conflito, duas soluções. Ou peço aos outros que não prestem atenção à minha cor, ou, ao contrário, quero que eles a percebam. Tento, então, valorizar o que é ruim – visto que, irrefletidamente, admite que o negro é a cor do Mal. (FANON, 2008, p. 166)

Frantz Fanon fala em outra seção do livro – "A experiência vivida do negro" – como esse reconhecimento de si pelo outro foi impactante para ele. O medo estampado na face de uma criança quando o olha, o afastamento quando "[...] no trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares." (FANON, 2008, p.105). É o mundo externo impondo ao negro sua posição subalterna. Dentro da disputa de sentidos do futebol, o discurso elitizado, além do esforço de se colocar em um papel de distinção, também apresenta a subalternidade ao negro. No próximo capítulo, a arena de enfrentamentos

que é o futebol será abordada a partir da posição da elite, os mitos fundadores do esporte, as armas utilizadas para a disputa de sentidos e o lugar do negro (jogador e treinador) no futebol.

Capítulo 2 – Futebol, mitos elitizados e exclusão negra

Nesse capítulo, são debatidos o futebol na sua introdução e popularização no Brasil e as tensões provocadas pela participação do negro no processo - suas influências e os momentos de exclusão. Dentro disso, se encaixa a figura do treinador negro como um ator dentro do mundo do futebol, que ajuda a construir o fenômeno sociocultural em vários momentos, mas acaba excluído, sem lugar, mesmo que a ideologia da sociedade brasileira baseada no mito da democracia racial diga o contrário e ainda consiga, a partir da cooptação do negro, que ele concorde com isso.

Primeiramente, devemos olhar o futebol novamente como um fenômeno sociocultural para definirmos o papel do negro nessa dinâmica. E.P. Thompson (1998) define a cultura como "um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa - por exemplo o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um "sistema" (THOMPSON, 1998, p. 17). Segundo o próprio Thompson (1998), se faz necessário entender a cultura dentro do conflito, que indica as contradições sociais e culturais, rupturas e confrontos que existem dentro dela. A cultura, então, se constitui como uma arena de disputas pelo sentido dessa cultura (THOMPSON, 1998).

Segundo Stuart Hall (2013), a cultura no mundo pós-modernismo guarda uma característica afim com a cultura no alto modernismo: continua se desenvolvendo de forma a perpetuar a desigualdade imposta às minorias. Os negros são colocados desde sempre na periferia da cultura, assim como outras "minorias" (HALL, 2013). Se pensarmos no futebol, assim como discutimos no início do capítulo passado, como parte constituinte da cultura, os negros vão para esse lugar periférico e subalterno em vários momentos do desenvolvimento do futebol no Brasil.

O discurso construído sobre a introdução do futebol no Brasil, baseado na cristalização do lugar da elite brasileira (e branca) como os grandes pioneiros da prática no país. Os mitos fundadores, como mostramos na seção anterior, têm características semelhantes, ainda que aconteçam em locais com realidades socioeconômicas distintas e geograficamente distantes entre o fim do século XIX e o início do século XX. São

jovens de "boas famílias" que, ao voltarem para o Brasil, trazem o hábito e os materiais para a prática do futebol. Percebe-se que existiu e continua uma disputa pela hegemonia cultural do futebol, que coloca a elite contra as classes populares em busca do sentido desse fenômeno sociocultural.

Alguns acontecimentos históricos no início da trajetória do futebol no Brasil ilustram bem essa disputa, como os meios que os estatutos de fundação dos clubes de futebol tinham para "selecionar" os sócios; a dinâmica de exclusão dos torcedores que era tradicional no estádio do Fluminense; a postura dos clubes soteropolitanos quando desistem de jogar por conta do povo que aparece e ressignifica o modo de acompanhar e torcer; e a exclusão das equipes do Corinthians e do Vasco das ligas que faziam parte em São Paulo e no Rio, respectivamente. Abordaremos, no primeiro item desse capítulo, os mitos fundadores do futebol no Brasil e, logo depois, serão discutidos os conceitos de civilidade e civilização que alimentaram a chegada do futebol no Brasil; depois disso, serão abordados os casos que explicitam as ações da elite na disputa pelo sentido do futebol brasileiro e, por fim, o foco é direcionado aos técnicos negros, suas histórias no futebol do Brasil e suas construções identitárias.

2.1 – Os mitos fundadores do futebol no Brasil

Para falar sobre a história do futebol, foi preciso buscar as historiografias voltadas para o assunto. Há de se destacar que provavelmente, muito por conta da influência do mais famoso trabalho sobre a história do futebol - O Negro no Futebol Brasileiro, de Mario Filho - os documentos e trabalhos sobre a história do futebol no Brasil se concentram muito no que aconteceu no sudeste, mais especificamente entre Rio e São Paulo. Então foi preciso ficar atento para não cometer o mesmo trajeto de pesquisa, se concentrando na história do futebol no Eixo Rio-São Paulo.

Claro que, por serem duas das mais importantes metrópoles no processo de urbanização e industrialização entre os séculos XIX e XX, a economia e a política também se concentravam nas duas metrópoles já que eram a capital nacional e o centro econômico do país, o que faz com que a elite dessas duas capitais seja bastante influente nesses dois importantes aspectos da sociedade. No entanto, o futebol foi se espalhando por todo o Brasil e a disputa pelo mito fundador de cada localidade é extremamente

pulverizada e difusa. Antônio Jorge Soares, ao questionar a utilização da obra de Mario Filho, “O Negro no futebol brasileiro”, contesta a validade da obra como fonte historiográfica, partindo da análise do próprio livro e de trabalhos sobre a história do futebol brasileiro que discutem, de inúmeras formas, a questão racial histórica do esporte. Acredito que, pensando a questão da criação de mitos e como a obra de Mario Filho acaba ajudando a construir a narrativa mítica junto com a contribuição daqueles que não fazem essa discussão para usar o "Negro no Futebol Brasileiro" como fonte puramente historiográfica, a reflexão de Soares se torna pertinente. Soares afirma não ter um problema de fato no uso da obra, mas tem problema em assumi-la como verdade absoluta (SOARES, 1999), assim como Pierre Bourdieu, que foi discutido anteriormente e que pensa todos aqueles que se permitem entender aspectos do fenômeno social esportivo, precisam colocar o foco nas condições sociais e históricas em que surge o esporte. Fatos inquestionáveis são aceitos abertamente, sem o necessário olhar crítico. (BOURDIEU, 1983).

Vejo a crítica de Soares na mesma linha. “O Negro no futebol brasileiro” é tomado como fonte historiográfica absoluta. É um livro que contribui, até hoje, com a criação de mitos fundadores do futebol e de situações de racismo e posterior superação dele. Ao analisar os capítulos do livro, Soares descreve o quanto os escritos de Mario Filho seguem uma narrativa baseada no mito do herói, descrito por Joseph Campbell como uma trajetória marcada por alguns momentos-chave: a usurpação de algo importante; as aventuras insólitas para recuperar o que foi usurpado do herói e a redenção, a partir da recuperação do valor retirado. Se constrói, nisso, um círculo com a partida em busca de algo e o retorno do herói, após o triunfo (CAMPBELL, 2007). Soares, ao criticar os pesquisadores que, para ele, apenas dão legitimidade acadêmica a Mario Filho e seus ‘causos’, usa de um paralelo com a estrutura do mito do herói. Divide a análise em: “A segregação”; “Luta e resistência”; “Democratização e afirmação do negro” (SOARES, 1999, p. 128; 130; 137).

Entendo que o debate que Soares propõe é um dos lados de uma moeda. Um lado importante, com o qual não tenho inteira concordância. A narrativa d’O Negro no futebol brasileiro pode sim ser romanceada e ter momentos em que o fato fica sublimado pelo clima supostamente ficcional, que tem por trás a influência de um projeto de formação nacional calcado no mito da democracia racial e na suposta

superação do racismo no Brasil por conta da mestiçagem e do poder de criação que ela tem em gerar o real povo brasileiro. Porém, desconsiderar como uma fonte historiográfica é também, ao meu ver, uma difícil decisão teórica.

Ronaldo Helal (1999) dá o caminho para ver a crítica de Soares com cuidado. Helal, baseado no que Soares escreve, diz que ele próprio dá subsídios para não desprezar o livro de Mario Filho como fonte historiográfica ao caracterizá-lo como uma obra resultante de entrevistas colhidas pelo jornalista e como um transmissor do clima da época, que Soares cita como a característica de um romance. (HELAL, 1999).

O ponto que tenho maior discordância em relação ao pensamento de Soares é o seguinte: No momento em que o autor propõe nova chave de compreensão acerca dos acontecimentos narrados por Mario Filho, ele volta o olhar para questões de classe, se apoiando nas tensões provocadas pelos conflitos entre aqueles que queriam que o futebol permanecesse amador e os que pretendiam profissionalizar o futebol no país. Não há problema nisso. A questão é o abandono da mera possibilidade da existência de questões raciais nas dinâmicas sociais voltadas para o esporte.

Ele inicia o raciocínio dizendo que os “novos narradores” se utilizam dos escritos de Mario Filho como justificativa para construir uma “pedagogia” antirracista e utiliza o trecho do livro sobre a derrota da Seleção Brasileira para o selecionado Uruguaio na final da copa de 1950 para discorrer sobre o fato de que a culpa da derrota recaiu sobre Barbosa, Bigode e Juvenal não por serem negros, mas por formarem parte da defesa (goleiro e defensores, respectivamente). Continua dizendo que a visão de Mario Filho, voltada para a questão racial, contamina o julgamento dos “novos narradores” que, por isso, se apoiam apenas no que Rodrigues Filho escreveu para corroborar o uso do futebol como “meio de política anti- racista” (SOARES, 1999, p. 140) e a pesquisa sobre o futebol na questão racial como “um discurso romântico de construção da nação ou de militância politicamente correta” (SOARES, 1999, p. 142).

Se levarmos para o lado teórico-metodológico e entender as críticas como uma tentativa de levantar uma questão para quem se propõe a estudar o futebol, é válido dizer que não se deve utilizar “O Negro no futebol brasileiro” como única fonte ou como indício de que as tensões que envolviam a consolidação do esporte na sociedade brasileira eram exclusivamente raciais. É preciso sim ampliar o prisma; Existem questões de classe muito importantes, como por exemplo o conflito entre os defensores

do amadorismo no futebol e os partidários da profissionalização, onde a disputa de classe fica bem marcada, e a respeito inclusive dos mitos fundadores da chegada do futebol no Brasil e a questão de hierarquia embutida nesses mitos, como abordaremos posteriormente. Mas concordo com Helal quando discute que, ao tentar desmontar o "mito do herói negro" defendido por Mario Filho, Soares acaba desconsiderando a possibilidade da existência das tensões raciais no futebol e "a possibilidade de se extrair desse universo um conjunto de representações sociais sobre o negro e sobre a mestiçagem" (HELAL, 1999, p. 152). Portanto, tomando os cuidados necessários para analisar os contextos da chegada e disseminação do futebol no Brasil, os mitos serão abordados com atenção para os detalhes implícitos.

Os mitos fundadores de cada localidade brasileira se concentram em nomes específicos, cada um deles com histórias mais ou menos com o mesmo roteiro: filhos da elite brasileira, descendentes ou não de europeus, que foram para o Velho Continente em busca de uma suposta qualidade de educação que não encontrariam no Brasil e acabam tendo contato com o *football* sistematizado pela *Football Association*, criada em 1863 na Inglaterra, praticam o esporte, tomam parte em equipes locais e voltam para o Brasil entre o fim do século XIX e começo do século XX com materiais e manuais do esporte em suas bagagens e começam a agitar suas cidades em busca de tornar o esporte mais popular e disputar, assim, partidas do novo esporte bretão. As histórias de muitos jovens "pioneiros" é essa.

Começando por Charles William Muller, brasileiro de pai escocês e mãe filha de ingleses, o jovem vai para a Inglaterra em 1883, aos nove anos de idade, com o intuito de realizar seus estudos em território britânico como a família prescinde. Miller era filho de um funcionário da São Paulo Railway Company e, na Banister Court School, conhece vários esportes e se encanta pelo *football*, já com as regras consolidadas pela *Football Association* (ANTUNES, 1992). Logo se torna um jogador de *football* - um *sportsman* - de qualidade e vai jogar pelo Saint Mary's Football Club, de Southampton. Em 1894, volta a São Paulo trazendo as regras de Cambridge, duas bolas de *football*, a bomba de ar para encher as bolas, dois pares de chuteiras e duas camisas, da Banister e do Saint Mary's. Chegando em terras paulistanas, Miller vê que o esporte ainda não é tão difundido e procura grupos de ingleses da Companhia de Gás, do London Bank e da

São Paulo Railway Company para formar times, promover partidas e fundar clubes com o intuito de fazer com que a sociedade paulistana conhecesse o *football*.

No Rio de Janeiro, capital nacional a época, a história se repete com Oscar Cox. O rapaz, assim como Miller, é mandado para a Europa para estudar, mas acaba indo para Lausanne, na Suíça, estudar no College de la Ville. Lá, também tem contato com o novo esporte que, a essa altura, era praticado nas escolas e ganhava os países do Velho Continente. O pai de Oscar Cox, George Cox, foi fundador do Rio Cricket and Athletic Association, na cidade de Niterói em 1872; o clube era exclusivamente voltado a pratica do cricket e da sociabilidade inglesa no país - o cricket é a primeira prática esportiva que chega ao país por mãos britânicas. Vários clubes foram abrindo pelo Brasil e pela América do Sul e do Norte com o intuito de manter a identidade inglesa e a sociabilidade entre os estrangeiros, com o fim de diminuir um pouco a dureza da vida fora de sua terra natal (CAMPOMAR, 2014). Pouco tempo depois, o futebol chega ao Brasil pelos ingleses, que não paravam de chegar ao nosso país. Ao retornar para o Rio de Janeiro em 1897, com as regras e o material para o *sport* na bagagem e "na expectativa de conseguir juntar na cidade o contingente de jogadores necessário para a prática do jogo, Cox passou a agitar uma boa parte da juventude estudantil carioca, promovendo jogos e tentando despertar em seus amigos o interesse pelo novo esporte" (PEREIRA, 1998, p. 11).

Em Salvador não foi diferente. O jovem José Ferreira Junior, o Zuza Ferreira, filho de um banqueiro na Bahia, vai para a Inglaterra e vive, assim como Miller, no epicentro da popularização do *football*. O esporte já havia saído das escolas e universidades, extrapolado seus muros e invadido a Europa. Era um esporte urbano, dos operários e não só da elite (ANTUNES, 1992). Zuza volta a Salvador em 1901 e, munido dos equipamentos necessários, difunde o esporte entre seus amigos soteropolitanos (SANTOS, 2014). No Nordeste, Zuza não foi o único. Em Recife, o mito também tem nome: Guilherme de Aquino Fonseca. Fonseca, de família de antigos senhores de engenho de Pernambuco, ruma para a Inglaterra se graduar em Direito na Hooton Law School e se encanta com vários esportes. Ao retornar a Recife, tem na bagagem materiais de *football, lawn tennis, cricket* e *rugby*, pois pretendia não só transmitir o hábito do *football* aos jovens de boas famílias recifenses. Fonseca queria fundar um clube esportivo e assim o fez. No ano seguinte à sua volta, em 1904, ano em

que organizou a primeira partida do novo *sport* contra alguns funcionários ingleses da Western Telegraph Company - uma das várias empresas espalhadas pelo Brasil que foi parte da influência do imperialismo britânico pelo mundo -, funda o Sport Club do Recife em 1905 (LIMA, 2013).

Já na região Norte, no Maranhão, a chegada do futebol lá fica por conta de Joaquim Moreira Alves dos Santos, o Nhozinho Santos. Filho do dono da Fábrica Santa Izabel, volta de Liverpool em 1907 e, com a animação de querer espalhar o futebol em São Luís, reúne seus amigos para falar sobre o jogo de bola e assume a responsabilidade de arrumar o local para a prática. Consegue um espaço no terreno da fábrica da família e lá começam a dar os primeiros chutes. O *football* chama tanta atenção que Nhozinho funda um clube, o Fabril Athletic Club, e começa a difundir o *football* por lá. (VAZ, 2002).

Em outras localidades do país também houve histórias sobre a chegada do futebol, como a de Victor Serpa, carioca que, depois de sua ida à Europa, se muda para Belo Horizonte para entrar na faculdade de Direito em 1904 e, com sua experiência com o *football* na Suíça e no Rio de Janeiro, leva o *sport* para Minas Gerais e funda o Sport Club Football. Já tinha se integrado bem aos jovens de boas famílias mineiras e difundido o *football* quando acaba falecendo precocemente de gripe no Rio de Janeiro. Mesmo assim, a semente do *football* já tinha sido plantada e florescia bem em terras mineiras. No Rio Grande do Sul, o *sport* se difunde pelas cidades portuárias, como Rio Grande, onde Johannes Cristian Moritz Minerman e Richard Woelckers fundam, em 1900, o Sport Club Rio Grande (ALABARCES, 2018). Como dá para perceber, existem várias formas de se elaborar uma narrativa sobre a chegada do futebol no Brasil e fazer dessa narrativa um mito muito pouco questionado. Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998), essas narrativas míticas não são acasos:

Mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indica a lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o jogo - que vê no futebol um esporte que "nasce e se desenvolve entre a elite" [...] Histórias como a dos dois "pioneiros" servem assim para atestar o caráter elitista da geração do esporte no Brasil, que teria nascido somente pelo impulso isolado de alguns grupos abastados que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada república brasileira. Elegendo como seus grandes marcos figuras

como Charles Muller e Oscar Cox, que difundiram no Brasil as regras que norteavam a prática do *Football Association* na Inglaterra, memorialistas e historiadores participam do processo de criação de uma memória do futebol que, tendo um perfil elitista e excludente, é parecida com aquela criada para o próprio país nos primeiros tempos do novo regime. (PEREIRA, 1998, p.13)

Porém, o *football* já era praticado no país antes mesmo de todas histórias que foram mostradas. As escolas, fábricas e portos tiveram papel importante na introdução do futebol no Brasil. Em relação às escolas, especialmente as escolas jesuítas tinham no *football* uma prática comum nos quadros pedagógicos. As escolas, além de promoverem exibições no fim da década de 1870, na década de 1880, Colégios como o paulista São Luiz e o carioca Anchieta praticavam o esporte décadas antes de Charles Miller e os outros "pioneiros" voltarem com suas bolas, chuteiras e manuais.

O intercâmbio com a Europa, que as escolas promoviam, também tinha palco nas fábricas, por conta dos trabalhadores estrangeiros - em sua maioria ingleses - que vêm para o Brasil fazer a implantação de várias fábricas e empreendimentos. Os trabalhadores ingleses já tinham o hábito do jogo de bola consolidado em sua vida na Inglaterra e trazem isso para o Brasil. Os ingleses, em seus horários vagos, jogam o *football* e, como precisam de mais jogadores do que os poucos ingleses que se reuniam, precisavam chamar os brasileiros e ensiná-los o jogo. Os portos se constituíram como importantes lugares de disseminação e aprendizado do futebol, assim como outros produtos e ideias de modos de vida europeus, voltados para um sentimento de distinção e civilidade. Os portos abriram caminho para tudo o que era "novo" na Europa. Os marinheiros dos navios europeus, assim como os trabalhadores especializados mandados para o Brasil, tinham na prática do futebol um hábito e jogavam nos intervalos do trabalho (SANTOS, 2015).

O esporte já era praticado em outros clubes que reuniam a comunidade britânica em várias cidades. O intercâmbio com a Europa, em maior escala com a Grã-Bretanha, tem muita influência no início do processo de entrada e popularização do futebol. Os símbolos britânicos significavam a representação dos novos tempos, da modernidade; o padrão inglês, junto com o francês, era o modo de vida a ser alcançado e por isso também passa o futebol e seus *sportsmen*. A prática do futebol, nos moldes da *Football*

Association, significava então uma proximidade com o que havia de mais moderno e interessante.

Gilmar Mascarenhas de Jesus (1998) discute que, como indica a existência de pioneiros e mitos fundadores por todo o Brasil, existe uma pulverização do processo de introdução do futebol no país. Para o autor,

> [...] a inexistência de uma efetiva metrópole nacional, a comandar as ações sobre o vasto (e pouco povoado) território, permitirá uma experiência peculiar quanto ao advento do futebol. Este não se fará a partir de um principal pólo difusor, mas sim através de diversas incursões independentes e territorialmente desconectadas entre si. A hierarquia urbana, por conseguinte, não ditará a onda de inovações, que poderá atingir cidades menos importantes antes mesmo de ser conhecida na capital federal." (JESUS, 1998, s/p).

Rio de Janeiro e São Paulo, pela estreita relação que estas capitais tinham com a Europa e a influência econômica e política das cidades, tiveram características únicas no processo de inserção. O Rio de Janeiro, sendo efetivamente a capital do Brasil em seu estágio republicano, se configura como a porta de entrada dos costumes e do capital europeu nessa época. A cidade, como vimos anteriormente com os cortiços no pós-abolição, foi crescendo demograficamente e, com o grande mercado consumidor, teve uma rápida industrialização. A elite carioca era numerosa e ajudava o mercado consumidor em torno dos esportes, o que permitiu o crescimento do futebol na cidade (JESUS, 1998; FERNANDEZ, 2010).

Na capital paulista, pelo rápido processo de urbanização, modernização, industrialização e ocupação da cidade, a prática esportiva cresce na esteira de todo o crescimento de São Paulo como metrópole. Desde 1875, já existiam clubes esportivos como o Clube de Corrida Paulistano, o São Paulo Athletic Club (SPAC), além de espaços como o Velódromo Paulistano, "na Rua da Consolação, construído pelo Conselheiro Antônio Prado, intendente e primeiro prefeito de São Paulo na Era Republicana, para a prática do ciclismo em 1892, mas adaptado para o futebol a partir de 1901" (UNZELTE, 2015, p. 30). O futebol já é praticado há muito tempo por estrangeiros e nas escolas, como falado anteriormente. Pela força das duas cidades, acabam concentradas nelas as atenções das pesquisas, mas em outros centros e em outras cidades, até mesmo no interior, o futebol vai se desenvolvendo pelo Brasil (DIAS, 2013; JESUS, 1998).

Em Salvador, por exemplo, o intercâmbio com os universitários de outros cidades da Faculdade de Medicina da Bahia que também tiveram contato com o futebol fora do país, além da chegada de Zuza Ferreira e o ímpeto de seus amigos, e do Governo de José Joaquim (J.J.) Seabra (1912-1916) – que, antes de chegar a Salvador, tinha sido Ministro da Justiça e de Negócios Interiores do Governo Rodrigues Alves (1902-1906), que fez inúmeras mudanças na cidade com o intuito de deixá-la com ares europeus - que planejou boa parte do começo da urbanização da cidade, ajudaram no desenvolvimento do esporte na capital soteropolitana.

Assim como no Rio e em São Paulo, as pessoas em Salvador buscavam uma nova forma de interação social e o futebol era um prato cheio para o novo contexto (SANTOS, 2014). Salvador rapidamente reúne alguns clubes e monta sua primeira liga - a Liga Bahiana de Sports - em 1904, que organiza o torneio de 1905. Recife também estabelece grandes conexões com os países estrangeiros, seu capital e sua mão de obra, porém padece com a decadência da produção açucareira e acaba deixando o processo de popularização mais lento do que em outras cidades (JESUS, 1998).

No Rio Grande do Sul, a influência da região do Rio da Prata acaba dando uma particularidade ao processo. Assim como no Brasil, os vizinhos argentinos e uruguaios também são amplamente influenciados pelo capital britânico e têm uma massa de imigrantes europeus que aparecem junto com o investimento, o que torna os dois países cenários perfeitos para a propagação de novos costumes e produtos culturais, como o futebol.

A comunicação entre os dois países pelas fronteiras com o Rio Grande do Sul faz com que as cidades fronteiriças tenham realidades e costumes muito próximos e, dessa forma, o futebol chega ao estado. As cidades de Uruguaiana e Santana do Livramento são as que mais rapidamente se influenciam pelos vizinhos latinos e, sem demora, o esporte vai chegando por ferrovias e navios nas cidades mais desenvolvidas como Rio Grande e Porto Alegre. A capital gaúcha ainda se beneficia pela entrada dos alemães, que, como os compatriotas do Germânia em São Paulo e como os ingleses em outros locais, fundam seu clube próprio de socialização e convivência germânica, o Fussball, de 1903. (DIAS, 2013; JESUS, 1998; 2000).

Fora das capitais e cidades portuárias, o futebol foi chegando também, como mostra a fundação da Associação Atlética Ponte Preta, em 1900, em Campinas, interior

de São Paulo, ou em estados como Goiás, no centro-oeste brasileiro. A Ponte foi fundada em 1900 por um grupo de jovens; entre eles estava Miguel do Carmo, empregado negro da ferrovia paulista – e, por isso, o primeiro jogador de origem negra a jogar oficialmente o futebol no Brasil. Por jogar exclusivamente pelas ligas interioranas, acabou fazendo Miguel do Carmo passar desapercebido pelas metrópoles, mas não pelos torcedores do interior. Eles começaram a chamar a Ponte de "macacos" ou de "macacada" pela presença de jogadores negros, o que levou o clube a assumir com orgulho o título e se reconhecerem como a Macaca (ALABARCES, 2018).

Belo Horizonte, apesar de ser a capital do estado de Minas Gerais, é uma cidade em desenvolvimento, com pouca ocupação, o que acaba fazendo com que o desenvolvimento do jogo de bola seja tardio, porém não o impede, como os dados sobre a chegada de Victor Serpa e a fundação do Sport Club Football mostram. (JESUS, 1998). O caso de Goiás é bem particular. A proximidade com o triângulo mineiro desenvolve as cidades próximas e, com isso, o futebol também aparece lá a reboque. Lá, em cidades como Catalão e Goiás já existem registros de jogos de futebol desde a década de 1910 (DIAS, 2013).

2.2 – O futebol da Elite Brasileira

A prática do *football* vai chegando ao país de variadas formas, sem lugar específico, sendo apropriado por várias classes de atores sociais da época. Uma dessas classes que se apropriou do esporte foi a elite brasileira. Como contam os mitos fundamentais do futebol no Brasil, os filhos dessa classe abastada vão para a Europa, onde têm contato com o esporte em franca expansão em vários países dentro das escolas e universidades, alguns se juntam a clubes e vão se familiarizando com o esporte já organizado pela *Football Association*, que padroniza as regras do esporte.

Quando voltam ao país, se deparam com algumas situações; aqui no Brasil, seus companheiros, de boas famílias que não tinham ido ao Velho Continente e os clubes esportivos da época, estavam engajados em outros esportes como o remo ou se reuniam para apreciar o turfe. Então tiveram que recorrer a duas diferentes táticas para conseguir continuar jogando: ensinar o esporte e correr atrás de espaços para praticarem o novo

sport ou tentar algum tipo de espaço ou relação com os ingleses, que já tinham trazido para o Brasil o hábito de praticar esportes nas horas livres.

Para esses moços distintos e bem apessoados e suas boas famílias, se engajar na prática e organização do futebol e dos clubes era mais do que apenas jogar, era consumir. O *football* que chega ao Brasil é um produto cultural britânico. Com ele, traz também o ideal de ser parte de uma cidadania diferente da que se tem aqui; uma cidadania moderna, com ares de Europa, que agrega consigo duas importantes qualidades: distinção e sociabilidade. A prática do esporte para muitos tinha um caráter civilizatório, como contaremos mais à frente. Esperava-se do futebol uma distinção e elegância europeias, que aproximasse nosso país tropical dos modelos europeus, considerados os alvos dessa elite.

2.2.1 - O futebol como elemento civilizador do Brasil

Para entender um pouco do processo que faz a elite atribuir a manifestações culturais vindas da Europa, como é o futebol, o papel de elemento civilizador da sociedade brasileira em um momento de reorganização dos papeis sociais pós-abolição e pós-império, iremos dar um passo atrás para o entendimento de alguns conceitos com o de *civilitas*, de Erasmo de Rotterdam no século XVI, *civilité* e *civilisation* (civilização), do século XVIII, através do entendimento de Norbert Elias (1994 [1939]) sobre eles.

O conceito de *civilitas*, de Erasmo de Rotterdam, pensador do século XVI em seu tratado *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), de 1530, traz uma série de normas de boas maneiras que, ao serem ensinadas às crianças e aplicadas por elas, os fariam crescer diferentes dos bárbaros e de seus costumes incivilizados. São coisas simples, mas que servem de base para o conceito de civilité e, em seguida, o conceito de civilização cunhado principalmente na França do século XVIII. (ELIAS, 1994 [1939])

O tratado de Erasmo fala de coisas como a forma de se vestir, de se portar à mesa e em situações das mais diversas. Fala muito sobre a forma de se distinguir e não parecer, em hipótese alguma, com os bárbaros. Os hábitos e costumes da barbárie eram incivilizados, brutais, bárbaros, primitivos. Conceitos e tratados sobre o comportamento

humano já existiam antes de Erasmo e seu civilitas. O especial que Norbert Elias vê no conceito de Erasmo é a evolução desse conceito. Erasmo não tinha pensado em uma classe social específica, realmente. Mas quando o conceito é apropriado, as boas maneiras viram sinais de distinção social. As apropriações eram dirigidas à nobreza e a burguesia, especificamente.

A civilité, ou civilidade, começa a caracterizar uma mudança na forma de organização dos estados europeus, principalmente o francês. Com a queda do *ancien regime* (Antigo Regime) e ascensão da burguesia, esta classe média francesa começa a se aproximar da nobreza e quer imitar seus costumes e modos de se portar. Daí sai o conceito de civilidade, que nada mais é do que comportamentos sociais típicos da nobreza que a burguesia se apropria para se aproximar dessa nobreza. A civilidade, além das boas maneiras, dita padrões de conduta dentro de um comportamento refinado, onde os hábitos e controle de emoção caracterizam essa sociedade civilizada europeia (ELIAS, 1994 [1939]).

O sentimento de distinção social, de tentar se distinguir dos bárbaros através de seu comportamento, caracteriza uma visão hierarquizada da sociedade. O padrão de comportamentos refinados, desde a época da corte francesa, serve como grau de comparação com as camadas sociais mais simples e inferiores. Daí, passamos pelo conceito de civilidade, apropriado pela burguesia, e chegamos ao de civilização, quando é feita a saída do conflito social interno e invade a ideia de nação. Segundo Norbert Elias (1994 [1939]), duas ideias vão se misturar no cerne do entendimento sobre a civilização. A primeira da civilização como um "contraconceito" que caracteriza a mudança de estágio da sociedade - caracterizado pela queda do Antigo Regime; e depois a ideia de uma sociedade mais elevada, partindo de "um padrão de moral e costumes" que irá fazer a distinção entre civilizados e incivilizados (ELIAS, 1994 [1939], p. 62). A ideia de civilização como processo se torna fundamental para esse passo adiante que o conceito dá.

Na Inglaterra, ocorre processo parecido de aproximação das classes médias urbanas em relação à nobreza, o que acaba trazendo os ideais de pacificação e civilização em território inglês (ELIAS e DUNNING, 1992). Com efeito, as influências inglesas e francesas chegam no Brasil por meio da abertura ao capital estrangeiro e, também, aos costumes e à imigração estrangeira. Na esteira desse processo, o esporte

chega ao Brasil junto com os ideais de civilização. A mudança de configuração da elite brasileira desde a vinda da Corte Real Portuguesa e frontalmente marcada pela Independência e os processos do século XIX, como falamos anteriormente, cria terreno fértil para a civilização como modo de vida das classes elitizadas em busca de distinção. O esporte chega pelo *cricket*, pelo remo, turfe, *lawn tennis* e, no fim do século XIX, pelo futebol.

A elite brasileira do século XIX passa a querer, assim como os franceses do século XVIII, uma nova civilização, um novo modo de ser como classe e de se distinguir. Essa elite, que passa a ser formada por outros atores do que os da elite rural e senhorial, também procura se diferenciar dela em outros aspectos. A ida dessa elite para as cidades é um ideal de mudança delas para um padrão condizente ao modelo civilizado que queriam - europeu, francês, tal qual Paris.

Como argumentam Norbert Elias e Erick Dunning, a transformação nos modos de conduta atinge os jogos populares e passatempos, buscando fazer deles expressões corporais menos violentas, padronizadas (ELIAS e DUNNING 1992). No caso do futebol, a iniciativa de padronizar as normas dos esportes com bola partiu da vontade de se organizar torneios entre seis colégios ingleses que praticavam o esporte, cada um a sua maneira - Westminister, Harrow, Eton, Charterhouse, Rugby e Winchester. Padronizaram-se as regras em 1863 pela *Football Association* (ANTUNES, 1992) e o futebol se tornou um produto de exportação global, o que para Norbert Elias e Erick Dunning foi um exemplo de avanço civilizatório.

O futebol, então, chega ao Brasil e logo se torna um produto consumido pela elite. Os clubes são formados em todas as partes do Brasil e as práticas da elite começam a ser determinadas pela vontade de fazer o Brasil mais civilizado através dos costumes adquiridos ou recebidos da Europa. Dentro dessa ideia de disputa de sentidos, os membros da elite têm algumas atitudes que podem ser analisadas. Com a leitura das historiografias sobre o assunto, escolho quatro situações a serem mostradas e analisadas (a) A criação de dispositivos (econômicos e sociais) de seleção de classe e de raça incluídos nos estatutos de fundação de alguns clubes brasileiros; (b) a rejeição da popularização e ressignificação do *football* em Salvador pelas elites e a construção do Campo da Graça como espaço de sociabilidade da elite soteropolitana; (c) a criação de novas ligas em São Paulo e no Rio de Janeiro com a intenção de neutralizar o

crescimento de equipes operárias, populares e com negros e mulatos em seus times a partir da exclusão de Corinthians e Vasco da formação das novas ligas.

2.2.2 – As armas de disputa: elite excludente

No início da história do futebol no Brasil, após a chegada do esporte por várias vias, a elite começou a ter seus clubes. Muitos clubes foram criados nessa época. Os clubes exclusivos para os ingleses já existiam e, na medida em que os clubes de ingleses foram se estabelecendo e, ao mesmo tempo, os jovens que foram para a Europa e tiveram contato com o futebol voltam ao Brasil e passam as experiências para seus amigos, times são formados e alguns jogos são organizados para pôr em prática a experiência do *Football Association*.

A partir dos jogos, a vontade de se ter um clube para si aumenta nos jovens brasileiros e uma profusão de clubes vai sendo fundada. Casos emblemáticos são as fundações do Fluminense Football Club e do Botafogo Football Club. O Fluminense, segundo Mário Filho, é criado depois que Oscar Cox vai a São Paulo com seu time formado por brasileiros e ingleses para jogar um amistoso contra um time de paulistas. No meio do jogo, um dos ingleses, Mr. Makintosh, não é posto em campo e se irrita. Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998), Makintosh era o capitão do time de ingleses do Rio Cricket e parecia um acinte não entrar em campo (PEREIRA, 1998). A irritação vira motivação e Makintosh cria um clube só para ingleses – O Rio Football Club. A partir disso, Oscar Cox, ao voltar para o Rio, já volta na intenção de criar um clube para ele e seus companheiros, o Fluminense Football Club.

A partir da vontade de participar desse intenso movimento em torno do novo *sport*, que começava a atrair a atenção de outras pessoas além das famílias e amigos dos jogadores em torno dos campos onde as partidas eram realizadas, muitos clubes são fundados pelo país, outros clubes que se dedicavam a outros esportes como o Remo e o Cricket se interessam pelo Football e criam seus departamentos destinados ao novo *sport*. Assim foi com Botafogo. Flamengo e Vasco, no Rio, e o Vitória, em Salvador, e as ligas vão sendo criadas para organizar os campeonatos entre as equipes. Assim foi em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Salvador, rapidamente.

Com a aproximação de um maior contingente de pessoas em volta dos clubes, eles foram se tornando locais de sociabilidades dessa elite. Além dos jogos, eventos sociais vão sendo organizados nos salões dos clubes, aproveitando o impulso das cidades em urbanizar e tornar as ruas locais onde as pessoas deveriam estar, numa clara inspiração às cidades europeias, modelos de civilização.

2.2.3 – Estatutos, joias e mensalidades

Um dos meios de que a elite se utilizou para criar espaços de sociabilidades próprias e distinção foram as medidas de aceitação de sócios, incluindo as cláusulas e os valores pagos para entrar no clube: a joia, um valor pago antecipadamente para o clube, e as mensalidades, valores mensais pagos ao clube. Os clubes, visando selecionar seus sócios, colocavam valores muito altos, que permitiam apenas que as pessoas da mesma classe social dos fundadores do clube pudessem arcar com essas despesas.

Alguns clubes, sob o pretexto de ser um valor para a arrecadação inicial do clube, cobravam valores de joia altíssimos para a época. O Bangu Athletic Club, a título de comparação, cobrava 2$000 Rs [20]de joia. Trata-se de um valor que possibilitava que os operários não especializados da Fábrica Progresso pudessem se associar ao clube sem muitos problemas. O Fluminense, por exemplo, cobrava 5$000 de entrada para seus novos associados. O Botafogo, que cobrava apenas a mensalidade, com o entendimento que precisava criar maneiras de aumentar a arrecadação e criar meios mais eficientes de distinção, passou a cobrar 10$000 pela entrada dos associados para os quadros do clube. (MIRANDA, 1998)

A situação carioca se repetia em outros lugares, como Salvador. Henrique Sena dos Santos (2014) nos mostra a situação de três clubes: o Esporte Clube Vitória; o Sport Club Bahia – que não tem relação com o atual EC Bahia -; e o Yankee Foot-Ball Club. Na Bahia, os valores eram igualmente altos e tinham o mesmo objetivo de seleção de classe de seus sócios. O Vitória pedia 10$000 Rs como entrada para os futuros sócios, assim como o Sport Club Bahia e o Yankee (SANTOS, 2014).

[20] A moeda utilizada em Portugal e nas suas colônias era o Real (Rs). Os réis foram utilizados no Brasil desde o período colonial até 1942, quando foram substituídos pelos Cruzeiros (1 Cruzeiro = 1$000 [mil] Réis). O valor aproximado de 1$000 Rs é de R$ 123,00.

Já em relação às mensalidades, os clubes baianos também cobravam altos montantes. O Vitória cobrava o valor mais alto entre os três clubes que apresentamos. A cobrança de 5$000 Rs significava um valor cinco vezes mais alto, por exemplo, que o que Bangu cobrava de mensalidade e era ainda mais alto que o valor da joia, como mostrado acima. Bahia e Yankee cobravam valores altos, mas não chegavam ao valor cobrado pelo Vitória. Os clubes cobravam, por mês, 3$000 Rs e 2$000 Rs por mês. O Yankee ainda previa em estatuto que poderia cobrar até 5$000 caso fosse conveniente para o clube. (SANTOS, 2014).

Entre os clubes cariocas, o Fluminense e o Botafogo cobravam os valores mais substanciais dentro dos clubes mostrados por Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998). Ambos cobravam 5$000 Rs, valor igual ao que o Vitória cobrava na Bahia. O América Foot-ball Club, assim que iniciou suas atividades, cobrava 2$000 Rs de mensalidade. O entusiasmo com o clube tijucano foi tão grande que, em menos de seis meses de atividade, foi possível que o América alugasse uma sede própria por 180$000 Rs mensais (MIRANDA, 1998).

Além das mensalidades e joias, outras medidas de distinção para a associação nos clubes eram previstas nos estatutos. E uma das medidas mais simples era a necessidade de o associado ser maior de 16 anos, exigida pelo Botafogo (MIRANDA, 1998). Os clubes da Bahia, em especial, tinham cláusulas rígidas e bem específicas para a admissão de novos associados.

O Esporte Clube Vitória, em seu estatuto, exigia que seus sócios fossem maiores de 18 anos, que não pertencessem a qualquer outro clube, que tivessem bom comportamento e fossem indicados para associação por um ou mais sócios do clube. Segundo Henrique Sena dos Santos (2014), a admissão de sócios do Vitória era rigorosa e permitia um grande nível de seletividade, negando a participação a determinados sujeitos que não conseguiam atingir os pré-requisitos e nem pagar os valores altos exigidos pelo clube. A necessidade de indicação de outros sócios fazia com que um círculo de sociabilidade da elite fosse criado e alimentado, evitando a associação de qualquer desconhecido (SANTOS, 2014). “Ao final, o Vitória, para o seu sócio, seria como uma extensão da sua família e dos seus amigos” (SANTOS, 2014, p. 64-65).

O Yankee, por sua vez, fechava as portas do clube para certas categorias. Os analfabetos, guardas civis, praças, trabalhadores de profissões humilhantes e que

recebessem gorjeta não eram aceitos como sócios do clube, ainda que pudessem arcar com os valores da joia e das mensalidades. Considerando que as categorias proibidas compreendem os extratos sociais que envolvem os negros e os mais empobrecidos da sociedade, a exclusão não era apenas social, era racial também (SANTOS, 2014).

O Sport Club Bahia não deixava nenhuma dúvida sobre a cor que pretendia que seus associados não tivessem. O estatuto do clube soteropolitano, segundo Santos (2014), falava claramente que "em parágrafo único, 'em hipótese alguma poderá fazer parte do Club pessoas de cor'" (SANTOS, 2014, p. 66). Santos (2014) conclui ainda que a presença de negros e demais grupos subalternizados em seus quadros associativos significaria, de acordo com a ideologia racista e as idealizações de distinção e civilização europeias, um retrocesso no processo de se tornar cada vez mais parecidos com uma civilização idealizada (SANTOS, 2014).

2.2.4 – O Campo da Graça e a elite soteropolitana

O futebol, em Salvador, se tornou um motivo para as pessoas saírem de suas casas e irem para as ruas, praças e campos improvisados em espaços públicos. As sociabilidades dessas elites vão sendo fortalecidas, mas encontram um obstáculo inesperado: a presença dos populares curiosos com o novo *sport*.

Como conta Henrique Sena dos Santos (2014), em Salvador, o local dos jogos era o Campo da Pólvora, no distrito de Nazaré. O campo fora escolhido pela recém fundada Liga Bahiana de Sports Terrestres (LBST) pela sua localização privilegiada que permitia acesso fácil. Era próximo ao distrito da Vitória, bairro nobre e lar da maior parte dos idealizadores da LBST (SANTOS, 2014).

Os jogos foram sendo realizados e atraindo cada vez mais gente. Mas o Campo da Pólvora não oferecia estrutura suficiente para comportar a torcida. Junta-se isso ao plano da Intendência de ajardinar o Campo da Pólvora e os incidentes envolvendo os jogadores do Internacional – clube formado por Ingleses – envolvendo palavrões, xingamentos, gritos e arremessos de pedras e chinelos que deram a tônica da participação do povo nos jogos entre os jovens jogadores (SANTOS, 2014).

A gente que ia, segundo as pessoas de boas famílias, não era exatamente os exemplos de civilidade que eles esperavam que viriam junto com o *sport*. A partir

dessas questões, o Campo da Pólvora deixou de ser um lugar confortável para o *football* e para a torcida, que precisava ficar em pé ou levar cadeiras de casa; O Internacional, com os incidentes, decidiu se retirar do campeonato da LBST de 1906 e assim se formou o impasse (SANTOS, 2014).

Uma reunião foi feita entre os clubes e a ata da reunião é um importante norte para entender o que se pensava da participação popular no *sport* civilizado da elite de Salvador. Segundo Henrique Sena dos Santos (2014):

> O que mais chama atenção na ata é a afirmação taxativa de que os populares da mais baixa esfera social, devido a sua falta de compreensão, nada entendiam sobre o verdadeiro significado do futebol. Com isso, há uma tentativa de minimizar a atitude dos populares, uma vez que os próprios, desconhecendo o sentido civilizatório do esporte, "[...] **aplaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção**[21]" [...] (a ata da LBST) revela explicitamente que na diversão elegante das elites soteropolitanas, o fato é que existia uma rápida apropriação popular do futebol que se tornava um pesadelo para os que se consideravam introdutores deste esporte na cidade (SANTOS, 2014, p. 134; grifo nosso)

A liga, que já era chamada de liga dos brancos por ter como prática recorrente não aceitar times com jogadores negros nos seus campeonatos, transferiu seus jogos para o Rio Vermelho. Lá, continuaram os problemas de estrutura, obrigando a elite a assistir os jogos em pé ou trazendo cadeiras, porém o bairro do Rio Vermelho se localizava muito mais distante do centro, onde a elite residia, do que o distrito de Nazaré. O serviço de transporte também não era dos mais confiáveis, culminando na interrupção do campeonato da Liga Bahiana de Sports Terrestres em 1912. Para voltar com os campeonatos, era preciso um espaço estruturado e, para isso, foi construído o Campo da Graça (SANTOS, 2014).

Em 1920, depois de anos sem o campeonato de futebol em Salvador, três clubes – Vitória, Bahiano de Tênis e Associação Atlética – constroem o que seria, durante 30 anos, a principal praça esportiva soteropolitana e símbolo do poderio da elite na disputa de sentidos do futebol, como mostra Henrique Sena dos Santos (2014):

> [...] os idealizadores do estádio o imaginavam como um local público de interação social/esportiva e de manifestação e adiantamento da cidade. Em outras palavras, as elites desejavam tornar o campeonato em um grande evento social [...] Para além de oferecer novas formas de sociabilidade e convergência, os clubes esportivos e o futebol passaram a ser vistos [...] como necessários à inserção da cidade em uma dinâmica de engajamento físico de desenvolvimento do corpo, de

[21] Diário de Notícias, Salvador, 15 jun. 1906, apud Santos, 2014, p.134

> regeneração da raça, assumindo, portanto, um caráter eugênico e pedagógico (SANTOS, 2014, p. 94-95).

Como se pode perceber, a construção do Campo da Graça era mais que apenas uma construção arquitetônica para a cidade que passava pela urbanização iniciada por J.J. Seabra. O Campo da Graça era palco da segregação racial, distinção das elites e supremacia branca através do futebol. Assim como descreve Thomas E. Skidmore (1991), o Campo da Graça era a materialização das ideologias assimilacionistas desenvolvidas pelas elites para se colocar perante uma sociedade multirracial.

2.2.5 – Ligas excludentes

O futebol era apropriado pelas classes populares gradativamente e o terror das elites que se consideravam pioneiras no esporte se materializava na várzea. Os campos de várzea eram os lugares onde os meninos do futebol de rua, que jogavam com bolas improvisadas, sem camisa, aos berros, iam tentar jogar em locais mais apropriados do que as ruas (ANTUNES, 1992).

Os campos, como destaca Fátima Antunes (1992), apareciam como mágica desde 1902, quando os primeiros campos são feitos. Do primeiro campo, a Várzea do Carmo, vários outros foram sendo criados em uma série de lugares, principalmente na capital paulistana. Com os campos, foram nascendo os clubes dessa camada popular da sociedade (ANTUNES, 1992).

No Rio de Janeiro, os clubes menores, de fábricas e comunidades mais pobres, foram nascendo com o enraizamento do futebol na capital federal. Junto disso, clubes que se dedicavam a outros esportes, como o remo, começam a olhar o futebol com outros olhos e os departamentos de futebol foram nascendo nesses clubes (RODRIGUES FILHO, 2003 [1964]). No embalo da popularização do futebol, nascem equipes da "periferia" dos clubes da elite como Bangu AC, CR São Cristóvão, Guarany FC, Riachuelo FC, Americano FC, Realengo FC, SC Mangueira, Sampaio FC, entre muitos outros de bairros da zona norte e oeste do Rio como Méier, Piedade, Riachuelo, São Cristóvão, Realengo etc. (MIRANDA, 1998).

Os clubes de várzea, em São Paulo, passaram a ser cada vez mais importantes nos bairros, promovendo eventos culturais e os campeonatos que chegavam a concorrer

com os jogos da Liga Paulista de futebol e revelaram jogadores que iriam para os clubes da elite do futebol paulista e carioca. Os clubes, cada vez mais fortalecidos, começaram a vislumbrar uma vaga entre os participantes do campeonato da Liga Paulista. Um desses times foi o Sport Club Corinthians Paulista. O Corinthians começou a incomodar os membros da Liga, juntou alguns dos melhores jogadores da várzea e montou um elenco com capacidade de enfrentar em pé de igualdade os clubes da Liga. Por fim, entrou na Liga e se destacou no campeonato de 1913.

Depois do campeonato, os times da Liga Paulista se juntaram, saíram da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), com o claro objetivo de voltar a ter uma liga exclusivamente de clubes da elite paulistana. Os clubes não queriam um clube de operários na mesma liga. (ANTUNES, 1992).

Os clubes da elite carioca fizeram movimento parecido após o campeonato de 1923, onde o Vasco, com seu time de negros e "mulatos" que eram imensamente melhor condicionados do que os outros devido ao intenso treinamento diário, veio da segunda divisão e ganhou com facilidade o campeonato de 1923. A partir disso, os times foram tomando as piores medidas possíveis para tentar não deixar o Vasco ganhar o campeonato, que, ao contrário dos outros, não era um time de brancos (RODRIGUES FILHO, 2003 [1964]).

Em 1º de março de 1924, como descreve Mário Filho (2003 [1964]), os clubes se juntaram e, como os paulistas fizeram, fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), sem o Vasco (RODRIGUES FILHO, 2003 [1964]). Ainda assim, de uma forma ou de outra, os times da elite não puderam abrir mão de Corinthians e Vasco que, seja pelo público, seja pela qualidade dos times no campeonato, não puderam ficar de fora.

Em São Paulo ou no Rio de Janeiro, a intenção com a exclusão dos times populares que incomodaram os times da elite era manter a ordem que estava estabelecida, que os times grandes estavam ali para continuar grandes e perpetuar a narrativa do futebol elitizado, que não admite a classe trabalhadora e os negros dentro ou fora de campo sendo protagonistas do esporte.

Considero todas estas atitudes analisadas bons caminhos para entender a visão da elite em relação ao resto da população; a elite tinha como ambição transformar a raça em branca, transformar o país multirracial em um país embranquecido, fazer da

narrativa dessa elite a única narrativa possível. Ainda existe muita exclusão e sofrimento, por isso se faz necessário que se continue em busca de um mundo que aja sob uma ótica antirracista.

2.3 – O futebol e os treinadores negros

Em meados da década de 1910, começam a se encontrar registros de clubes contratando treinadores para aprimorar a parte física dos jogadores, como descreve Mario Filho (2003 [1964]) sobre a chegada do estrangeiro Mr. Taylor no Fluminense, com técnicas de ginástica calistênica europeia. A grande competitividade que tomava conta do futebol brasileiro fazia a figura do treinador e os treinos ficarem cada vez mais necessários. Antes disso, os treinos ficavam por conta dos jogadores, inclusive os físicos e técnicos, que variavam de chutes a gol, pegadas específicas para goleiros e corridas em volta do campo. Diante da questão da maior competitividade, a influência dos treinadores começa a crescer.

A seleção brasileira, por exemplo, só teve uma figura centralizada no cargo de treinador a partir de 1922. Até então, a seleção era convocada, comandada e treinada por uma comissão técnica formada por jogadores e dirigentes, sendo o capitão do time designado para as interações com os árbitros, a figura chamada de “técnico” até então (ARRUDA, 2016).

Os treinadores negros, nessa dinâmica, viviam um mundo de contradições e exclusões. São muitos os exemplos de técnicos negros que não conseguiram atingir um patamar de destaque durante um longo período de suas carreiras. José Paulo Florenzano (2018a, 2018b), em artigos sobre alguns técnicos negros do futebol brasileiro, nos mostra algumas importantes questões que acompanham os treinadores desde muito tempo. A permanente desconfiança é uma dessas questões. O treinador negro que tenta ocupar o lugar de comandante principal do banco de reservas de qualquer equipe precisa fazer o máximo para conseguir conquistar a confiança de dirigentes, jogadores e torcedores e, ainda assim, não é garantia que se consiga essa confiança plena. Exemplo disso foi Antônio Julião.

O treinador, quando ainda era zagueiro do Botafogo de Ribeirão Preto - SP no início dos anos 1960, era idolatrado pela torcida do time do interior paulista. Era atleta

exemplar, dentro e fora de campo, líder do time, e ainda desempenhava a função interina de técnico quando o time precisava.

Depois que terminou sua carreira, a oportunidade de treinar o próprio Botafogo surgiu e a diretoria confiou na idolatria e no conhecimento sobre o clube para colocar Julião no cargo de treinador principal. José Paulo Florenzano mostra que os jornais da época, ainda que afirmassem que o novo treinador tinha plenas condições de exercer o cargo, davam conselhos, relembrando a eterna tutela a que os negros são condicionados desde a época da escravidão. O treinador, apesar da capacidade mostrada ainda quando era jogador do clube em ocasiões em que era chamado para ser o 'técnico de emergência' ou ainda comandar a preparação física da equipe, precisava apenas não tirar o barco do curso, diziam os jornais da época. O comando da equipe não competia realmente a Julião. Nunca seria comandante, apenas o marinheiro mais experiente.

Apesar do bom começo com o Botafogo depois de ascender à divisão especial do campeonato paulista, a queda de rendimento, que deveria ser esperada por ser uma equipe saída de divisão inferior, abre questionamentos e Julião se demite meses depois de ter assumido, alegando que os jogadores não respondiam mais suas ordens. Julião passou por times do interior paulista como o América Futebol Clube e seu rival, o Rio Preto Esporte Clube, ambos de São José do Rio Preto, passou por Clube Atlético Bragantino, de Bragança Paulista, Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba, Aliança Clube de São Bernardo do Campo, Independente Futebol Clube de Limeira e o Esporte Clube Taubaté, encerrando sua trajetória no fim da década de 1970.

Antenor Lucas, o Brandãozinho, foi um importante jogador da história da Portuguesa de Desportos. Foi um volante de boa qualidade que conseguiu brilhar na equipe rubro-verde do Canindé. Após encerrar sua carreira como jogador, tentou ser treinador de futebol, mas, por não conseguir treinar equipes com algum tipo de destaque no âmbito nacional, desiste da carreira nos bancos de reserva e vai trabalhar como inspetor de polícia em São Paulo.

Brandãozinho, por mais que tenha tentado seguir outros caminhos, volta para a Portuguesa como responsável das categorias de base e como auxiliar do técnico principal, Aimoré Moreira. Como destaca José Paulo Florenzano (2018), o lugar do negro que tenta ser treinador em times de grande expressão acabava determinado mais

uma vez, era o auxiliar ou o responsável pelas categorias de base, nada de comando principal.

Brandãozinho, em fevereiro de 1966, acaba alçado ao posto de técnico da equipe principal, mas logo retorna ao cargo de auxiliar, seis meses depois, para dar lugar a outro técnico negro, Wilson Francisco Alves. O treinador levou a Portuguesa ao sexto lugar do campeonato paulista, após o clube flertar com o último posto da tabela.

Wilson Francisco Alves, conhecido na sua época de jogador com "Capão" por ter nascido no Morro do Capão no Rio de Janeiro, treinou vários clubes de médio e pequeno porte do Brasil, principalmente em São Paulo e no Paraná. Além da campanha com a Portuguesa de Desportos, teve maior destaque com o Esporte Clube São Bento de Sorocaba, antes da sua passagem no Canindé, onde ganhou dois títulos de campeão paulista do interior em 1964 e 1965. Também conquistou, em 1977, o Campeonato Paranaense com o Grêmio Maringá, derrotando o Coritiba Foot-Ball Club na final.

Alves, por mais que fosse reconhecido, passou sua carreira relegado aos times do interior. Nem sua campanha com a Portuguesa entre 1966 e 1967 fez com que alçasse patamares maiores em sua carreira. Da mesma forma aconteceu com seu companheiro dos tempos de jogador no Santos Futebol Clube, o ex-goleiro Agenor Gomes, conhecido como Manga.

Depois de deixar a carreira de jogador, Manga foi para o cargo de treinador da Portuguesa Santista e conseguiu levar a equipe de Santos à divisão especial do Campeonato Paulista, em 1965, contra a Ponte Preta em Campinas, interior do Estado de São Paulo. O feito, que era considerado uma proeza, se repetiu em 1966 com a Ferroviária de Araraquara, ao vencer no estádio do Pacaembu em São Paulo o XV de Piracicaba e também levar o time à divisão de elite do Campeonato Paulista.

Era o segundo acesso de Manga em dois anos, mas nem assim foi chamado para uma oportunidade em algum time de maior expressão. Florenzano (2018) ilustra uma das posições pré-estabelecidas do treinador negro ao citar uma entrevista do zagueiro Adelson Narciso, comandado de Manga na Portuguesa Santista em 1965. Segundo o zagueiro, Manga era um ótimo treinador, que tinha pleno entendimento do futebol, mas não teve chance em um time grande, talvez por ser uma pessoa humilde (FLORENZANO, 2018).

Isso ilustra uma das pontas da escala à qual o técnico negro é submetido. Ou é humilde, ou é autoritário. O equilíbrio que o colocaria em condições de ser um técnico prestigiado nunca se torna uma realidade. Na outra ponta da escala, por exemplo, Leônidas da Silva foi colocado quando tentou ser treinador do São Paulo Futebol Clube, após o fim da carreira de jogador.

O "Diamante negro", como era chamado Leônidas, encaminhou-se para o fim de sua carreira no início dos anos 1950. Segundo José Paulo Florenzano (2018), iria ocupar o cargo responsável pelas equipes amadoras e categorias de base do São Paulo enquanto ia deixando os gramados, fazendo uma transição gradual dos papéis. Porém, em março de 1950, o treinador da equipe principal do São Paulo, Vicente Feola, recebe convite para auxiliar o então treinador da Seleção Brasileira, Flávio Costa, na preparação do selecionado brasileiro para a Copa do Mundo de 1950, no Brasil. Com isso, Leônidas passa a comandar a equipe principal do tricolor paulista junto com o preparador físico Ariston de Oliveira. Dois negros que combinavam o conhecimento empírico e o conhecimento acadêmico.

Porém, depois de um pouco mais de um ano no cargo, Leônidas da Silva deixa o comando do São Paulo por conta dos resultados e, principalmente, em razão da insatisfação do elenco com o treinador, que não o obedecia por ser rigoroso e disciplinador. Ficou taxado pelo estereótipo do autoritarismo, na outra ponta da escala.

Waldir Pereira, o Didi, foi outro técnico que não teve o reconhecimento devido e nem o nome minimamente cogitado para assumir a seleção brasileira, apesar dos bons resultados internacionais que teve durante sua carreira, como na seleção peruana, levando o Peru para a copa de 1970 e passando da primeira fase, os títulos nacionais com o Fenerbahce da Turquia e a revelação de talentos como Norberto Alonso, Juan José Lopez e Reinaldo Merlo, três dos nomes mais prestigiados da história do River Plate da Argentina. De acordo com uma matéria sobre o ex-jogador e técnico, já falecido, a seleção brasileira era o "sonho dourado" do inventor da folha seca[22].

O exemplo de maior concretude da influência da questão racial em relação os treinadores negros foi Gentil Cardoso. Gentil foi treinador de vários clubes cariocas, incluindo os quatro considerados grandes do estado do Rio de Janeiro: Botafogo,

[22] A "folha seca" é um tipo de chute inventado por Didi que consiste em chutar a bola com efeito suficiente para ela subir e descer de forma repentina e imprevisível, como uma folha seca caindo de uma árvore.

Flamengo, Fluminense e Vasco; ganhador de títulos cariocas – com Fluminense (1946) e Vasco (1952) - e títulos pernambucanos com as três forças do futebol local – Náutico, Santa Cruz e Sport -, foi o único treinador negro a comandar a Seleção Brasileira, com um porém: treinou um combinado de jogadores pernambucanos representando o Brasil no sul-americano de futebol em 1959 por apenas cinco partidas, sem sucesso.

Gentil Cardoso, segundo Darcio Rancão Ricca (2017), trouxe uma grande inovação na forma de pensar a tática no Brasil. Adotou o esquema tático 3-2-2-3, conhecido como "WM" no Bonsucesso em 1928. O esquema que revolucionou a tática no futebol foi desenvolvido pelo técnico Herbert Chapman em 1925 no Arsenal FC, de Londres.

O WM era revolucionário por colocar 3 jogadores na linha de defesa e alterar o esquema tradicional em formato de pirâmide que era adotado (2-3-5). O esquema foi o primeiro a lidar com a regra de impedimento, que havia sido mudada na época. O esquema foi introduzido por Cardoso, em 1928, mas se atribui a introdução ao húngaro Dori Kruschner, contratado pelo Flamengo em 1937. É um apagamento sofrido pelo treinador que foi acompanhado pela sua trajetória pela exclusão e subalternidade.

Gentil também ficou marcado por colocar o foco na questão racial no contexto do futebol brasileiro. Numa época em que a discussão racial no Brasil engatinhava, era categórico:

> [...] Nunca dirigi uma seleção brasileira. Por que não era bom técnico? Ou porquê... Numa certa época, no Rio de Janeiro, entre três técnicos em evidência, eu era o único que preenchia os requisitos legais, além dos campeonatos conquistados. Terminei sendo preterido. Por dois calouros na profissão. Tudo por causa da cor. Nada mais... (PLACAR, mar 2003)

Sua carreira foi extensa e era considerado um comandante muito inteligente. Contudo, ficou mais conhecido como autor de frases de efeito sobre o futebol. O título de frasista o acompanhou durante sua trajetória e marcou a carreira dele com o folclore e o escárnio.

Um exemplo de treinador que assumiu e defendeu sua identidade negra é Lula Pereira que, depois de tantas tentativas e demissões, afirmou para a revista Placar que já ouviu que os dirigentes de certo clube gostaram do perfil de trabalho dele, mas o fato de ser negro seria um determinante para sua não contratação para o comando técnico do clube.

Lula é um caso que ilustra bem o que Frantz Fanon (2008) destaca ao dizer que existem apenas duas reações possíveis ao fato de se constatar negro. Segundo o autor, choque de se descobrir negro, fora desse padrão eurocêntrico, causa duas possibilidades de reação:

> [...] constato que sou negro. Para escapar ao conflito, duas soluções. Ou peço aos outros que não prestem atenção à minha cor, ou, ao contrário, quero que eles a percebam. Tento, então, valorizar o que é ruim – visto que, irrefletidamente, admite que o negro é a cor do Mal. (FANON, 2008, p. 166)

Pereira escolheu a via de mostrar que é negro, não se deixar calar pelo desânimo e pela dor causadas pelo preconceito que sofre.

Gentil Cardoso e Lula Pereira assumiram a posição de mostrar sua cor e racializar a questão dentro do futebol brasileiro. Outros, no entanto, assumem a posição contrária, tentando não chamar a atenção para sua cor, como diz Fanon. Na mesma reportagem da revista Placar, onde Pereira reafirma o racismo que perdura no futebol brasileiro, temos a declaração de Serginho Chulapa, que por vezes foi técnico interino do Santos e ocupou durante anos o cargo de assistente técnico permanente, dizendo:

> Existem grandes ex-jogadores negros com capacidade para treinar. Mas falta interesse do negro. Se não se preparar, não vai ter espaço. [...] Não existe preconceito, mas sim uma preguiça do negro. O convite não vai chegar em casa. Não adianta fazer movimento. A classe é desunida. (PLACAR, mar 2003)[23]

A fala de Serginho Chulapa confirma discussões feitas por Frantz Fanon (2008) e Kabengele Munanga (1988). Fanon afirma que o negro que tem contato com o inconsciente coletivo da sociedade dominante. Se não tiver uma resistência psíquica, pode terminar assimilando e reproduzindo a raiva sobre sua própria cor e os indivíduos que a possuem. Munanga, ao falar sobre os estereótipos atribuídos ao negro toca na "preguiça", a mesma que Serginho Chulapa cita como uma das causas para a falta de técnicos negros no futebol e a trata como um dos componentes de uma "imagem mítica" do negro. A preguiça que é atribuída ao negro, além de legitimar o privilégio do "branco" em relação ao trabalho, dá força à intolerância ao erro do negro:

> "Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito. Repito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu

[23] "Me desculpe, você é preto" < https://issuu.com/breiller/docs/tecnicos_negros>

> domínio da teoria dos quanta obtinham indulto.” (FANON, 2008. p 109)

Mais do que isso, Munanga afirma que a posição que Chulapa reproduz:

> [...] sugere que o trabalho [...] é pouco rentável, o que autoriza os salários insignificantes e a exploração. Desse modo, mesmo professores, médicos e engenheiros negros colonizados nunca receberam salários iguais aos de seus colegas brancos." (MUNANGA, 1988, p.34)

A questão dos salários e exploração do trabalho dos negros é algo muito presente em nossa sociedade contemporânea. Os cargos que as pessoas de classes mais altas não querem fazer acabam indo para as classes mais baixas – em sua maioria negras e negros – como babás, faxineiras, garis, atendentes, etc. E são postos de trabalho em que a exploração é praticamente tácita e com requintes de crueldade quando são adotados comportamentos e exigências perante os empregados que beiram uma reedição da relação senhor-escravo quando, por exemplo, é normalizado dizer que as empregadas são ‘quase da família’, ou quando elas precisam abandonar suas próprias famílias para cuidar dos filhos dos patrões em viagens, ou ainda quando se coloca a obrigatoriedade do uso de roupas brancas ou uniformes para as empregadas e babás, além do tratamento desumano dispensado em algumas situações.

No futebol, essa disparidade salarial é falada ainda na matéria veiculada na revista Placar. Andrade, por exemplo, no momento de sua efetivação como técnico do Flamengo e após o título brasileiro de 2009, ainda ganhava 20 vezes menos que o técnico Vanderlei Luxemburgo. Portanto, discursos que jogam a culpa da ausência de negros em postos de trabalho com maiores salários e responsabilidades no próprio negro é uma das práticas de manutenção da ordem racista da sociedade e que, além de dar aval para esses instrumentos de manutenção, limita e desvaloriza o debate.

No caso de nosso recorte, no mundo do futebol, o negro encontra uma aceitação velada, até certo ponto. Para ser jogador, é aceito. Enquanto exerce uma atividade que não necessita majoritariamente do intelecto, o negro é útil, necessário. Mas, a partir do momento em que a hierarquia começa a subir, os cargos começam a embranquecer e se tornam praticamente inatingíveis para a parcela negra do mundo do futebol. Quando conseguem chegar a ser técnicos, os ex-jogadores e profissionais negros do futebol são tratados com desdém, como meros interinos. Executivos negros no futebol brasileiro basicamente inexistem.

Por fim, tendo sido feita a trajetória de pesquisa qualitativa com o olhar voltado para a revisão de bibliografia acadêmica e de textos jornalísticos produzidos pela mídia esportiva brasileira, as análises de entrevistas e narrativas contidas no próximo capítulo serão necessárias para obter um norte para retornarmos às questões levantadas no início desta pesquisa. Entendo que não tenho a ambição de trazer respostas exatas sobre as proposições da pesquisa, contudo, pretendo que as análises auxiliem a levantar novas questões sobre o racismo e o papel do negro na nossa sociedade racialmente estratificada.

Capítulo 3 – A voz dos técnicos negros

Nesta próxima seção, serão respondidas as questões que levantamos anteriormente com os objetivos específicos da pesquisa. Aqui, as entrevistas realizadas com os treinadores negros e as narrativas retiradas delas serão analisadas por meio de métodos qualitativos de análise de dados com o objetivo de entender as questões relacionadas com a trajetória profissional e de vida de dois treinadores negros como as sociabilidades e solidariedades criadas; as relações sociais estabelecidas dentro do mundo do futebol; a identidade negra desses treinadores e a relação dela com a profissão; a visão deles sobre a mídia e as medidas que podem ser tomadas para a superação do racismo, na ótica deles; e entender como se dá a construção identitária a partir das narrativas que foram extraídas das entrevistas.

Entendo que a pesquisa em ciências sociais, segundo Ignácio Cano (2007, p, 98), permite me interrogar - enquanto um homem negro e inserido na sociedade brasileira com todas as suas questões, inclusive as questões raciais que estamos debatendo ao longo do trabalho - a partir dos significados das ações e das interpretações de indivíduos dessa sociedade, com identidades parecidas com as minhas – homens negros, inseridos na mesma sociedade que estou.

A entrevista, de acordo com a compreensão de Martin W. Bauer, George Gaskell e Nicholas Allum (2002), qual seja a forma de estruturação dela - estruturada, semiestruturada ou não estruturada -, se configura como um método plenamente adequado e assentado para a produção de dados de uma pesquisa qualitativa (BAUER, GASKELL, ALLUM, 2002). A partir disso, a entrevista se coloca como a melhor maneira de aprofundamento de questões a serem consideradas e analisadas nesta pesquisa. A entrevista também vem como meio de permitir que os sujeitos tenham suas vozes ouvidas e respeitadas, que a produção de dados seja coproduzida por mim, o pesquisador, e os sujeitos. Segundo Wiliam Soares dos Santos (2013):

> "nos Estudos da Linguagem, a pesquisa de caráter interpretativista se caracteriza, entre outros aspectos, pelo procedimento de gerar dados e desenvolver a análise de elementos presentes na prática da linguagem em determinadas situações sociais, de determinado falante ou de uma dada comunidade discursiva, a fim de investigar como as pessoas compartilham a linguagem e criam seus significados. Assim, no âmbito da pesquisa de natureza interpretativa/qualitativa, é importante considerar que o pesquisador está localizado no mundo social da

> mesma forma que aqueles que lhe fornecem seus dados, ou seja, ele não é um observador à parte, encontrando-se integrado no ambiente de pesquisa. Ele busca conferir inteligibilidade às práticas discursivas através das ferramentas teóricas que o auxiliam na prática interpretativa. O recorte daquilo que é interpretado depende das questões que direcionam a pesquisa." (SANTOS, 2013, p. 27-28)

Logo, se faz indispensável que eu, como pesquisador, entenda que não estou em posição superior ou fora da realidade social que os sujeitos de pesquisa também estão. Por isso falo em coprodução de dados.

Neste terceiro capítulo, além das entrevistas realizadas, serão analisados trechos de entrevistas públicas concedidas pelo treinador Jorge Luis Andrade da Silva, o Andrade. Entendo que, por conta da importância que ele teve para a elaboração desta pesquisa e com a pausa na carreira, já mencionada na introdução da pesquisa, se faz necessário que se analisem e se compreendam questões de construção de identidade e de que forma a elaboração da identidade e do discurso sobre o racismo que ele poderia vivenciar se modificou ao longo do tempo transcorrido desde o título do Campeonato Brasileiro de 2009 até a pausa na carreira, em 2017.

Foram realizadas duas entrevistas, uma semiestruturada e outra estruturada, com dois sujeitos que se encaixam no perfil estudado por esta pesquisa: técnicos negros de futebol. Os dois treinadores estão, no momento, fora do mercado, um fato que também ajuda na escolha desses sujeitos e no entendimento que eles têm sobre o racismo e sua agência no futebol brasileiro.

As entrevistas serão analisadas a partir da sugestão de análise proposta por Rosalind Gill (2002). O enfoque que pretendo dar para a análise das entrevistas dos dois treinadores será através da análise do discurso. Rosalind Gill (2002) defende que não existe uma análise de discurso fundamental, o que existem são diferentes estilos e formas de análise e a compreensão de que a linguagem não se constitui em um meio neutro, que apenas trabalha para a reflexão e descrição do mundo. O discurso é importante para todos os estilos de análise na medida em que se defende que o discurso é um importante fator de construção da vida social. A autora define a análise de discurso como "uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso" (GILL, 2002, p. 266).

A análise é construída em duas fases que se comunicam. A primeira se concentra na procura de padrões nos dados analisados. A segunda se foca na função do discurso a

partir de características específicas do discurso. A análise sugerida por Gill (2002) toma forma na elaboração de tópicos de análise para posterior identificação dentro do discurso e é dessa forma que pretendo proceder. A análise das entrevistas será dividida em seis tópicos, trabalhando as entrevistas de forma interligada: trajetória de vida; transições na carreira; construção de solidariedades e relações sociais no futebol; identidade negra e o técnico de futebol; e mídia e superação do racismo.

No tópico "Trajetória de vida", foram analisadas as partes da entrevista onde os treinadores falaram sobre suas origens, a infância, quando começaram a jogar, os motivos para quererem ser jogadores de futebol, a preparação para o término da carreira de jogador e o começo da carreira como profissionais do futebol e o caminho das carreiras até chegar ao posto de treinador.

O tópico "Transições na carreira" trata das dificuldades que os treinadores tiveram no momento em que decidiram terminar suas carreiras de jogadores de futebol e decidiram continuar no meio futebolístico, falaram sobre a necessidade de formação acadêmica aliada à experiência de anos jogando futebol e sobre as transições entre os cargos dentro dos clubes.

"Construção de solidariedades" apresenta as relações de amizade criadas durante as carreiras como jogadores de futebol baseadas na identificação que as trajetórias de vida semelhantes proporcionam. A importância das sociabilidades estabelecidas ajudam a enfrentar um ambiente de muita cobrança física e mental e exigência por resultados e boa performance.

O tópico "Relações sociais no Futebol" mostra como se dão as relações no ambiente do futebol considerando os principais atores nessa dinâmica: jogadores, auxiliares técnicos, treinadores, dirigentes, funcionários do clube e torcedores. Trata das tensões e identificações possíveis entre esses atores e as consequências dessas relações no futebol.

No tópico "Identidade Negra e o Técnico de Futebol", são abordadas as construções identitárias dos treinadores e como se dá a relação entre a identidade negra e o ser técnico. O "Mídia e Superação do Racismo" fala sobre as medidas de superação do racismo que, na visão dos treinadores, podem ser tomadas e as ações da mídia nesse sentido. A partir da definição do método de análise, podemos partir para a trajetória de pesquisa.

3.1 – Trajetória de pesquisa

Depois de decidir que a revisão bibliográfica de conceitos e pesquisas baseadas em dados historiográficos e as entrevistas semiestruturadas seriam as ferramentas metodológicas para a produção de dados para a análise, os sujeitos foram determinados. Seriam dois treinadores de futebol negros com passagens por clubes da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol.

A questão geográfica, por conta de onde os times da primeira divisão do futebol brasileiro se localizam, e o calendário atribulado eram questões a serem olhadas com cuidado. Os técnicos empregados não estavam no Rio e nem sempre estariam nas cidades onde seus times jogam. Além dessas questões, o fato de ser uma pesquisa sobre o racismo no futebol provavelmente poderia criar barreiras para a entrevista e a mediação com as assessorias dos clubes. Foi preciso levar essas variáveis em consideração.

O primeiro passo era pensar qual tipo de contato seria feito. Após o processo de escrita da Introdução e de um dos três capítulos e apresentação para a banca de Qualificação em novembro de 2017, os esforços ficaram concentrados em conseguir os contatos telefônicos para negociar a realização das entrevistas e, assim, produzir os dados para posterior análise. As primeiras tentativas foram infrutíferas e, como o recesso de fim de ano se aproximava e o processo de qualificação foi cansativo, a busca acabou sendo deixada para depois do recesso.

Em 2018, apesar de questões pessoais minhas que atrasaram o processo, consegui entrar em contato com os assessores de imprensa dos dois treinadores para negociar as entrevistas via telefone. Com o assessor do treinador A, consegui o número de telefone através de uma fonte em um veículo jornalístico voltado ao futebol no dia 06 de junho de 2018. O contato telefônico do assessor do Treinador B foi conseguido no dia 05 de junho de 2018 através de um amigo que conhecia um membro de uma torcida de um dos times em que o Treinador B trabalhou durante a carreira no comando técnico da equipe. Como foi solicitado pelos dois assessores, passei me comunicar com os assessores a partir de mensagens pelo aplicativo Whatsapp, mensageiro eletrônico de celular.

Primeiramente, falei com o assessor do Treinador B. Liguei para o número que me forneceram e expliquei rapidamente o motivo da ligação. Fui orientado a entrar em contato no fim da tarde, por volta das 18h, pois no momento o assessor não poderia se alongar muito no telefone. Retornei, dessa vez pelo aplicativo Whatsapp, e o assessor disse que o Treinador B estava recusando os convites para entrevistas jornalísticas por conta de o Treinador B se considerar marcado pelo assunto – o racismo no futebol brasileiro – por se posicionar de forma firme e mantendo a mesma opinião ao longo do tempo, porém, no caso da pesquisa acadêmica, ele estaria inclinado a aceitar. Expliquei a situação específica do contexto de pesquisa, que seria uma entrevista com maior cuidado e profundidade, com protocolos específicos e que, se fosse da vontade do Treinador B, seria em total confidencialidade. Falei que não tinha intenção de lucrar com a entrevista ou prejudicar a carreira dos treinadores. O assessor perguntou qual seria meu prazo máximo, porque o Treinador B queria um tempo para pensar na possibilidade da entrevista. Coloquei 20 dias de prazo (25 de junho de 2018) para que ele pudesse ter tempo de avaliar se faria a entrevista e eu teria tempo hábil de analisar a entrevista, caso ele aceitasse.

Depois de falar com o assessor do Treinador B, entrei em contato com o assessor de imprensa do Técnico A no dia 06 de junho de 2018. Conversamos por telefone e, como dito acima, passamos a conversar pelo aplicativo Whatsapp. Como adiantamos a negociação na ligação telefônica, não se fez necessária uma longa negociação. No dia 08 de junho de 2018, recebi o retorno positivo dele avisando que poderia ligar diretamente para o número de telefone do Treinador A. Conversamos por telefone para que eu explicasse sobre o tema da pesquisa, como seria o andamento do processo de entrevista, possíveis questões relativas à confidencialidade e qualquer outra dúvida que ele pudesse ter. A princípio, a questão da confidencialidade não foi um problema para o Treinador A. Porém, por conta do pedido de manter a confidencialidade do Treinador B, retornei o fato para minha orientadora de pesquisa e ficou indicado que seria mais prudente manter a confidencialidade dos dois sujeitos da pesquisa.

Depois de explicar tudo e esclarecer suas dúvidas, ele aceitou participar da entrevista, mas pediu que ligasse alguns dias depois no horário do almoço para confirmar a data e o local onde ocorreria a entrevista. Retornei a ligação no dia 11 de junho de 2018, como ele havia pedido, e combinamos a realização da entrevista no

horário e local mais adequados para ele. Não quis fazer nenhum tipo de exigência ou ressalva por pensar que poderia acontecer algo e o treinador não aceitar mais realizar a entrevista. A entrevista foi marcada para o dia 15 de junho de 2018, às 15h da tarde, em um café de um shopping na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio.

A entrevista com o Treinador A transcorreu em 32’40’’. Antes de iniciar a gravação, conversamos sobre a entrevista, perguntei novamente se existia alguma questão a ser resolvida antes de iniciar a gravação e, consequentemente, a entrevista. Entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, expliquei sobre seu conteúdo e o Treinador A leu o termo com cuidado. Feito isso, iniciei a gravação e começamos a entrevista. A entrevista ocorreu sem maiores problemas. Não pudemos nos alongar por mais tempo a pedido do Treinador A, que precisava sair às 16h, por motivos pessoais. Dessa forma, trabalhamos com essa janela de tempo de 1h.

O trabalho com entrevistas não estruturadas é importante na medida em que as entrevistas fechadas acabam permitindo menos espaço para a produção de narrativas (SANTOS, 2013), como foi o caso da entrevista com o Treinador B. As circunstâncias do processo de entrevista com o Treinador B acabaram obrigando a entrevista a ser realizada por meio de um mensageiro eletrônico chamado Whatsapp.

O Treinador B, no momento em que seu assessor falou sobre a pesquisa e a possibilidade da realização da entrevista, como citei acima, pediu tempo para pensar a respeito. Nesse tempo, esperei alguns dias a mais que o tempo combinado e voltei a contatá-lo no dia 05 de julho de 2018. Nesse momento, o assessor me informou que o Treinador B viajou com a família e a comunicação se tornou um empecilho muito maior, já que, segundo o assessor de imprensa dele, estava muito difícil se comunicar em razão do fuso horário. Esperei 11 dias para voltar a entrar em contato e o fiz no dia 16 de julho de 2018. O Treinador B respondeu para o assessor que poderia voltar no dia 20 de julho e, assim, poderíamos conversar para a realização da entrevista.

No dia 20 de julho, o assessor me informou que o Treinador B preferia que a entrevista fosse via texto e que eu enviasse o roteiro de perguntas para ele. Tentei negociar que pelo menos pudesse ser feita por telefone, mas a possibilidade foi rechaçada. A maneira que encontrei de garantir a entrevista foi enviar o roteiro de perguntas e solicitar que fossem respondidas pelo mecanismo de áudio do aplicativo

Whatsapp. Desta forma a entrevista foi realizada no dia 24 de julho de 2018, quando o Treinador B teve disponibilidade de responder às questões que apresentei.

A utilização do aplicativo Whatsapp, ao contrário da entrevista presencial, acabou não produzindo narrativas que se adequassem minimamente ao modelo canônico de narrativa, mas conseguiu que produzíssemos dados substanciais para análise. O modelo canônico prevê critérios para caracterizar uma fala como uma narrativa. Ela necessita ser factual, ter temporalidade, ter um ponto e uma avaliação (BASTOS, 2004). A entrevista com o Treinador A proporcionou duas narrativas sobre casos de racismo vividos por ele. Entendendo que são coisas diferentes, as entrevistas e as narrativas, entendo que as análises também deveriam ser feitas em separado e, dessa forma, passarei para a análise do discurso contido nas entrevistas e, logo depois, analisarei as narrativas do Treinador A. Por fim, como falado anteriormente neste capítulo, farei as análises de três situações de fala em entrevistas públicas para programas esportivos de televisão em dois canais abertos e em um canal fechado.

3.2 – Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas com os Treinadores A e B, realizas das nos dias 15 de junho e 24 de julho respectivamente, forneceu dados para a análise que será dividida nos pontos que foram detalhados anteriormente. As transcrições na íntegra serão disponibilizadas nos anexos junto com as convenções de transcrição utilizadas.

3.2.1 - Trajetória de vida

A trajetória do Treinador A começa a ser construída com a relação íntima entre o clube de coração, no qual o pai jogou durante muitos anos, o bairro onde morava, a prática do futebol e o estudo. Por ser um jovem filho de jogador, morava nos arredores de onde o pai treinava e ia para o clube praticar o futebol de salão. Fora do clube, jogava futebol de areia. O futebol em si, não era uma opção de vida primeiramente.

O Treinador A começa falando sobre o pai, que foi jogador da seleção brasileira na década de 1940 e jogador do Clube F, clube pelo qual torce, que jogou e trabalhou em vários cargos por muitos anos. O Clube F, ao que parece, define bem o que ele é e

os papéis sociais que assume durante a vida. Desde cedo, por conta de o pai ser jogador do clube, o Treinador A frequentava o clube como sócio e como atleta do futsal. Jogava também o futebol de areia, prática comum na zona sul carioca e, surpreendentemente, não se interessava pelo futebol de campo. Disse que não tinha o sonho de ser jogador de futebol. O Treinador A não fala explicitamente sobre o sonho que tinha, mas traça bem a dicotomia que acompanhou e ainda acompanha o futebol por muito tempo: jogador não pode estudar e quem estuda não pode ser jogador. Ao falar sobre isso, destaca que o estudo era muito importante em sua casa ([...] "sempre estudei, lá em casa tinha que estudar mesmo, não tinha... na família minhas irmãs todas se formaram como eu"). A relação do pai com o Clube F, como pode ser visto, é a relação que ele acabou tendo com o clube, onde jogou e trabalhou em vários cargos e funções.

Treinador A conta sobre seu início no futebol e vai construindo o caminho sobre a saída do futebol de salão para o futebol de campo como um acaso. A transição entre o salão e o campo parece ser apenas obra da insistência dos ex-atletas amigos de seu pai que o viam jogar no salão e chamavam insistentemente para que fosse fazer uma experiência no ambiente diferente. O que não era um sonho na vida acabou se tornando uma paixão e, assim, transcorre o início da carreira de jogador de futebol. É de se destacar que a trajetória inicial da vida do Treinador A é, de certa forma, fora do perfil do jogador de futebol no Brasil, em especial o jogador negro, que sai de comunidades periféricas, interioranas, de favelas e usa o futebol como forma de ganho de dinheiro em vista de mudar a condição social da família, como a do Treinador B. O Treinador A, muito provavelmente por conta da profissão que o pai tinha, fez uma trajetória diferente; não se coloca como uma pessoa rica, mas tinha boa condição de vida, morava em um bairro nobre da zona sul carioca – bem próximo do clube onde o pai treinava e onde ele tinha suas socializações e convivências –, tinha disponibilidade para estudar e ter o futebol, primeiramente, como divertimento e, depois, como uma opção de vida, não um caminho único.

Quando se torna jogador profissional, encontra barreiras para conseguir seu espaço, mas consegue vencê-las e fazer uma carreira vitoriosa, terminada aos 32 anos de idade. Nesse momento, segundo ele, se preparou para investir em uma nova fase da vida e na continuidade da carreira dentro do futebol: seria profissional do futebol, mas fora das quatro linhas. Para isso, evitou o caminho que vários treinadores mais antigos

tomavam – de sair direto do campo para o comando técnico do clube – e foi fazer o vestibular para estudar educação física. Fez um grande esforço e foi recompensado (“me preparei sozinho... apostila... pegando coisa de amigo, de filho de amigo e consegui passar no vestibular de educação física”). E mesmo depois de tanto tempo e de colocar seu esforço como algo fundamental para a mudança de papel na sua trajetória, coloca a ajuda de um de seus amigos de Clube F como fundamental para que voltasse ao clube como auxiliar técnico do time infantil.

Nesse começo de entrevista, o Treinador A se constrói como uma pessoa que tem três principais referências: a educação, os amigos do tempo de futebol e o Clube F. Esses três fatores aparecem como determinantes na trajetória pessoal dele. O Treinador A faz questão de mostrar que, na vida pessoal e profissional, estes três fatores se misturam intensamente e não faz questão de separar, já que são determinantes e ganham espaço em todas as áreas da vida dele que ele deixa transparecer. A construção da identidade dele se dá muito em função dos papéis sociais que ele exerceu durante a vida: filho, jogador do futebol de salão, jogador de futebol de campo, profissional do futebol, estudante de educação física e treinador de futebol.

O Treinador A permaneceu durante quatro anos como auxiliar técnico das categorias de base e preparador físico em sua primeira passagem pelo time que o revelou para o futebol como jogador. Três anos estudando na faculdade de Educação Física e trabalhando no clube, simultaneamente e mais um apenas trabalhando, depois de se formar. Resolve dar um passo à frente na carreira e vai treinar uma equipe de um estado vizinho. Depois, fica às voltas com o antigo clube, voltando em várias oportunidades para exercer diversos cargos, de auxiliar técnico a gerente de futebol.

A fala do treinador A se concentra nesse momento na passagem mais recente no Clube F como auxiliar técnico, treinador interino e efetivo. A relação que tinha com os jogadores é o principal mote dessa parte da fala dele. O treinador A se colocava como mediador entre os jogadores e o treinador, tentando sempre estabelecer boas relações e manter um bom ambiente de trabalho.

Nessa parte da entrevista, um destaque importante é que Treinador A, ao se colocar na posição de auxiliar técnico com responsabilidades de manter as condições de trabalho, define bem a posição de hierarquia que está posta. Ele nunca, ali, poderia ser

apenas o auxiliar que entende das táticas ou que procura estar apenas focado na função de auxiliar o técnico nos treinos.

Como destaca José Paulo Florenzano (2018), o treinador negro é rotulado em dois extremos da escala: humilde ou autoritário. O técnico negro “sempre se mostra aquém ou além do ponto de equilíbrio no exercício do poder” (2018, s/p). Mesmo não exercendo um cargo de comando, se coloca numa posição de humildade, como o responsável por intermediar a relação entre os jogadores e o treinador Fazendo de tudo para que a relação não se deteriore rapidamente. Segundo o Treinador A, ele “de vez em quando apaga uns incêndios, vai conversar pra evitar que a coisa cresça”, caracterizando assim sua ação como auxiliar em relação ao elenco.

Outro destaque é que o Treinador A acaba colocando algumas características como fundamentais para entender os jogadores e manter um bom ambiente de trabalho no departamento de futebol de um clube. Os jogadores parecem que sempre estarão também em escalas inversas, ou está satisfeito e mantém o ambiente bom ou a insatisfação aparece e tudo vira um incêndio. Isso dá uma boa imagem de como o vestiário de um clube de futebol pode ser difícil, já que envolve muitas questões, muitas pessoas diferentes e muitos egos diferentes.

Continuando, o Treinador A coloca que o trabalho que fez como auxiliar técnico do clube, mediando as situações entre técnicos e jogadores, o colocou em uma posição de confiança perante os jogadores. Ele é digno de confiança na medida em que, por mais que tenha feito a transição e não seja mais jogador, continua tendo a humildade de se colocar como quase um igual, no mesmo patamar do jogador, o que faz esse grupo ter uma confiança maior. São muitos os casos em que o grupo de jogadores se une para apoiar um auxiliar enquanto técnico interino e, na mesma medida, para tirar o técnico que os comanda. Treinador A mostra que, apesar da necessidade de se manter uma relação de confiança com os jogadores, eles sempre estarão testando o treinador e tentando o desestabilizar de alguma forma. Por mais que se coloque como alguém humilde, que trabalha apenas para cooperar para o time atingir os objetivos, entende que é preciso ser mais que “bonzinho”.

O treinador B, ao falar sobre sua trajetória, se fixa primeiramente na listagem dos clubes onde jogou até os 35 anos de idade e, da mesma forma, vai listando os lugares por onde trabalhou, de quem foi auxiliar técnico etc. O Treinador B fala que, na

transição entre o papel de jogador de futebol e o papel de futuro treinador, ele se preparou para fazê-la, se antecipando ao fim da carreira e entendendo que o fim da carreira de jogador pode ser um momento de ruptura com um papel social exercido desde a infância até a idade adulta e que dá possibilidades de ter uma certa condição de vida, ir a lugares e ter experiências que outros papéis sociais não proporcionariam a qualquer pessoa, ainda mais uma pessoa negra.

O treinador B, assim como o treinador A, faz menção ao estudo e à formação acadêmica em sua fala. Porém, coloca a formação como uma das dificuldades da transição. O Treinador B fala sobre a época da transição entre ser jogador e ser técnico de futebol e destaca a falta de possibilidades de formação técnica e acadêmica para se qualificar teoricamente para a carreira de treinador. A formação não era específica (“não tínhamos formação acadêmica nenhuma, nem universidade do futebol, todas essas coisas que existem hoje.”).

Na época em que ele realizou a mudança na carreira profissional, a opção era se aproveitar da experiência empírica adquirida durante a carreira de jogador e pelo convívio com diferentes treinadores. O Treinador B constrói a imagem dele como treinador como um mosaico de experiências, onde cada momento da carreira em cada clube e com cada um dos treinadores com quem trabalhou como jogador e como auxiliar tem influência em uma parte desse mosaico de experiências. Ser treinador de futebol é um papel social performado por Treinador B. Esse papel pode se aproximar das identidades que o formam.

O treinador B volta a falar de sua trajetória de vida quando é perguntado sobre as questões relacionadas ao trânsito entre o futebol e a sociedade em si, entendendo as duas esferas como ligeiramente distintas. A fala do treinador B volta para sua infância e a relação que estabeleceu com o futebol. Ele era um menino negro, pobre, que perdeu o pai ainda novo e que entendeu que o futebol era um modo de ascensão social e econômica que garantiria a sua família condições de se sustentar. A ascensão, segundo ele, demorou, mas não se configura como algo completo, real. Para ele, a ascensão social e econômica não muda a hierarquia racial, já que não se deixa de ser negro. Treinador B comprova isso com uma fala sobre ter chegado em alguns lugares e acontecer uma dupla surpresa. Ele se surpreendeu por não ver nenhum negro no ambiente e as pessoas se surpreendiam por ver ele, um homem negro, naquele lugar. Ele

atribui isso antes e depois de narrar o acontecimento por ter jogado e morado por muito tempo no sul do Brasil.

As trajetórias de vida dos dois treinadores têm semelhanças e diferenças. As diferenças são encontradas principalmente em suas infâncias. O treinador A teve uma família estruturada, morou em bairro da zona sul do Rio de Janeiro, teve como sua única obrigação estudar e o futebol se coloca na vida dele como uma opção de divertimento e uma escolha profissional dentro de uma gama de possibilidades. Já nessa parte da vida do treinador B, o futebol é opção que se configura como a melhor para que possa sair da situação de pobreza que se apresentou no início da vida; a família perde o pai quando o treinador B ainda é uma criança e ele assume o papel de ser um dos provedores da casa, junto com a mãe, em Salvador, na Bahia.

Depois que o futebol entra na vida dos dois, as trajetórias vão se aproximando. Ambos conseguem sucesso na carreira de jogador de futebol, conseguem projeção e ascensão social e econômica – que se mostra um fator mais destacado na fala do treinador B, provavelmente por sua vida anterior ao futebol marcada pela pobreza. Quando julgaram que precisavam dar um passo em direção a um novo rumo da carreira, se prepararam para a mudança do papel de jogador de futebol para o de profissional do futebol. O treinador A, primeiramente, procura a formação acadêmica antes de ir para campo, propriamente. O treinador B não deixa claro sobre a formação acadêmica e profissional que teve, mas destaca as dificuldades na formação e que teve seu começo na formação empírica, indo trabalhar como auxiliar em vários clubes até assumir o cargo de treinador principal numa situação crítica.

O treinador A, ao contrário de seu colega de profissão, faz sua carreira de profissional do futebol quase toda dentro do clube onde foi formado desde as categorias de base, mantendo quase todo o tempo da primeira passagem uma ligação estreita com a formação acadêmica. O treinador B têm uma gama de diferentes experiências em uma variedade de clubes muito maior. Nessa hora, é importante destacar as relações de amizade e solidariedade feitas dentro do clube formador pelo Treinador A, que acaba fazendo sua carreira girar em torno desse clube. O Treinador B também fala sobre as relações, mas de forma diferente. Falaremos disso nos próximos tópicos.

3.2.2 - Transições na carreira

A carreira do Treinador A passa por uma série de transições, todas elas permeadas pela sua relação com a educação, pelo clube que o formou e pelos amigos que fez no começo de sua passagem nas categorias de base como jogador. Isso, para ele, facilitou bastante as coisas para que essas trajetórias fossem feitas com tranquilidade. Quando parou de jogar, estava em um clube de Portugal e decidiu voltar ao Brasil para começar o caminho para sua carreira de treinador. Decidiu ter uma formação acadêmica que o permitisse ter formação teórica além da prática ("queria ter uma faculdade... pra me... poder além da minha experiência, ter, né, uma parte teórica, acho importante...").

Ao responder sobre a transição de carreiras, não acha que teve dificuldades, já que a convivência anterior que teve desde criança, passando pelo prestígio que adquiriu sendo jogador do clube o ajudaram a ter mais oportunidades em vários cargos dentro das categorias de base do clube, enquanto estava na faculdade. Ficou ainda no Clube F mais um ano depois de se formar e depois foi tentar dar um passo à frente na carreira trabalhando fora do Clube F, num clube de um estado vizinho a sua terra natal. Coloca mais de uma vez os fatores que facilitaram sua permanência na primeira passagem fora dos campos:

> "foram quatro anos trabalhando lá na categoria de base.. [...] eu conhecia muita gente ali, bem quisto, isso ajuda né? ... trabalhei em todas as categorias, fui treinador, fui preparador físico, fui auxiliar.. [...]eu não tive problemas pra começar do outro lado não.. foi até facilitado com relação.. por ter jogado no clube, né, e ter uma história bacana lá, e um pedido também de um cara que é um ídolo né, que é o Jogador Z, isso tudo facilitou minha vida, minha volta ao Clube F"

O Treinador A trabalhou algumas vezes no Clube F, sempre colocando a relação com seus amigos de categoria de base e de time profissional do Clube F como um condicionante para voltar ao clube. Trabalhou em vários cargos, sempre atendendo ao chamado de um de seus amigos.

O Treinador B, como já foi apresentado, coloca a formação acadêmica como uma dificuldade devido à falta de possibilidades para estudo e formação específicas, como o curso de treinador da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O treinador B coloca também que outra dificuldade foi lidar com a posição de comando, já que existem muitas exigências inerentes ao futebol, como a exigência por resultados bons e a de boas performances dentro de campo. Quando se muda o papel social e se passa para a posição de treinador, para o Treinador B, não é mais parte do grupo de jogadores,

pelo menos não da mesma forma, já que as responsabilidades pelas decisões que podem trazer dificuldades para os atletas são do treinador e ele acaba respondendo sozinho por elas. Os resultados negativos, frutos das decisões dos treinadores, vão recair no grupo e no treinador, duas esferas separadas. Os jogadores respondem, geralmente, em grupo e, quando a cobrança é individual, se faz a auto proteção, que é base das relações entre os jogadores, geralmente. Apesar da dificuldade, o Treinador B vê isso como algo da profissão, atribuições naturais do cargo de técnico de futebol, como, por exemplo, tomar decisões e ter toda a responsabilidade por um resultado ruim. O treinador B mostra como é complicado para um treinador tomar decisões. Ainda mais para um treinador negro.

3.2.3 - Construção de solidariedades

As solidariedades entre as pessoas são construídas de muitas formas e muitas vezes essas solidariedades são efetivadas quando um grupo vive momentos de tensão, perigo ou grande responsabilidade. Negros e negras escravizados, por exemplo, formaram laços de solidariedade ainda nos navios negreiros. Segundo Kátia Mattoso (2003), "[...] chamam-se "malembos" a esses amigos das primeiras horas do cativeiro, amizade que gera solidariedade verdadeira e implica em severas obrigações de ajuda mútua" (MATTOSO, 2003, p. 100). As solidariedades serviam também como forma de adaptação ao ambiente e se davam muito pela identificação aflorada pela mesma situação crítica que viviam.

Nas falas dos dois treinadores, é possível estabelecer alguns paralelos. Não querendo comparar elencos e vestiários de futebol com cativos em navios negreiros e senzalas, mas, no ambiente futebolístico, existe um grande fator de exigência física e mental e as relações entre os jogadores muitas vezes se fortalecem nesse ambiente relativamente hostil.

O Treinador B, no momento em que vai descrever as relações com os jogadores de futebol, companheiros de equipe, mostra a construção de solidariedades na medida em que fala sobre a identificação que as origens semelhantes entre os jogadores pode proporcionar e auxiliar na formação de laços de amizade e solidariedade.

O Treinador B descreve que o futebol aproxima trajetórias de garotos de origens humildes, que têm sua formação no futebol ligada ao jogo na rua, assim como Henrique Sena dos Santos (2014) descreve a apropriação do esporte pelas classes populares no começo do século XX, onde só bastavam um projeto de bola e algo que marcasse os gols para começar o jogo. Santos (2014) ainda coloca como a classe média e a elite soteropolitanas eram contra essa apropriação, como se o jogo de bola na rua pudesse transformar o futebol, elemento cultural que aproximava o Brasil de um ideal europeu e civilizado, em algo banalizado e inculto.

Os gritos e palavrões, além da pouca roupa utilizada, iam completamente contra o ideal do futebol civilizado, cordial, ordeiro, inglês, que se vestia com uniformes vindos da Europa, com boinas e se torcia com chapéus e sombrinhas decoradas nas cores de cada clube, cada um em seu canto definido. Mario Filho (2010 [1964]), ao descrever as diferenças entre o futebol dos meninos da elite e dos moleques da rua, se atém a um detalhe muito importante: a bola. As bolas dos meninos dos bairros ricos eram de pelica, com gomos coloridos, a bola dos moleques dos bairros pobres era de meia, de papel amassado enrolado com barbante, do que fosse, mas que pudesse rolar. O futebol dos moleques era motivo, para aqueles que já achavam o futebol uma besteira, olharem ainda mais por cima. Para essas pessoas, "[...] o futebol se vulgarizava, se alastrava como uma praga. Qualquer moleque, qualquer preto podia jogar futebol" (RODRIGUES FILHO, 2010 [1964], p. 50). Quem diria que exatamente esses moleques da rua, os pretinhos que iriam ser os jogadores de futebol mais tarde?

Continuando a olhar para a entrevista do treinador B, aqueles moleques da rua viram jogadores e se encontram nos clubes. A relação deles é facilitada por conseguirem ver o moleque dentro de cada um e se identificarem. A grande identificação faz com que se protejam, se indiquem para clubes, que cresçam como profissionais. Outro fator de identificação, segundo Treinador B, é a possibilidade de ascensão social e econômica que o futebol transmite ser possível a esses jogadores, quase todos outrora meninos de origens pobres e sem formação escolar por falta de oportunidades, por precisarem ser, junto com os pais ou com a mãe apenas, o provedor da família. Para Treinador B, as dificuldades da vida os unem em ilhas de auto proteção e identificação frente à cobrança e à exigência por resultados e performance que fazem parte do futebol competitivo.

O treinador A atribui boa parte das conquistas e sucesso nas transições de sua carreira às relações construídas ainda nas categorias de base do clube onde foi formado. Lá, conviveu e compartilhou experiências com vários meninos que nem ele que, depois de adultos, seriam jogadores de muito renome e prestígio. Depois de contar sobre sua entrada no futebol, Treinador A mostra que as amizades que fez entre os 15 e 16 anos, enquanto era juvenil do Clube F, duram até hoje. Treinador A fala que era um grupo com boas relações e que influenciaram na carreira que teve como jogador e como profissional do futebol. Todas as passagens que teve no Clube F tiveram seus amigos como influência, seja na indicação, seja chamando para trabalhar junto, o que mostra que a sociabilidade que se criou quando eram adolescentes, se manteve por muito tempo, como ele disse anteriormente.

Para ambos, então, o futebol se construiu como espaços de sociabilidade e solidariedades e isso se torna fundamental na relação entre os jogadores e entre pessoas que estão vivendo numa sociedade que os impõe tantas dificuldades durante sua trajetória de vida.

3.2.4 - Relações sociais no futebol

Além das relações construídas entre os jogadores, existem dentro do ambiente de um clube várias outras relações. As relações são muito diferentes e muito estratificadas, segundo os relatos dos treinadores. São descritas as relações entre os jogadores, entre jogadores e auxiliares, jogadores e treinadores, jogadores e dirigentes, treinadores e dirigentes, treinadores e funcionários e de todos esses atores sociais com os torcedores.

Já descrevemos a relação entre os jogadores que criam laços de solidariedade por conta das dificuldades que passam juntos e da identificação que acaba acontecendo por conta das trajetórias parecidas de vida antes de serem jogadores de futebol. Quando se muda o papel social e se passa para a posição de treinador, para Treinador B, não é mais parte dessas ilhas, pelo menos não da mesma forma, já que as responsabilidades pelas decisões que podem trazer dificuldades para os atletas são do treinador e ele acaba respondendo sozinho por elas. Os resultados negativos, frutos das decisões dos treinadores, vão recair no grupo e no treinador, duas esferas separadas. Os jogadores

respondem, geralmente, em grupo e, quando a cobrança é individual, se faz a auto proteção, que é base das relações entre os jogadores, geralmente.

Ao tratar da relação com os dirigentes, funcionários dos clubes e torcedores, todas guardam certas semelhanças, principalmente entre dirigentes e torcedores, que são relações que podem se desgastar de acordo com os resultados e com a performance em campo. Os jogadores e, principalmente, os treinadores são muito pressionados para que tudo seja positivo. Logo, a relação entre esses diferentes atores do futebol é mediada pelo desempenho e competitividade.

O Treinador B descreve outro papel social crítico, o capitão da equipe. É um papel de liderança que, na relação entre as forças no ambiente do futebol, tem algum tipo de poder na relação e se alinha – ou deveria se alinhar – aos interesses dos jogadores. Nesse jogo de poderes, o capitão acaba sendo marcado pelos dirigentes por nem sempre estar se alinhando a eles e baixando a cabeça para as decisões que vêm de cima. O Treinador B coloca que ter "um certo esclarecimento" também era ponto de desgaste e ruptura na relação entre o capitão e os dirigentes. Fazendo a relação com o que temos historicamente em nosso país, na convivência tensa entre cativos e senhores, os senhores estimulavam diferenças entre os cativos, dando tarefas leves para uns e pesadas para outros (MATTOSO, 2003). No caso do futebol, o Treinador B, como capitão, não vê diferenças entre os jogadores e entende que deve protegê-los e isso criava a tensão entre ele e os dirigentes. O fator "esclarecimento" pode ser apenas mais um elemento de tensão nessa relação, já que nivela em certo momento a relação. Tendo a identidade do jogador de futebol brasileiro cristalizada como um homem sem instrução que apenas usa o corpo em detrimento da mente, é provável que não se espere dele qualquer tipo de instrução que aproxime aqueles que estão em posições hierarquicamente mais elevadas.

Essas relações (jogador-dirigente e principalmente capitão-dirigente) mudam na medida em que os jogadores se tornam treinadores, segundo o Treinador B ("como treinador, com status de comandante, então é mais de igual pra igual na hierarquia, existe um respeito diferente por se tratar de quem comanda, então já é um outro tipo de relação"). Com os funcionários dos clubes, parece que a relação de identificação e solidariedade de classes e identidades é parecida com a relação entre os jogadores, seja entre jogadores e funcionários, seja entre técnico e funcionários.

O treinador A, ao descrever as relações entre os jogadores e o auxiliar técnico, como já destacamos, afirma em sua fala que o auxiliar administra a relação entre os jogadores e o treinador. O auxiliar não é nem o treinador, que toma as decisões difíceis e precisa lidar com o ônus dessas decisões, caso elas não deem certo, e também já deixou de fazer parte do grupo de jogadores. A relação entre jogadores e papéis de comando são tensas. O treinador A em sua fala coloca que os jogadores sempre estão testando os limites dessa relação, se colocando numa posição contrária. O papel do auxiliar é de muita confiança dos dois lados que ele administra e de relativa confiança com os dirigentes, já que são os primeiros a quem eles recorrem quando o técnico é demitido.

A posição de comando no futebol é uma posição muito complicada, já que se sofre pressões de todos os lados. Dos jogadores, dos dirigentes, dos torcedores e da mídia. A figura de comando no futebol brasileiro tem a instabilidade como uma característica muito forte e que não tem muita possibilidade futura de melhora. O presente já nos indica que não é fácil estar nessa posição, como quando falo, na introdução deste trabalho, como o número de treinadores negros tem flutuado ao longo dos anos, porém nunca atingindo altos patamares. O Treinador A mostra que, apesar da necessidade de se manter uma relação de confiança com os jogadores, eles sempre estarão testando o treinador e tentando o desestabilizar de alguma forma. Por mais que se coloque como alguém humilde, que trabalha apenas para cooperar para o time atingir os objetivos, entende que é preciso ser mais que “bonzinho”.

Com os dirigentes, se limita a falar que tem boas relações. Me parece uma esfera que o Treinador A, em muitos momentos, pode não ter mantido contato direto ou que a relação, ao contrário da relação com os jogadores que só toma outros patamares, supõe uma relação estritamente profissional. Nessas primeiras perguntas sobre a trajetória dele no futebol e, principalmente, no Clube F, dá para perceber com quem as relações se tornam mais igualitárias: com os jogadores, com quem ele se identifica por já ter vivido muitas situações que eles precisam viver e, por isso, faz a ponte entre treinador e jogadores. Esse processo de identificação que faz com que se assuma uma identidade se dá na relação com o outro. No caso, de acordo com o conjunto de experiências que fazem o indivíduo dar sentido às ações tomadas, a identificação acontece de acordo com o que se tem de experiências e os jogadores de futebol são aqueles que acabam

provocando mais a identificação por conta das similaridades maiores que o Treinador A tem com os comandados do que com os comandantes.

3.2.5 - Identidade negra e o técnico de futebol

A identidade negra é uma questão que, nas falas dos dois treinadores, parece ocupar âmbitos diferentes de suas vidas em alguns momentos e se aproxima em outros. No caso do treinador A, ele recorre ao uso de sua identidade negra quando fala sobre a sociedade, sobre a escassez de oportunidades para treinadores (e outras posições intelectuais e de comando) e sobre as situações de racismo que viveu ou que presenciou. Quando passamos a falar de esferas externas ao futebol e de questões sobre o racismo, a identidade negra do Treinador A é finalmente acionada e esse processo traz muitas dores. Isso lembra quando Kabengele Munanga (1988) fala sobre a identidade negra que se manifesta em forma excludente e alienante e quando Frantz Fanon (2008) fala sobre o momento em que o outro faz o processo do reconhecimento do negro, trazendo todos os arquétipos e estereótipos do negro internalizados, que se materializam no segurar da bolsa mais próxima do corpo quando se avista um negro na rua ou quando deixam o lugar ao lado da pessoa negra no transporte púbico, ainda que tenha que ficar em pé. A dor que esse acionamento, muitas vezes externo, da identidade negra faz é enorme.

A entrevista mostra como o Treinador A acaba, sem perceber, colocando o futebol e a vida externa em esferas diferentes. No futebol, ele não é um adolescente negro indefeso, é um jogador de futebol, um ídolo, que pode superar o racismo com a bola. Também quando diz que o racismo é corriqueiro e que a torcida se incomoda na verdade mais com o fato de ser um negro se destacando do que ser um adversário jogando bem (“o adversário que deve, com certeza, estar incomodando né? não por jogar bem só, por jogar bem e ser negro que é uma coisa que muita gente não aceita”). Isso mostra que, apesar de serem esferas diferentes, elas se intercruzam e nada é realmente exclusivo da dinâmica de um lugar ou de outro.

O treinador B também constrói sua fala em torno da dor e do sofrimento que a identidade negra traz para quem a assume por conta das dificuldades que a sociedade impõe às pessoas negras. A negação da existência das barreiras raciais por parte da sociedade é uma dificuldade a mais, já que a negação do racismo acaba impondo que

não existe um assunto a ser debatido. A identidade negra, muito por conta da ideologia incutida na sociedade pelo mito da democracia racial, acaba muitas vezes apagada pela suposta ascensão social. Porém, mesmo assim, na hora que convém a esse "outro", a identidade negra é acionada como exclusão, diferenciação e desconforto. O Treinador B toma como exemplos os papéis de comando, como são escassos por conta do racismo, e a população carcerária que ele diz ter "a maioria esmagadora" de negros e pobres. Para ele, o racismo invade o futebol na medida em que vários desses atores que estão em evidência são negros e que, por algum tempo, não puderam participar do futebol realmente – cita inclusive a história alimentada por Mario Filho (2003 [1964]) sobre o jogador Carlos Alberto e o pó-de-arroz que ele usa na pele para poder ser aceito como jogador de um clube de elite. Para ele, a identidade de classe e de raça desses jogadores incomoda àqueles que se acham superiores nesses sentidos.

Um outro ponto que o treinador A faz questão de abordar em sua fala é a ascensão social e as limitações dela para as pessoas negras na sociedade brasileira. A ascensão, segundo ele, demorou, mas não se configura como algo completo, real. Para ele, a ascensão social e econômica não muda a hierarquia racial, já que não se deixa de ser negro. Quando se encontrou em ambientes que não eram pré-determinados pelo ideário racista por trás da divisão racial do espaço que Lélia Gonzalez (1982) destaca, percebeu na pele que não estava no lugar que um negro deveria estar.

3.2.6 - Mídia e superação do racismo

Pensar em meios de superar o racismo é uma tarefa complicada; existem muitos fatores a serem colocados em pauta, como a educação e a mídia. Não foi possível dissociar essas coisas, já que os dois treinadores citam a relação entre a superação do racismo, a mídia e a educação da mesma maneira. O Treinador B coloca a educação como um meio de se superar o racismo na sociedade e no futebol. Para ele, a escola daria meios das pessoas entenderem que é preciso combater o racismo. A partir da educação e do investimento nela que outras áreas irão ser atingidas.

O Treinador A, por sua vez, entende que é papel da sociedade como um todo não deixar o assunto velado, ao contrário do que se faz normalmente e que a mídia deve falar, dar visibilidade ao assunto, para que não se fique em debates infrutíferos. A mídia,

nesse processo, para o Treinador B, tem papéis contraditórios. Para o Treinador B, a mídia tem poder de ser uma ferramenta para direcionar a opinião sobre o racismo e o combate a ele, além de fomentar o debate que é deixado de lado em muitos momentos pela sociedade.

Porém, ele vê a mídia como uma ferramenta que usa o racismo de acordo com o que vai lhe trazer maiores benefícios. Ou seja, se é bom falar sobre o combate ao racismo, ela vai falar e se não for bom, deixa-se de ser falado, o que importa é o que gera mais lucro e audiência.

O treinador A destaca que, apesar de não atribuir diretamente ao racismo o fato de estar sem espaço no mercado, acha que algo deve ser feito em relação ao futebol.

Depois de sua narrativa sobre a situação de racismo passada, o Treinador A volta a ser aquele que coloca nos estudos a capacidade de mudança das pessoas, principalmente dele próprio, um homem negro. O treinador deixa de acionar, por alguns instantes, a identidade negra e volta a acionar o treinador de futebol e passa a não atribuir diretamente o racismo à demissão dele. O Treinador A cita Andrade como exemplo para dar contornos mais firmes ao que fala, que as oportunidades de se treinar um time principal para os negros são muito escassas:

> é raro encontrar, as oportunidades são muito poucas.. agora que com certeza bons profissionais, isso tem.. isso aí é óbvio.. agora, de oportunidades.. de ver um time comandado por um negro.. não sei.. não sei se é uma coisa.. não sei se é, como vou dizer, se é.. sem querer ou por querer.. mas não é normal isso né?.. eu vejo o caso do Andrade assim mais recente.. vejo meu caso.. Andrade.. pra você ter uma ideia.. Andrade foi campeão brasileiro pelo Clube F e nunca foi chamado depois pra trabalho em nenhum time.. time eu digo.. vamo botar os 10 maiores times.. desses 10..

O Treinador A sugere ainda que possam existir cotas para pessoas negras em cargos dentro do futebol, mas que não se deve colocar quem não tem preparação teórica e acadêmica para isso. Essa fala mostra mais uma vez a valorização da educação como meio para uma mudança social para os negros que ele acredita.

3.3 – Análise de narrativas - Treinador A e Andrade

Willian Labov (1997) define a narrativa de experiência pessoal como "o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência

de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais" (LABOV, 1997, p.3). Liliana Bastos (2004), a partir dos estudos de Labov (LABOV e WALETZKY, 1967; LABOV, 1972), traça os indicadores para identificar uma narrativa.

A autora especifica que a narrativa precisa estar ligada a um fato, a um acontecimento; a narrativa precisa ter uma sequência temporal dos acontecimentos relatados a partir de pelo menos duas orações que se comuniquem; é necessário que a narrativa tenha um motivo de ser contada, que tenha relação com a conversa, ter um ponto; e a narrativa pode conter uma carga dramática, que determina a avaliação da narrativa. Contudo, a narrativa nem sempre segue os cânones e podem ser organizadas de outras formas que não a determinada por Willian Labov. "Temos assim tanto estórias mais modelares em relação ao cânone, quanto estórias incompletas, fragmentadas, incoerentes" (BASTOS, 2004, p. 122).

Tendo esses parâmetros e o cuidado de entender que nem sempre as narrativas estarão em conformidade com o modelo canônico, foi possível identificar na entrevista realizada com o Treinador A duas narrativas. As duas, por estarem ligadas ao assunto de nossa interação, têm o racismo como tema. Uma narrativa conta acontecimentos ligados a uma situação de racismo ocorrida na adolescência do Treinador A. A outra também é um relato de situação de racismo vivida pelo Treinador A, porém, na sua época de jogador de futebol.

Segundo Liliana Bastos (2004), "a narrativa passa a ser vista como uma construção social e não mais como uma representação do que aconteceu" (BASTOS, 2004, p.122). William Soares dos Santos (2013) discute ainda que, na narrativa, o objetivo de quem está contando a narrativa é muito além de contar uma passagem da sua vida. Para o emissor, para narrar um evento é preciso que o receptor compreenda as representações pretendidas pelo emissor da forma intencionada (SANTOS, 2013). Bastos completa ainda que "tais construções se constituem também em performances identitárias, na medida em que nelas são construídos os sentidos que os narradores têm de quem são" (BASTOS, 2004, p. 122).

A partir da ideia da narrativa como construção dos seus sentidos próprios, ou seja, de suas identidades, pretendo analisar as narrativas identificadas na entrevista do Treinador A, tendo em vista o conceito de face de Erving Goffman (1967). Goffman define a face como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si dentro do

alinhamento que os outros assumem que ele tem durante um contato específico; é a auto imagem delineada de acordo com os atributos aceitos socialmente, mesmo que os outros não compartilhem dessa imagem. E essa face, para a pessoa que a assume, se torna alvo de um apego emocional (GOFFMAN, 1967).

Outro conceito para ser aplicado na análise das narrativas é o conceito de footing, também cunhado por Goffman. O autor, ao definir o footing, faz menção ao conceito de enquadre[24] e traça o footing como um avanço no conceito anterior. O footing é o alinhamento próprio, sua projeção pessoal, porte, posicionamento ou postura que está em questão dentro de uma situação social (GOFFMAN, 2002, p. 113). É a imagem que você quer construir numa situação social para a pessoa. Goffman, em seu artigo "Footing", caracteriza essa mudança de posicionamento de si como:

> Uma mudança de footing implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso footing é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos. (GOFFMAN, 2002, p. 113)

Delineados os conceitos a serem observados nas narrativas para realizar a análise, podemos partir para os excertos da entrevista.

Excerto 1 – Narrativa do Treinador A sobre situação de racismo vivida na adolescência:

> **Treinador A** [...] a gente tava andando na rua... carnaval... ele tava na minha frente... foi ali no Monte Líbano na Lagoa... quem conhece ali... eu tinha saído do Monte Líbano pela Lagoa, tava indo atravessando... vim pela Afrânio pra fazer a volta porque a gente tava... uma amiga nossa ia tentar passar uns convites e a gente tava na porta esperando e eu contornei... eu vim andando e tinha um senhor na minha frente... e... ele achou que eu tava seguindo ele né... negro... assim uns 50 metros não tava nem perto.... quem conhece ali a 14ª é logo ali na esquina... aí ele virou pra trás que ele ficou com medo e disse "cê tá me seguindo, né?"... tomei um susto que eu falei "não tô te seguindo po..." sabe? "te seguindo nada" aí "cê tá me seguindo" aí

[24] O enquadre se refere, em linhas gerais, ao alinhamento, à forma de interpretar os sentidos e significados da situação social em que estamos e a intenção por trás da construção dos atos linguisticos ou não linguisticos junto com o interlocutor.

ele entrou na 14ª e eu continuei andando... passei ali a quadra pra virar ali na cruzada pra ir pelo portãozinho que tinha ali, ai ele saiu da delegacia com um PM e os caras viraram e "pô, tu tá seguindo ele?" ele meio gritando "tá me seguindo" não sei o que... ai quando cheguei lá... eu era menor de idade... quando eu cheguei lá na delegacia... isso era 11 da noite... ele era capitão do exército naquela época... ditadura... eu não era nada, era um negro estudante... estudava no Pedro Alvares Cabral ali no começo da... e ficou aquela... quando o delegado "pô você tá seguindo... "como é que eu tô seguindo? pô, vou roubar ele?" aí levantei e "ah não tem nada... você é maluco" .. ai o delegado também ficou assim... né?..."pô como eu sem... tô seguindo ele? vou continuar andando? " porque eu continuei meu caminho eu correria... ai ele ficou "Ah tá me seguindo tá me seguindo prende ele prende ele" naquela época... eu fui jogado lá pra dentro sem... e passei o dia lá... não fiquei dentro da cela mas fiquei no corredor... constrangedor... até que no dia seguinte acabou se desfazendo porque como eu morava ali no Leblon.. todo mundo... eu sumi ne? de repente ai pô... pessoal foi no hospital, foi no necrotério aí resolveram passar lá na 14ª (risos) e eu tava lá (risos) mas é uma coisa que.. realmente... se eu fosse branco e loiro né? ... não teria acontecido isso... não teria sido.. eu não teria sido preso com certeza.. preso não, detido né?.. sei lá, uma coisa muito chata.. [...]

Rodrigo e.. vo[cê..]

Treinador A [só pra] completar... e depois eu fui jogar no Clube F... aí quando eu tô um dia lá na gávea depois de.. isso foi eu tinha 16 17 anos... ai eu já tava com.. já tava jogando profissional já tava né.. famoso assim né... é... famoso a gente... jogava no Clube F... jogar no Clube F sempre fica famoso não tem jeito... ai acaba um treino quem tá lá na beira do campo me pedindo um autógrafo? (risos) ai eu fiquei maluco... contei de um até dez pra não fazer uma bobagem até de... até de agressão..

A passagem de sua vida contada pelo Treinador A é construída em conformidade com os cânones labovianos. É possível identificar todos os parâmetros que caracterizam a história contada como uma narrativa, segundo W. Labov. (LABOV e WALETZKY, 1967; LABOV, 1972) A narrativa conta sobre a noite em que foi detido pela polícia militar apenas porque um homem o acusou de estar sendo seguido pelo Treinador A. O que parece é que foi nesse caso que o mundo lhe deu a exata noção de

como é ser uma pessoa negra. O fato de ser de classe média pode fazer algumas situações serem evitadas, porém, nesse caso o estereótipo sobre a pessoa negra falou mais alto.

A narrativa transcorre e ele se preocupa em dar detalhes sobre a localização que ele estava, em me localizar temporalmente (“carnaval...”) e geograficamente (“eu tinha saído do Monte Líbano pela Lagoa [...] vim pela Afrânio pra fazer a volta”). Posteriormente, na narrativa, quando começam a acontecer os diálogos entre ele, o acusador e os policiais militares, faz uso da fala relatada, dando intensidade ao diálogo (“e os caras viraram e “pô, tu tá seguindo ele?” ele meio gritando “tá me seguindo”).

No meio da narrativa, o Treinador A se caracteriza, caracteriza o acusador e contextualiza o tempo histórico, dando contornos mais preocupantes para a história narrada (“ele era capitão do exército naquela época... ditadura... eu não era nada, era um negro estudante...”). A autoridade que a patente do acusador lhe dava na época da ditadura foi de maior valia do que a argumentação do Treinador A sobre sua inocência e acabou sendo detido na 14ª delegacia de polícia do Leblon, mesmo sendo menor de idade e não tendo feito absolutamente nada além do que andar na rua numa noite de carnaval. Uma parte que chama atenção é a caracterização do momento que passou dentro da delegacia depois da discussão sobre ser detido ou não. Quando ele diz que foi “constrangedor...”, ele transparece a imagem dele como um menino que estava numa situação se sentindo constrangido, mesmo sem ter culpa de absolutamente nada. Se tinha alguém a ser culpado, esse seria o racismo do capitão do exército que, ao ver um negro andando a 50 metros atrás dele, já o definiu como suspeito e usando de sua patente para subjugá-lo, colocar o suposto malfeitor na cadeia.

A narrativa caminha para seu desfecho com o problema sendo desfeito pela manhã quando os amigos acham o Treinador A na delegacia depois de irem ao hospital e ao necrotério. O Treinador A ainda diz que “realmente... se eu fosse branco e loiro, né?...não teria acontecido.. [...] eu não terá sido preso com certeza”. O Treinador A sabe que foi um caso de racismo e pensa de acordo com a lógica da sociedade que vê o negro como suspeito e potencial criminoso, mas vê o branco como um membro distinto da sociedade. Por fim, com toques de humor, o Treinador A inverte a imagem. De suspeito e subalternizado, passa a ser ídolo da pessoa que deu as ordens para colocar o Treinador

A na prisão. Vendo isso, teve que conter a raiva que se acumulou por pelo menos quatro anos.

Excerto 2 – Narrativa do Treinador A sobre casos de racismo dentro de campo

> **Treinador A** [...] já vi de dentro de campo... aconteceu comigo... na época que eu jogava não tinha tanto esse politicamente correto... hoje em dia se você falar, acho que... chamam você de macaco... tinha um jogador no Time B, argentino... o futebol argentino sempre chamou o negro brasileiro de macaco, *macaquito* então ai jogava o *el lobo*... Jogador F.. a gente jogou muito contra e ele sempre me chamava... macaco e tal... ele fazia pra... pra... lógico que pejorativo mas pra me irritar também mas eu não levava na onda. eu até brincava... brincava.. "pode me chamar de *macaquito* mas tu não vai pegar na bola, não adianta..." naquela época o prêmio era motorradio e eu ainda ficava "eu vou ganhar hoje o motorradio de novo... você não joga nada!"

Ainda no assunto sobre racismo, outra narrativa aparece quando o Treinador A vai falar sobre o racismo sofrido no futebol. A narrativa consiste numa situação onde ele reage com ironia a uma ofensa racista de um jogador O Treinador A narra que os jogadores argentinos tinham o hábito de chamar os brasileiros negros de “macaco, macaquito”. Por estar na esfera do futebol, parece que a ofensa tem peso menor do que a situação vivida na adolescência. O Treinador A continua sua narrativa usando a fala relatada para mostrar que nessa situação, ao contrário da última em que ele respondeu com surpresa, nervosismo, constrangimento e raiva, ele conseguiu responder com confiança (“eu até brincava “pode me chamar de macaquito mas tu não vai pegar na bola, não adianta””) e por fim, ainda falava que seria o melhor do jogo por conseguir anular o racista na bola, sem precisar recorrer à violência (“naquela época o prêmio era motorrádio e eu ainda ficava “eu vou ganhar o motorradio hoje de novo... você não joga nada!”).

O Treinador A vai caminhando a narrativa para o seu fim descrevendo que as situações de insultos raciais no futebol são corriqueiras (“você passa isso com torcida, dentro de campo... já vi cenas que, como dizem, com profissional... já vi técnico de futebol fazer pra jogador... [...] aqui no Brasil tem toda hora”).

As narrativas sobre situações de racismo fora e dentro do futebol mostram como o Treinador A acaba, sem perceber, colocando o futebol e a vida externa em esferas diferentes. No futebol, ele não é um adolescente negro indefeso, é um jogador de futebol, um ídolo, que pode superar o racismo com a bola. Também quando diz que o racismo é corriqueiro e que a torcida se incomoda na verdade mais com o fato de ser um negro se destacando do que ser um adversário jogando bem ("o adversário que deve, com certeza, estar incomodando né? não por jogar bem só, por jogar bem e ser negro que é uma coisa que muita gente não aceita"), isso mostra que, apesar de serem esferas diferentes, elas se intercruzam e nada é realmente exclusivo da dinâmica de um lugar ou de outro.

Na primeira narrativa do Treinador A, é possível perceber o ritmo diferente da fala do que o ritmo da segunda narrativa. A narrativa A me pareceu muito mais incômoda e intranquila que a segunda. É uma narrativa dolorida que, por mais que a história tenha ocorrido há muitos anos, ainda produz reflexos nele. Sendo eu também um homem negro que passou por situações parecidas com a relatada na primeira narrativa, entendo os sentimentos que ele possa ter sentido – susto, surpresa, indignação, constrangimento, tristeza, raiva – e consigo me identificar com a dor que ele tenta passar com a narrativa. A segunda narrativa é oposta em relação aos sentimentos. Por isso o ritmo dela é bem mais pausado, sem tantas questões internas. Me parece que, além da confiança que cito anteriormente, a segunda narrativa me transparece orgulho de ter enfrentado o jogador argentino, por mais absurdo que possa parecer ser chamado de "macaquito" por alguém. Provavelmente, ganhou o motorrádio aquele dia.

Entendo que é essencial, para a análise das narrativas, que se faça tendo a ideia do todo. São duas narrativas da mesma conversa. Ao pensar em conjunto o que Liliana Bastos (2004) argumenta com os conceitos de face e de footing, podemos entender que o Treinador A, ao longo da entrevista e das narrativas, constrói sua face de acordo com a situação de inúmeras maneiras: como uma criança que não tem o futebol como sonho, o jovem que se apaixona pelo futebol, o adolescente que levou a sociabilidade do Clube F para a vida, o estudante negro inocente levando enquadro da PM, o jovem jogador revoltado, o jogador experiente que responde aos insultos racistas jogando melhor do que o jogador que o insultou e sendo eleito o melhor jogador da partida, o ex-jogador

que busca voltar ao futebol, o estudante de educação física, o auxiliar técnico, o treinador interino e o treinador campeão injustiçado.

As várias faces que o Treinador A apresenta caracterizam uma mudança de footing, de andamento. São faces da mesma pessoa que conseguiu ao longo do tempo mudar sua forma de responder às situações de racismo. Na primeira, por ser um adolescente de classe média que, provavelmente, pouco teve até aquela hora contato com a ideologia racista de forma concreta, não conseguiu argumentar de forma a conseguir reverter a situação. É preciso que se diga, não era realmente uma necessidade que ele tivesse que reverter a situação. O necessário era que o acusador não o considerasse uma ameaça apenas por ser um garoto negro andando na rua. Não pretendo aqui acusar uma vítima de racismo de ser culpada pelo racismo que sofreu. Porém, ainda assim, parece que a raiva de viver a situação dominou o garoto que só conseguiu dizer que aquela situação era absurda ("como é que eu tô seguindo? pô, vou roubar ele?" aí levantei e "ah não tem nada... você é maluco"). Porém, a mudança de footing que a situação toma mostra que o futebol fez com que o Treinador A fosse visto como alguém que é mais do que uma simples ameaça e isso confirma os estereótipos e a representação construída sobre o negro pela ideologia racista, que apontam que o negro só consegue sucesso a partir de práticas que envolvam o corpo, a dança e o esporte.

Já o segundo excerto mostra uma outra construção e defesa de face do Treinador A. A segunda narrativa mostra um jogador de futebol que se coloca de maneira assertiva em relação a uma situação de racismo dentro de campo. O campo de futebol, para o Treinador A, pode significar para um campo em que a ofensa racista é atenuada ou que faça parte daquela interação brasileiros-argentinos dentro do futebol. Ao contrário da primeira situação, o Treinador A responde se colocando como igual, que usa o futebol para não permanecer afetado pela posição inferior que o jogador argentino quis colocar. Não houve, dessa vez, nenhuma revolta. Apenas uma amostra de que a superioridade do argentino não duraria na bola.

A partir deste momento, apresentarei três excertos de entrevistas concedidas pelo técnico Jorge Luis Andrade da Silva, conhecido como Andrade. Os excertos a serem analisados se relacionam com as narrativas destacadas da entrevista com o Treinador A na medida em que é possível fazer análises que também nos proporcionam entender como se constrói a face e a defesa dessa face mas contando com a influência dos

conceitos de plateia e interlocutor imaginado, de Erwing Goffman(2002) e de Márcia Vieira Farias (2013).

Excerto 3 - Entrevista de Andrade para o repórter Regis Rosing, para o programa "Esporte Espetacular" da Rede Globo do dia 12/09/2010
Trecho entre 03:06 – 04:57

Regis	Andrade, por que você acha que está acontecendo isso? Você não está recebendo propostas de times. Você que foi técnico campeão brasileiro, eleito o melhor técnico do campeonato brasileiro.
Andrade	(Tá bom tá bom, venceu o melhor... venceu o time que merecia) ((Imagem sobreposta de Andrade falando no momento do título brasileiro))
Andrade	Pra dizer a verdade eu não sei uns dizem que é um vínculo que eu tive- um vínculo muito grande com o Flamengo ... é:: ... outros dizem que pode ser preconceito... eu preferi não acreditar [nisso-]
Regis	[Como] assim? Que tipo de preconceito?
Andrade	De todos né? Cê vê que não tem nenhum treinador negro trabalhando na série A do futebol brasileiro ... e:: ... eu espero não acreditar nisso acho que ... é:: ... é lastimável né? Você pensar numa situação dessa possa tá acontecendo num país como o nosso como no brasil. temos um pais que a maior parte do nosso pais é negro- a maioria é negro e::... preferia até não ver desse lado, ver dessa forma mas... alguns amigos (as pessoas me diziam) "cê não tá trabalhando pela sua cor se você fosse branco (tinha trabalho) no mercado" ainda mais uma pessoa como eu que... depois de sete anos dentro do Flamengo... trabalhando com várias pessoas como auxiliar técnico, "como tampa buraco" como dizem as pessoas, e quando tive a minha primeira oportunidade eu sai como campeão brasileiro onde muita gente duvidava e não acreditava no meu trabalho... você vê colegas seus, treinadores (seus) sai de um clube vai pro outro daqui a pouco (treina) outro clube ou times que tá sem treinador e:: ... se cogita o nome de três quatro cinco treinadores e não falam no teu nome, teu nome <u>nunca</u> é mencionado, ai você começa a se perguntar, pergunta mil coisas "será que realmente o título brasileiro fez mal ao clube? será que o meu grande erro foi ter (tido) campeão brasileiro?" e isso acabou virando um castigo pra mim né.

Excerto 4 - Entrevista de Andrade ao apresentador Renato Maurício Prado, para o programa "A Última Palavra" da Fox Sports Brasil no dia 07/10/2013

Trecho 00:05 – 01:30

Renato Então Andrade, você acha que existe um componente de racismo nessa sua dificuldade de continuar trabalhando como técnico em times grandes, em times de ponta?

Andrade é:: ... eu fui campeão brasileiro pelo Flamengo e logo que eu saí do Flamengo eu fiquei cinco meses sem trabalhar ... sem ter uma- um convite, nada ... e:: ... muita gente também ficou sem entender porque a razão de- que "eu acabei de ser campeão brasileiro e você não tem um convite?" eu queria também- eu praticamente não consegui entender isso ... né? Depois até que eu tive uma proposta do Brasiliense já na reta final de campeonato ... né? Todo mundo fala em racismo e tal e eu gostaria de não acreditar nisso, eu queria não acreditar nisso tamo em (pleno) século vinte um [ ]

Renato [sim]

Andrade e ainda acho que ... não cabe né? o racismo no futebol até porque ( ) temos tantos negros acho que negros como jogador né sempre foi bem aceito temos Pelé como (grande) jogador, outros grandes jogadores negros sempre fomos bem aceitos dentro dos clubes mas treinador ... por coincidência, são poucos [né ...]

Renato [é verdade]

Andrade são poucos ... por coincidência ou não mas ... eu acho que ... eu ficaria muito ... chateado se realmente fosse ... sabe? "ah não vamo dar oportunidade pro Andrade porque o Andrade é negro" eu ficaria muito triste com isso e nosso pais é um pais[...] é um pais feito a maioria- acho que é negro, né? (o nosso) país, então acho que não quero ver por essa forma, por esse lado.

Excerto 5 - Entrevista de Andrade para a repórter Ana Paula Gomes, para o programa "Esporte Fantástico da Rede Record do dia 04/10/2014

Trecho entre 03:05 – 03:43

Ana Paula Mesmo com apenas <u>um</u> treinador <u>negro</u> na primeira divisão do futebol brasileiro, Andrade não acredita que o <u>ra</u>cismo tenha causado esse <u>hiato</u> na sua carreira mas não nega que o <u>preconceito existe</u>.

Andrade As pessoas finge não saber disso, não- não sabe, que não há preconceito, mas ... na verdade ... e- existe existe ... não tem como, isso vai mudar com o tempo, a nossa geração vamo sofrer- eu vou sofrer com isso o:: ... o goleiro do Santos vai sofrer, o Arouca teve esse problema ai <u>e</u> vai acontecer outros, não tenha dúvida né

Primeiramente, o que me chama a atenção nos três momentos é a mudança de postura que Andrade adota em relação ao tema. Se considerarmos, assim como Liliana Bastos, que a performance narrativa, ainda que não seja numa narrativa que siga um modelo canônico, representa uma construção de um mundo, o posicionamento do narrador a respeito desse mundo e a construção identitária de si, ou seja, o sentido que o narrador tem de quem é (BASTOS, 2004, p. 121), os fragmentos representam a construção de identidade que Andrade tem e quer passar para os jornalistas e telespectadores.

Assim como Marcia Vieira Farias (2013) afirma, não seria possível analisar os processos de construção de identidades por meio do discurso se eu olhasse as entrevistas de Andrade como algo neutro, onde as informações estão lá à disposição. A entrevista é uma interação discursiva, uma situação social que ressalta os sentidos e as versões de mundo construídas pelos envolvidos (FRIAS, 2013, p. 53). Porém, é importante que se diga que meu foco nesta pesquisa são as construções feitas por Andrade, por isso a deliberada não inclusão da visão dos jornalistas na análise a ser feita.

No excerto 3, Andrade, em razão do tempo de espera sem clube, coloca como motivo para isso duas situações distintas. A primeira se refere à identificação dele com o Flamengo, o que poderia estar impedindo que outras equipes o contratem. Mas, como para quem acompanha futebol no Brasil com um mínimo de atenção, a rotatividade no comando técnico dos clubes é a regra. Um técnico ser rejeitado por ser identificado com um clube é algo impensável, ao meu ver. E o próprio Andrade não deve acreditar nisso, já que dispensa muito pouco tempo e esforço para defender essa tese. Já na segunda parte, ele aborda um suposto preconceito que ele estaria vivendo, mas que ele não consegue acreditar que seja algo real. Ele é relutante em falar no preconceito racial, tanto que ele não diz, inicialmente que sofre racismo e, quando perguntado qual tipo de preconceito que ele diz sofrer, ele responde que é um preconceito geral, sem uma especificidade (“de todos, né?”). Mas depois ele segue falando sobre a questão racial, mesmo que de forma cuidadosa para não afirmar a sua existência, mas sem dizer também que não existe a possibilidade. Andrade acredita ser algo absurdo que, num país de maioria negra, exista ainda o racismo. Dá para perceber que ele ainda é muito influenciado pela ideia de “democracia racial” que invadiu o senso comum e justifica a inexistência e a impossibilidade do racismo no Brasil. O ex-técnico do Flamengo não

consegue, inclusive, afirmar que a ideia de que ele estaria sendo vítima de preconceito racial é sua. Ele faz uso da fala relatada (“alguns amigos (as pessoas me diziam) “cê não tá trabalhando pela sua cor se você fosse branco (tinha trabalho) no mercado””) para dizer que não é ele que está afirmando que teria trabalho se não fosse negro.

Apesar de toda a dúvida e falta de convicção em afirmar que sofre racismo, Andrade ainda se vê como alguém que tem capacidades e não merece passar pela situação que ele está passando. Ele faz algumas mudanças no andamento da sua fala que mostram mudanças no modo como ele se constrói e como vê sua situação no mundo. Primeiramente, ele se vê como alguém que sofre por conta da identificação com o Flamengo e rapidamente muda o discurso e segue na direção do sofrimento com o preconceito. Ele passa a se construir como um injustiçado, que mostrou as capacidades que tem ao conquistar um título brasileiro na primeira oportunidade como treinador sem ser de forma interina, mas que é preterido por outros técnicos que podem ou não terem mostrado mais capacidade e, por fim, acredita estar sendo castigado por ter sido campeão brasileiro, como se o título tivesse feito algum mal a ele. Essas mudanças de discurso e de como Andrade se vê e pretende se mostrar podemos classificar como mudanças de footing.

Podemos então identificar várias mudanças de footing de Andrade no excerto 3. No excerto 4, cerca de três anos após a primeira entrevista que escolhemos, Andrade ainda mantém o mesmo posicionamento de si, mas toda a ênfase em destacar essa projeção pessoal já é mais comedida, até mesmo desanimada.

Andrade ainda acredita que é injustiçado por ter ganho um título brasileiro e não ter conseguido outra oportunidade e continua não querendo acreditar que isso é obra do racismo que vivemos em nossa sociedade. Porém, dessa vez, ele fala sobre a aceitação que ele e outros jogadores negros tiveram ao longo da história do futebol brasileiro, como foram ídolos em seus clubes e de uma forma geral, e que entende como uma “coincidência” o fato de existirem tantos jogadores negros aceitos dentro dos clubes, mas treinadores são poucos. Ele continua também fazendo uso de instrumentos para não dizer que ele acredita na existência do racismo quando diz que “Todo mundo fala em racismo e tal e eu gostaria de não acreditar nisso” e “eu ficaria muito triste com isso e nosso país é um país [...] é um país feito a maioria- acho que é negro, né? (o nosso) país, então acho que não quero ver por essa forma, por esse lado”. As mudanças no footing

são mais sutis, mas ainda são bem marcantes para a identificação da forma como Andrade se vê e como ele quer se mostrar para a plateia, para o mundo que o assiste.

No excerto 5, que acontece um ano depois do segundo, existem alguns fatos novos e significativos que aconteceram à época da entrevista. No mesmo ano de 2014, quatro casos marcantes de racismo haviam acontecido em relação a negros no futebol brasileiro.

Primeiro, em fevereiro de 2016, o volante Tinga do Cruzeiro foi alvo de imitações de macaco da torcida do Real Garcilaso, do Peru, durante partida válida pela Taça Libertadores da América[25]. Depois, em março de 2016, o árbitro gaúcho Marcio Chagas foi ofendido desde o início do jogo entre Esportivo e Veranópolis e encontrou seu carro arranhado e com bananas em cima dele ao final de sua participação[26]. Tempos depois, o árbitro desistiu de sua carreira no futebol[27]. Na mesma semana, o volante Arouca, do Santos, foi xingado de 'macaco' ao fim da partida entre Santos e Mogi Mirim pelo Campeonato Paulista[28]. Por fim, em agosto de 2016, o caso de maior repercussão foi o do goleiro Aranha, do Santos, que também foi xingado de 'macaco' pela torcida do Grêmio em partida válida pela Copa do Brasil[29]. A repercussão foi maior em razão de o momento do insulto ter sido registrado em vídeo e o Grêmio ter sofrido punição no âmbito esportivo[30].

Esses casos de racismo anteriores à entrevista foram citados por Andrade como uma prova de que o preconceito racial existe no Brasil. Porém, é perceptível que, apesar de ser a primeira vez, nas entrevistas selecionadas, em que Andrade afirma que o racismo é uma realidade brasileira e que é um assunto invisibilizado pela maioria, ele o faz com tom de conformidade, como se fosse algo que fosse acontecer com frequência

---

[25] "Com imitação de macacos, cruzeirense é alvo de racismo em jogo no Peru" https://esportes.terra.com.br/cruzeiro/com-imitacao-de-macacos-cruzeirense-e-alvo-de-racismo-em-jogo-no-peru,6cc3c4d59e824410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html

[26] "Árbitro Márcio Chagas da Silva é vítima de racismo após partida em Bento Gonçalves" http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/arbitro-marcio-chagas-da-silva-e-vitima-de-racismo-apos-partida-em-bento-goncalves-82640.html

[27] "Márcio Chagas deixa arbitragem e será comentarista da RBStv" http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/04/marcio-chagas-deixa-arbitragem-e-sera-comentarista-da-rbs-tv.html

[28] "Volante santista Arouca é alvo de racismo em Mogi Mirim" http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/03/1421895-volante-santista-arouca-e-alvo-de-racismo-em-mogi-mirim.shtml

[29] http://espn.uol.com.br/noticia/436034_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio

[30] "STJD muda punição mas mantem eliminação do Grêmio" http://veja.abril.com.br/esporte/stjd-muda-punicao-mas-mantem-eliminacao-do-gremio/

ainda atualmente e que, apenas no futuro, existisse a possibilidade de acontecer alguma mudança nesse sentido.

Como disse anteriormente, as narrativas são modos de construção de identidades e de entendimento da experiência (BASTOS, 2004, p. 121-122). Por trás das falas de Andrade, existe uma construção do que ele é e do que ele quer mostrar para o(s) interlocutor(es). Uma das particularidades de serem entrevistas para a televisão está no conceito de plateia que Goffman vai destacar quando diz que

> O termo "plateia" é facilmente ampliado para se referir àqueles que escutam a fala do rádio ou da TV, mas esses ouvintes diferem de maneira evidente e significativa daqueles que constituem testemunhas ao vivo da fala. Testemunhas ao vivo são coparticipantes numa mesma ocasião social, suscetíveis à toda estimulação mútua que a ocasião oferece; aqueles que escutam a fala através de aparelhos só podem se juntar à plateia do programa na estação difusora de modo secundário e intermediado. (GOFFMAN, 2002, p. 126)

Esses interlocutores que, diferente das testemunhas ao vivo da situação social, não podem se manifestar a respeito da situação e tem o contato com ela mediado, são o principal alvo de Andrade nos seus alinhamentos pessoais, mesmo que de forma não proposital. Não posso julgar, por meio das transcrições, a intencionalidade dele na escolha de palavras para passar uma ideia sobre ele próprio. Assim como os interlocutores que Goffman caracteriza, sou também um interlocutor imaginado (GOFFMAN, 2002, p. 126).

Mesmo que, assim como discute Marcia Vieira Frias (2013), definir a plateia de TV como interlocutores imaginados leve a supor que o falante vá agir de forma a moldar o que ele vai falar de acordo com as possíveis reações imaginadas dessa plateia para dirigir a impressão que eles terão do falante (FRIAS, 2013, p. 62), não acredito que é possível fazer esse julgamento de intenção. Só que, certamente, existe ali um desejo de manter uma identidade para alguém.

Analisando as falas de Andrade dentro do conceito de face, ele assume, nas primeiras entrevistas, uma face de um profissional gabaritado, campeão brasileiro por um dos maiores clubes brasileiros depois de assumir o time em baixa, que se sente injustiçado por ser sempre preterido em detrimento de profissionais que não conseguiram chegar no patamar que ele conquistou em 2009, por conta de algo que ele não consegue afirmar que existe, que é o racismo. E esse apego a essa face que Andrade assume se traduz quando ele diz que ficaria muito triste de pensar na possibilidade do racismo ser um ponto preponderante no processo de esquecimento pelos clubes grandes.

Como Goffman aponta, em geral, o apego de uma pessoa com uma face em particular, aliada com o desembaraço com o qual informação não ratificada pode ser transmitida por ele próprio e pelos outros, fornece uma razão para ele achar que a participação em qualquer contato com os outros é um compromisso (GOFFMAN, 1967, p. 6). Logo, pode-se dizer que Andrade manteve o compromisso de manter essa face que ele adquiriu em, pelo menos, duas das três entrevistas, em diferentes graus.

Elaborar a face significa, para Goffman, especificar as ações tomadas pela pessoa com o objetivo de fazer com que qualquer coisa que ele faça esteja de acordo com a face que ele tomou para si. A elaboração da face serve para neutralizar incidentes que efetivamente impliquem em ameaças à face (GOFFMAN, 1967, p. 12). Andrade, ao assumir a face que detalhamos anteriormente, toma diversas atitudes – dentro delas as mudanças de footings sinalizadas – para que essa face seja mantida para quem ele está interagindo imediatamente, no caso os jornalistas, e para os interlocutores imaginados que irão assistir às entrevistas. Parece que ele sente que assumir uma posição de assunção e enfrentamento perante o racismo pode ser mais uma causa para que ele continue no ostracismo. Portanto ele decide não travar esta guerra. Mesmo que as consequências das ações para defender a face são conhecidas para a pessoa que as implementa ou não, elas podem se tornar habituais e padronizadas; Goffman exemplifica dizendo que são como jogadas tradicionais de um jogo ou passos clássicos de dança (GOFFMAN, 1967, p. 13).

Andrade, no excerto 4, já toma esta atitude com mais naturalidade e com menores traumas emocionais, o que leva à conclusão de que ele começa a se desanimar da luta pela sobrevivência no meio do futebol levantando a bandeira de uma negritude. Como Fanon aponta, o negro vai perceber como suas proposições anteriores são irreais perante o que acontece com ele, na subjetividade do tratamento dispensado pela sociedade. Essa tomada de consciência da realidade só mostra como ela é dura (FANON, 2008, p. 133).

E ainda o conjunto particular de práticas recalcadas por pessoas ou grupos em particular parecem ser desenhadas a partir de um único enquadre logicamente coerente de práticas possíveis. É como se, no entendimento de Goffman, a face, por sua própria natureza, pode ser salva apenas por um certo número de formas e como se cada grupo social fosse obrigado a fazer suas seleções através dessa simples gama de possibilidades

(GOFFMAN, 1967, p. 13). Para o negro, como foi destacado anteriormente por Fanon, restam aquelas duas maneiras de se portar para escapar ao conflito: se afirmar ou se esconder (FANON, 2008, p. 166). Sinto que para Andrade, mesmo que inconscientemente, as duas maneiras foram mescladas e transmitidas de formas diferentes nas três entrevistas.

Nas duas primeiras, Andrade se mostra incomodado com a possibilidade de ter sido preterido em razão de sua pele negra, mas tenta não enxergar o racismo como algo real, já que acredita estar numa sociedade com tantos negros e num mundo do futebol em que vários jogadores negros têm aceitação e papéis de destaque, dizendo ainda que vê essa barreira entre o jogador negro e o comando técnico como uma possível coincidência. Na terceira, ele já muda um pouco sua forma de se colocar, seu footing, mas não abandona essa sensação mista de afirmação escondida ou enfrentamento conformado. Quando ele diz que o racismo existe, ele se coloca, assumindo a existência desse fantasma na sociedade brasileira, mas logo faz questão de dizer que é uma causa que só vai ser resolvida no futuro e que todos os negros vão passar por isso um dia.

Os fragmentos das falas apresentadas, ao meu ver, junto com toda a carga que (sobre)viver em uma sociedade criada em bases racistas, mostram que Andrade ainda tenta ser um técnico respeitado, digno de uma oportunidade de afirmar sua capacidade como treinador, assim como os outros que citei e muitos outros que estão por aí estudando, se formando técnicos, nas faculdades de educação física etc. Mas, como Lula Pereira destaca na reportagem da revista Placar que apresentei anteriormente, “Não temos dirigentes ou presidentes de clubes e federações negros. Assim é impossível romper a segregação e as barreiras que enfrentamos”.

As entrevistas e as narrativas nos dão uma imagem de como os treinadores se constroem e como eles veem assuntos como o racismo e a influência que essa ideologia pode ter no futebol. Os Treinadores A e B e Andrade apresentam semelhanças na forma de se construírem. Entendem que são treinadores com capacidade de estar em qualquer equipe do futebol brasileiro e entendem que estão fora do mercado por questões que, supostamente, fogem da capacidade de comando, métodos de treinamento e resultados positivos no futebol. Andrade, ao contrário dos outros dois treinadores, em 2017 fez uma mudança de planos na carreira como treinador e anunciou que faria uma pausa para se dedicar a novos negócios com a empresa de comércio de frutas que abriu.

Entendo que a pausa de Andrade é construída ao longo dos sete anos que foi delegado a cargos de menor expressão. As chances foram cada vez ficando mais raras e menos expressivas, o que pode ter levado o treinador a pensar que em 2017 era preciso se dedicar a outra forma de renda ou a outra ocupação que não a de treinador. Nem o treinador A e nem o treinador B deram indícios de que podem fazer o mesmo caminho.

Com a ajuda dos conceitos trabalhados anteriormente e os indícios que a história da chegada e da popularização do futebol no Brasil, além da posição que os negros ocuparam nesse processo, podemos enfim concluir a pesquisa e retornar às questões proposta no início do processo de pesquisa.

Considerações finais

Pesquisar um tema como o racismo é um grande desafio, ainda mais sendo uma pessoa negra. A pesquisa de um tema que nos obriga a fazer um grande mergulho dentro de si se torna, como Roberto DaMatta (1978) define, um auto-exorcismo. Olhar para o que te aflige, que influencia aspectos da sua vida de forma negativa é um exercício, em muitos momentos, doloroso. Como bell hooks (2013) nos ensina, quando queremos que as pessoas que vão nos acompanhar nos caminhos da escrita e da pesquisa se abram a repensar as questões que abrimos em nossos textos, logo, que corram riscos; precisamos correr riscos primeiro e nos abrir para pensar as questões que trabalhamos durante uma pesquisa (HOOKS, 2013). Estudar sobre o racismo é correr riscos, é mergulhar dentro de si, é se auto exorcizar tentando espantar as coisas ruins que o racismo impõe todos os dias a pessoas negras.

Para começar a pensar a conclusão dessa pesquisa tão difícil de ser realizada, voltarei ao conceito de racismo de Nilma Lino Gomes (2005). É importante o conceito que a autora trabalha para pensar o racismo como um modo de agir gerado a partir do sentimento de ódio por uma raça, como esse ódio se operacionaliza nas ações sociais das pessoas. Muitas vezes, o ódio racial é tão naturalizado, se esconde tão bem nos meandros da consciência das pessoas que elas podem muito bem não manifestarem esse ódio de forma concreta, chamando uma pessoa negra de macaco ou querendo agredir essa pessoa pelo simples fato de ser negra. O racismo se manifesta, por exemplo, quando se acha que negras e negros são inferiores em algum aspecto ou que a culpa pelos problemas que negras e negros passam são exclusivamente culpa deles mesmos.

A culpa que recai sobre os ombros negros tem muitas formas. Culpa por não se esforçar o bastante, por não conseguir um posto de trabalho, por estar qualificado o bastante e mesmo assim não conseguir fazer a vida mudar, pela sua cor da pele, sua estrutura capilar, por ser negro. A culpa recai, quando se pensa dessa forma, em quem é vítima de toda uma história de opressões e exclusões.

Pensando nisso é que entendi que precisava, de alguma forma, contribuir para que o pensamento a respeito de pessoas como eu, com a mesma cor da pele e com experiências de vida dolorosas como as minhas, a forma que encontrei foi a pesquisa. Nessa pesquisa, pretendi tratar de um assunto que me mostrou outras formas de ver o

mundo. A partir do futebol, pude pensar os conceitos de raça elaborados durante a história com o objetivo de responder de forma convincente os dominadores de que estavam realmente certos em tentar dominar outras pessoas. Os conceitos de raça que categorizavam, classificavam, essencializaram e hierarquizaram as pessoas, serviram de justificativa para alguns se verem superiores e verem outros inferiores.

Através do futebol, entendi como o conceito de raça se manifesta; como o racismo age em várias esferas da nossa vida, que estrutura nossas relações e as ações do Estado para a sociedade; como o racismo pode ser "pequeno" como as ofensas de jogadores e enormes como a falta de oportunidades que tira a esperança de continuar tentando; como o racismo pode nos excluir, nos matar e ainda dizer que temos culpa ou que racismo não existe, é coisa da minha cabeça.

O futebol também me ajudou a compreender a identidade, que a identidade não é mais um artigo monolítico da nossa vida, que a identidade se fragmentou e que acionamos cada uma dessas identidades que nos formam de acordo com a situação, da forma que for mais conveniente; a identidade negra, em certa medida, não tem tanta escolha de agência e acionamento, é um dado da realidade, está na pele, no rosto.

Foi a partir do futebol e por ele me proporcionar tentar compreender a sociedade que formulei os objetivos da pesquisa e as perguntas que tentei responder durante todo o trajeto de pesquisa. Esta pesquisa teve como objetivo principal a compreensão da situação dos técnicos negros no futebol brasileiro, a escassez e a exclusão de homens negros de posições de comando em um contexto que dedicaram suas vidas e, ao tentar continuar vivendo nesse contexto, acabam tendo que conviver com a falta de oportunidades. Compreender porque alguém é excluído nunca é fácil. A exclusão pode se dar de várias formas e, estando numa sociedade que acredita que existe realmente uma relação democrática entre as raças, é uma exclusão que se torna invisível, inclusive a quem sofre.

Entendendo que a exclusão se concretiza várias formas, me utilizei de uma série de maneiras para compreender cada uma dessas formas a partir dos conceitos elaborados para buscar sentido às ações e comportamentos dos seres humanos. A raça, como conceito baseado em indicadores biológicos para categorizar e, consequentemente, estratificar as relações raciais, nos acompanha até hoje em razão da representação que foi criada sobre a parcela negra da população e precisamos ainda

lutar para que se entenda que não é aceitável ver todo um extrato racial a partir de definições que inferiorizam, desumanizam e culpam esses indivíduos pela visão que se tem sobre eles. O conceito de raça voltado para a questão biológica é o que alimenta o racismo, a forma operacional desses conceitos e do ódio, como Nilma Lino Gomes define (2005).

O racismo se manifesta na falta de oportunidades, no ato de considerar indivíduos menos capazes de realizar algum tipo de tarefa do que outros; então, pode-se dizer que a escassez de técnicos negros é resultado do racismo e do conceito de raça que criou estereótipos sobre os negros que os fazem andar na corda bamba entre serem considerados humildes e subservientes demais ou autoritários e agressivos demais. Para o técnico negro, o equilíbrio e a paciência nunca são opções.

Compreender como a disputa travada por uma elite branca pelo sentido do fenômeno sociocultural que ela mesma se proclamava e difundiu uma narrativa única sobre o pioneirismo da introdução da prática também ajuda a entender como os negros sempre estiveram sob o signo da exclusão de várias formas, desde não poder entrar em campo para jogar, passando por ter que torcer em lugares diferentes ao do resto e chegando na rara presença de mais de 5 técnicos negros ao mesmo durante um campeonato, sem que sejam interinos.

O técnico negro, como vimos, acaba relegado a posições de subalternidade e apagamento, ainda que a capacidade deles seja incontestável, não são eles que vão alcançar e permanecer em posições de comando de clubes relevantes do cenário nacional. Muitos dos nomes que vimos tiveram carreiras muito frutíferas, mas não tiveram nenhum reconhecimento e, por consequência, nenhuma oportunidade de realizar seu trabalho com tranquilidade.

Um parênteses que desejo abrir agora é para a voltar a falar da dificuldade de se fazer essa pesquisa. Estamos vivendo uma conjuntura que faz com que uma grande parcela da população que convivemos todos os dias não ache que a exclusão de técnicos negros existe ou se configura em uma questão válida, por exemplo. Qualquer indício de denúncia, reclamação ou afirmativa sobre ações que perpetuam a ideologia racista da sociedade logo são consideradas menores, sem legitimidade. Por isso acredito ter sido uma vitória ter conseguido chegar até aqui e prevejo que pode vir muito mais por aí.

Voltando a nossa trajetória, para compreender a agência do racismo no futebol manifesta na falta de treinadores negros, foi preciso pensar sobre o processo e, acredito, que isso seja mais importante que conseguir uma resposta fechada para isso. Para tal, precisamos olhar para os objetivos mais específicos da pesquisa.

Esta pesquisa teve como um dos objetivos específicos a discussão dos conceitos e teorias raciais, o racismo, suas manifestações e especificidades na sociedade brasileira, como ser um país que diz que existe racismo mas não se vê como racista. Como falamos acima, a discussão sobre raça e racismo nos permitiu entender como o processo de hierarquização das raças e da produção de uma ideologia racial que se permite ver o negro como sujeito inferior, digno de ser considerado perigoso, vicioso, doente e incapaz, se desenvolvem e crescem dentro de uma sociedade que não se propõe (ainda) se ver como racista e entende as necessidades e exclusões que o negro convive diariamente.

Outro dos objetivos específicos foi a compreensão de como a sociedade brasileira, através de suas experiências e essencialismos, vê o negro, cria espaço pra esses negros ou se recusa a vê-los como pessoas. As práticas da elite contra a iminência do futebol popular manchar suas agremiações são incrivelmente racistas e dá pra perceber que a representação feita sobre o negro por essas camadas sociais são praticamente a mesma que era feita a séculos atrás, que via o negro como alguém menor e incivilizado

O terceiro objetivo dessa pesquisa passa diretamente pelas entrevistas e pela produção de dados e análises que ela permite. Previa a compreensão das entrevistas e a associação com os conceitos trabalhados como formas de entender questões que aparecessem nas trajetórias de treinadores negros. As entrevistas conseguiram proporcionar entendimentos como o racismo influencia, de uma forma ou de outra a trajetória de vida desses treinadores; como se faz necessário para esses treinadores a criação de redes de sociabilidade, solidariedade, auto cuidado e proteção dentro de um mundo com cobranças muito pesadas e de muitos lados diferentes, como é o futebol; como as relações sociais do futebol se dão sob várias diferentes tensões; como o racismo age na construção identitária desses treinadores e, partindo do particular para o todo, na vida de pessoas negras; e quais as possibilidades existentes para se superar o racismo e qual o papel da mídia nessas possibilidades. Para além de entender como a

escassez se dá, foi possível entender o que ela causa, as questões que levanta e os problemas que impõe a pessoas negras.

Por fim, o ultimo objetivo específico se trata das impressões captadas sobre as construções identitárias de treinadores negros através da análise de narrativas. A análise das narrativas permitiu enxergar que as construções da identidade desses treinadores se dão de várias formas e que essas formas, em maior ou menor medida, são mediadas pelo racismo e que, apesar disso, podem se construir de maneiras positivas, pelo empoderamento e confiança. A construção de identidades dentro das narrativas, a partir dos conceitos de face e footing de Goffman, se mostra fragmentada e contraditória, assim como a identidade em si, como conceitua Stuart Hall. A identidade sendo esse mosaico de múltiplas identidades, a construção delas não poderia ser nada além de movimentos contraditórios e irregulares.

Respondendo às hipóteses traçadas no começo da pesquisa, a ideologia racista que é construída ao longo da história por diferentes outras teorias – raciais, eugênicas, de democracia racial – afeta a cultura em geral, dentro disso o futebol. Os referenciais dessa ideologia racista não foram completamente rompidos, como podemos comprovar com as construções a respeito do racismo feitas por um treinador como Serginho Chulapa, que acredita que a culpa pela exclusão é do próprio negro que não se esforça e que, por fim, a ideologia racista acaba revelando seus enraizamentos em manifestações culturais como o futebol de várias formas, seja pela exclusão de negros, pela discriminação sofrida e materializada no descrédito, na capacidade subestimada, na colocação dos técnicos negros nas posições de subserviência ou agressividade, entre muitas outras coisas abordadas nessa pesquisa. A ideologia racista ainda é muito presente na nossa sociedade e em todos os fenômenos socioculturais.

A sociedade, como foi pensada na segunda hipótese, tem como prática comum invisibilizar qualquer tipo de debate sobre o racismo e coisas relacionadas a isso. O mito da democracia racial é um claro indicativo disso. Quando acreditamos que as raças já estão em igualdade, não existem questões sobre o racismo a serem pontuadas. Então, é lutar contra algo que, nessa visão, não existe. O racismo é presente e age de forma intensa e estrutural em nossa sociedade. Se faz urgente que o racismo seja discutido e combatido para que possa se vislumbrar algum tipo de futuro em que realmente não existam estratificações raciais na sociedade.

Esta pesquisa, como foi destacado no fim do último capítulo, não teve pretensão de responder perguntas. Foi preciso se olhar mais para o caminho do que para as respostas. A pesquisa qualitativa tem nas ciências sociais seu campo com maiores possibilidades exatamente por não se pretender encontrar respostas simples para questões com tanta complexidade como a agência do racismo na carreira de profissionais negros, sejam em qualquer área de trabalho. Por compreender que era preciso ter maior foco na jornada, que foi preciso abordar uma série de conceitos e eventos históricos. O caminho serve para criar novas questões e renovar as questões elaboradas anteriormente. O que mais importa, nesse caminho, é o compromisso com uma realidade menos desigual e menos violenta, onde nós, negras e negros, mulheres e homens, LGBTs ou não, não tenhamos mais que conviver com a tragédia.

Referências Bibliográficas

ALABARCES, Pablo. Historia Minima del Futbol en America Latina. Cidade do Mexico/mex: El Colegio de Mexico Ac,, 2018.

ANOOSHAHR, Ali. Turkestan and the Rise of Eurasian Empires: A Study of Politics and Invented Traditions. Oxford: Oxford University Press, 2018. s/p.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. Futebol de fábrica em São Paulo. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. FUTEBOL DE FÁBRICA EM SÃO PAULO. 1992. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ARRUDA, Marcelo Leme de. Seleção Brasileira - Comissões Técnicas até 1922. 2016. Disponível em: <http://www.rsssfbrasil.com/sel/brcomtec.htm>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. SCRIPTA, v. 14, n. 7, p. 118-127, 2004.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento - Evitando confusões. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?. in BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p. Disponível em <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202015/ELS/WM-Como%20%C3%A9%20posss%C3%ADvel%20ser%20esportivo%20P.%20Bourdieu.pdf>. Acesso em 27 Out. 2017

BRASIL. Características étnico-raciais da população : um estudo das categorias de classificação de cor ou raça : 2008 / IBGE, Coordenação de População de Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE. 2011.

CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CANO, Ignácio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. in Sociologias, Porto Alegre, ano 14, no 31, set./dez. 2012, p. 94-119

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DA MATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo, ou como ter. "Anthropological Blues" In: NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

DAMATTA, Roberto (org). Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, Jocimar. Fenômeno social esporte na formação profissional em educação física. Revista da Educação Física/ Uem, Maringá, v. 9, n. 1, p.111-115, jan. 1998. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3852/2646>. Acesso em: 04 jun. 2016.

DIAS, Cleber. Esporte e Cidade: Balanços e Perspectivas. Revista Tempo: Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo, Niterói, v. 17, n. 34, p.34-46, jun. 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/06/v17n34a04.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd63/saoluis.htm>

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem em São Paulo no pós-abolição (1889-1930). Tempos Históricos, Marechal Cândido Rondon, v. 5-6, n. 0, p.275-290, jun. 2005

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: Edufba, 2008. Tradução de Renato da Silveira

FERNANDES, Florestan . — O Negro no Mundo dos Brancos. Difusão Européia do Livro, São Paulo. 1972.

FERNANDEZ, Renato Lanna. O Fluminense Foo-tball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

FERREIRA, Antônio Honório. Classificação racial no Brasil, por aparência ou por origem? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindóia. Grupo de Trabalho 30 - Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas. Águas de Lindoia: Anpocs, 2012. p. 01 - 25. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt30-2/8192-classificacao-racial-no-brasil-por-aparencia-ou-por-origem?path=36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt30-2>. Acesso em: 09 ago. 2018.

FLORENZANO, José Paulo. A ordem natural das coisas. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/ordem-natural-das-coisas/>. Acesso em: 25 Jun. 2018

FLORENZANO, José Paulo. O Comandante Negro. 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/comandante-negro/>. Acesso em: 25 Jun. 2018

Franco Júnior, Hilário. Dando tratos à bola:, ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. Recife: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarchado rural no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

FRIAS, Marcia Vieira. “E aí, presidente, esse cafezinho vai sair?”: entrevista na mídia analisada como performance, em BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013

FRIAS, Marcia Vieira. “E aí, presidente, esse cafezinho vai sair?”: entrevista na mídia analisada como performance, em BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013

GASPAR, Lúcia. Gentil Cardoso. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 10 dez 2016

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1989

GILL, Rosalind. Analise de discurso. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002

GOFFMAN, Erving. Footing, em B. T. Ribeiro e P. Garcez (eds.), Sociolinguística Interacional, São Paulo, Edições Loyola, [1981] 2002:

GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction, em Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior, Londres, Penguin Books, 1967.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GORDON JR., Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro. Pesquisa de Campo/revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, v. 3/4, n. 2, p.65-78, jul. 1995.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Rev. Antropol., São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 jun. 2016.

_____. Racismo e anti-racismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

_____. Perturbando a Linguagem de "Raça" e "Etnia". In Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

HELAL, Ronaldo. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 147-166, jul. 1999. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2092/1231>. Acesso em: 25 Out. 2017.

HILDEBRANDT, Reiner. O esporte como fenômeno social e a análise crítica do esporte. Kinesis, Santa Maria, v. 4, n. 1, p.45-58, jan./jul. 1988. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/download/8537/5179>. Acesso em: 04 jun. 2016.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol e modernidade no Brasil: a geografia histórica de uma inovação. Revista digital Efdeportes.com. Buenos Aires, ano 3. n. 10. Maio 1998.

LABOV, William. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. In special issue of The Journal of Narrative and Life History Volume 7, 1997 Numbers 1-4. Trad. Waldemar Ferreira Netto

_____. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In W. Labov, Org.,

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis. In J. Helm (ed.). Essays on the Verbal and Visual Arts. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LEITE LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista da Usp: Dossiê Futebol, São Paulo, v. 22, n. -, p.64-83, jun./ago. 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26960/28738>. Acesso em: 04 jun. 2016.

MAHFOUZ, Sabrina. Wearing Where You're At: Immigration and UK Fashion. in Shukla, Nikesh. The Good Inmigrant. Londres: Unbound, 2016 p. 145-146

MATTOSO, Katia. Ser escravo no Brasil. 3°ed. São Paulo: Brasiliense, 2003

MOURA, Clovis. O racismo como arma ideológica de dominação. Disponível em: http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/70_O_racismo_como_arma_ideologica_de_dominacao_Clovis_Moura_.pdf

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇOES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. Anais... Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania. In: Cadernos Anped - Palestra proferida no 1º seminário de Formação Teórico Metodológica. São Paulo 2003. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>

_____. Negritude: Usos e Sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. Cadernos PENESB, Número 5. Niterói: EDUFF, 2004, p:15-35

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE. In: BERNARDINO, Joaze et alii Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade. Rio de Janeiro:DP&A Editora, 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: Uma Historia Social Do Futebol No Rio de Janeiro.. 1998. 387 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RICCA, Darcio Rancão. De Charles Miller a Gorduchinha: A evolução tática do futebol em 150 anos de história. São Paulo: Livrosdefutebol.com, 2017.

RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no football brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003 [1964]

SANI, Shehu. Hatred for Black People. Xlibris: Bloomington, 2013

SANTOS, Henrique Sena dos. "Pugnas Renhidas": futebol cultura e sociedade em Salvador (1901 - 1924). Salvador: EDUFBA, 2014

SANTOS, William Soares dos. Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa. in A entrevista na pesquisa qualitativa. Organizadores: Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos – Rio de Janeiro : Quartet : Faperj, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos". Mal-estar na Cultura. Mal-estar na Cultura. v.4. 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. Mal Estar na Cultura, Porto Alegre, p.01-32, abr. 2010

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. Revista Afro-Asia, n°18, p. 77-101, 1996.

SEIXAS, André Augusto Anderson; MOTA, André; ZILBREMAN, Monica L.. A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu contexto histórico. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre , v. 31, n. 1, p. 82, 2009 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082009000100015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 20 Out. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082009000100015.

SKIDMORE, Thomas E. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. Tradução Tina Amado in: _____. O Brasil Visto de Fora. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1991.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo. Futbologias: Futbol, identidad y violencia en America Latina. Buenos Aires: Clacso - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003. p. 145-162. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100920010258/9PII-Soares.pdf>. Acesso em: 19 maio 2016.

SOUZA, Mário. Racismo Como Instrumento Epistemológico e Político Para o Entendimento da Situação da População Negra na Sociedade Brasileira. In Revista da ABNP, v. 6, n. 12 • nov. 2013–fev. 2014 • p. 06-19. Disponível: http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/413/286

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

UNZELTE, Celso. FUTEBOL EM REVISTA NO BRASIL: DOS PRIMEIROS TÍTULOS À RESISTENTE PLACAR. 2015. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 20015.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcidio. O futebol em São Luís (Maranhão – Brasil): 1907-1917.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro Análise Social, vol. xxix (127), 1994 (3.°), 581-597

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIANNA, Hermano. O mistério do Samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2002.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

Anexos

Anexo 1: Convenções de Transcrição

…	Pausa não medida
.	Entonação descendente ou final de elocução
?	Entonação ascendente (questionamentos)
,	Entonação de continuidade
–	Parada súbita
Sublinhado	Ênfase
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
[	Início de sobreposição de falas
]	Final de sobreposição de falas
( )	Fala não compreendida
(Palavra)	Fala duvidosa
(( ))	Comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“Palavra”	Fala relatada
::	Alongamentos

(Convenções baseadas nas convenções utilizadas por Liliana Cabral Bastos no artigo “Narrativa e Vida Cotidiana”)

Anexo 2 – Transcrição de entrevistas – Treinador A e Treinador B

Entrevista -Treinador A

Rodrigo pra começar, queria te... que você falasse um pouco da sua trajetória, da sua carreira e a transição de jogador pra técnico...

Treinador A a minha história é... meu pai foi atleta de futebol... famoso, conhecido, seleção brasileira década de 40... e do Clube F, clube popular. e eu frequentava muito o Clube F mas não jogava futebol de campo... (como) eu morava no Leblon, ali na zona sul né, jogava futebol de praia, jogava futebol de salão... e campo eu nunca me interessei... meu sonho não era ser jogador de futebol... sempre estudei, lá em casa tinha que estudar mesmo, não tinha...

na família minhas irmãs todas se formaram como eu e... eu jogando futebol de salão no Clube F... era sócio do Clube F, convivi muito no Clube F porque meu pai depois de parar foi auxiliar, foi treinador do Clube F, então fui criado no Clube F também e sendo filho de um atleta famoso todo mundo me conhecia... quando eu comecei a jogar o futebol de salão tinham três ex-atletas que tinham jogado com meu pai que eram responsáveis pelo juvenil... pelo juniores... (Inaudível) me viam lá e sempre me chamavam "vem pro campo, vem pro campo" tanto é que uma vez... no início eu fui e pra encurtar acabei me apaixonando pelo futebol de campo que eu não conhecia... fiz muitas amizades nessa época... tive um grupo de amigos que a gente se conheceu com 15, 16 anos e essa amizade dura até hoje e por sorte minha... assim... foram grandes jogadores junto comigo, jogadores de futebol... posso citar 5 ou 6 famosos... Jogador Z, Jogador VL, Jogador R, Jogador C... isso tudo da... Jogador G, que faleceu... isso tudo da minha geração... Jogador RR... então, foi um grupo fantástico que tive oportunidade de conviver e dali segui minha carreira de futebol através... quer dizer, não foi uma coisa que eu programei mas acabei entrando e... e eu consegui pas-... as barreiras sim, né... a barreira de de pra conquistar espaço jogando futebol... fiz minha carreira, joguei futebol até 32 anos, ai quando... meu último time foi em Portugal e quando eu voltei... já tava achando que eu tava perto de parar e eu queria continuar trabalhando no esporte mas queria também... queria ter uma faculdade... pra me... poder além da minha experiência, ter, né, uma parte teórica, acho importante... e fiz o vestibular né? fiquei parado desde de, né... na minha época era... eu terminei o científico, era como chamava, com 17 anos, não estudava fazia tempo, fazia muito tempo... 15 anos que não estudava mas estudei, me preparei sozinho... apostila... pegando coisa de amigo, de filho de amigo e consegui passar no vestibular de educação

física, entrei no curso... parei de jogar, entrei no curso e quando tava na metade do curso voltei ao Clube F já como... do outro lado, né... foi até o Jogador Z que conseguiu pra mim... eu voltei como auxiliar técnico do time do infantil e aí eu comecei minha carreira do outro lado, onde estou até hoje.

Rodrigo Legal! é... e você sentiu... você teve alguma dificuldade nessa transição? de conseguir ir de jogador pra técnico... de auxiliar no caso... e de sair da base pra ir pro profissional?

Treinador A não, de eu entrar no Clube F... não, sem problema nenhum. trabalhei de 88 a 91... foram quatro anos trabalhando lá na categoria de base... foi um aprendizado maravilhoso né... primeiro que era um clube onde eu... que eu era bem, sabe?... eu conhecia muita gente ali, bem quisto, isso ajuda né? ... trabalhei em todas as categorias, fui treinador, fui preparador físico, fui auxiliar... lá no Clube F eu me formei, me formei em 90... então, essa parte foi maravilhosa, e depois eu comecei a trabalhar no profissional, meu primeiro clube foi a desportiva e eu segui minha carreira. mas assim... eu não tive problemas pra começar do outro lado não... foi até facilitado com relação... por ter jogado no clube, né, e ter uma história bacana lá, e um pedido também de um cara que é um ídolo né, que é o Jogador Z, isso tudo facilitou minha vida, minha volta ao Clube F

Rodrigo sim... a única vez que você assumiu o clube sem ser interino foi só em 2013 ou você...

Treinador A nã::o... eu eu eu tive no Clube F depois disso, da parte de trabalhar no amador, nas categorias de base... eu tive três vezes... trabalhei como auxiliar do Treinador J, meu outro grande amigo, trabalhei com o Treinador J duas vezes, uma como auxiliar dele e na segunda como gerente de futebol amador do clube... e na terceira vez em 2010 eu voltei ao clube como auxiliar do Treinador VL, a gente é amigo... lá de trás, de garoto... a gente tinha sempre uma... a gente tinha muita vontade... ele sempre me

chamava mas eu normalmente eu tava com outros compromissos e dessa vez bateu que eu tava sem compromisso algum e fomos trabalhar juntos no Clube F em 2010 e a partir daí, de 2010 a 2014, eu tive interino umas três vezes, coisa rápida, uma troca de treinador, como é normal... Treinador VL saiu e eu fiquei, saiu depois... saiu o Treinador DJ e eu fiquei, saiu Jorginho e eu fiquei e na última vez, que foi o Treinador MM, que foi quando eu assumi e fiquei seis, sete meses como técnico do Clube F

Rodrigo sim... nessa última que saiu o Treinador MM que foi que durou mais tempo, né?

Treinador A na realidade... quando o Treinador MM saiu foi quando eu fui efetivado, que eu fiz contrato como técnico do Clube F. nas outras vezes não, era assim... um ou dois jogos enquanto eles procuravam no mercado outro treinador pra colocar

Rodrigo e nessa época de 2013, como é que era a relação com os jogadores e tudo mais...?

Treinador A a gente como né... eu tinha voltado em 2010 e tava ali no grupo, eu conhecia todos praticamente... e a gente trabalhando de auxiliar a gente tem muito contato porque a gente tem que tentar, né, deixar o grupo, assim, num ambiente saudável pro treinador poder trabalhar e a gente de vez em quando apaga uns incêndios, vai conversar pra evitar que a coisa cresça, as vezes jogador insatisfeito, uma coisa mal entendida... eu tinha acesso... sempre tive um acesso muito bom com os atletas... eu tinha um ambiente saudável e quando eu assumi, a confiança deles em mim era muito grande... em relação, sabe... a me respeitar, saber que eu era um cara que ia procurar sempre fazer o melhor pra todo mundo... pra todos eles e pro Clube F... então, nessa parte, por eu tá muito tempo lá, eles me conhecerem e jogador... jogador fica olhando a comissão todo dia, toda hora, e ele... não adianta você falar, o que eles vão ver muito é o que você age, né, as tuas ações... você pode falar que você é bonzinho mas ele te... ele tá te testando, olhando

você o tempo inteiro... então isso me ajudou muito porque eu já tava três anos assim, né... e a maioria toda ali já me conhecia bem, sabia como eu era... então fui muito bem aceito... acredito que isto ajudou no momento difícil que a gente tava passando e acabou dando certo naquele momento

Rodrigo entendi... e com os dirigentes, essa relação também era tranquila? ou você tinha alguma dificuldade...

Treinador A não não não, nunca tive problema com os dirigentes do Clube F, sempre me trataram com respeito né... como eu sou um profissional que procuro sempre ser correto, meu relacionamento era... também... não de muita intimidade mas de muito respeito e de trabalho.

Rodrigo e você disse que você trabalhou em alguns lugares fora do Clube F... você sentiu alguma dificuldade desse tipo? dessas coisas que eu perguntei antes, em relação a jogador... dirigente...

Treinador A não não, nos clubes que eu trabalhei... trabalhei fora do país, trabalhei no Japão também... sempre tive um relacionamento muito... muito correto em relação... nunca tive problemas de discussão, desse tipo de coisa... graças a Deus sempre consegui trabalhar num ambiente saudável. eu procuro... eu sempre procuro... eu só vejo esporte coletivo se houver ambiente saudável, onde todo mundo... não é demagogia mas eu... se não tiver ambiente saudável a coisa não anda não adianta tem que tá todo mundo focado no mesmo lado, tentar todo mundo se ajudar... então, se não tiver ambiente bom a coisa não anda

Rodrigo entendi... agora falando de uma coisa mais ampla, assim... a gente vê como essa sociedade é... a gente até conversou sobre isso no telefone e eu queria que você falasse como é pra você ser um homem negro nessa sociedade que a gente tá aí... e no futebol também

Treinador A é, a relação...a minha relação com... eu já tive momentos muito difíceis que eu passei por problema de racismo... tudo eu acho

que... é difícil né? quem é negro não tenha passado momento de dificuldade... a minha experiência foi muito ruim em relação ao que aconteceu ... depois dessa experiência graças a Deus não não... não teve assim... não ficou nada de ruim em relação a mim e o que aconteceu... foi claramente... o que aconteceu comigo só porque eu era negro e o cara me acusou de uma coisa que eu não... que era muito subjetiva... a gente tava andando na rua... carnaval... ele tava na minha frente... foi ali no Monte Líbano na lagoa... quem conhece ali... eu tinha saído do Monte Líbano pela Lagoa, tava indo atravessando... vim pela Afrânio pra fazer a volta porque a gente tava... uma amiga nossa ia tentar passar uns convites e a gente tava na porta esperando e eu contornei... eu vim andando e tinha um senhor na minha frente... e... ele achou que eu tava seguindo ele né... negro... assim uns 50 metros não tava nem perto... quem conhece ali a 14ª é logo ali na esquina... aí ele virou pra trás que ele ficou com medo e disse "cê tá me seguindo, né?"... tomei um susto que eu falei "não tô te seguindo po..." sabe? "te seguindo nada" aí "cê tá me seguindo" aí ele entrou na 14ª e eu continuei andando... passei ali a quadra pra virar ali na cruzada pra ir pelo portãozinho que tinha ali, ai ele saiu da delegacia com um PM e os caras viraram e "pô, tu tá seguindo ele?" ele meio gritando "tá me seguindo" não sei o que... ai quando cheguei lá... eu era menor de idade... quando eu cheguei lá na delegacia... isso era 11 da noite... ele era capitão do exército naquela época... ditadura... eu não era nada, era um negro estudante... estudava no Pedro Alvares Cabral ali no começo da... e ficou aquela... quando o delegado "pô você tá seguindo... "como é que eu tô seguindo? pô... vou roubar ele?" aí levantei e "ah não tem nada... você é maluco" ... ai o delegado também ficou assim... né?..."pô como eu sem... tô seguindo ele? vou continuar andando? " porque eu continuei meu caminho eu correria... ai ele ficou "Ah tá me seguindo tá me seguindo prende ele prende ele"

naquela época... eu fui jogado lá pra dentro sem... e passei o dia lá... não fiquei dentro da cela mas fiquei no corredor... constrangedor... até que no dia seguinte acabou se desfazendo porque como eu morava ali no Leblon... todo mundo... eu sumi ne? de repente ai pô... pessoal foi no hospital, foi no necrotério aí resolveram passar lá na 14ª (risos) e eu tava lá (risos) mas é uma coisa que... realmente... se eu fosse branco e loiro né? ... não teria acontecido isso... não teria sido... eu não teria sido preso com certeza... preso não, detido né?... sei lá, uma coisa muito chata... isso acontece todo dia... é uma sociedade que finge... que não tem preconceito... é uma sociedade que... o pais foi feito assim né? e depois da escravidão não deram uma oportunidade para o negro e as oportunidades para a pessoa negra sempre muito mais difícil... o espaço é muito menor... questão de educação dependendo do... educação que eu falo estudar, morar, essas coisas... higiene... a parte de saneamento onde vive essa parte é muito mais difícil e tem as pessoas né que se acham mais acima... acham que... por ser negro é inferior em relação a eles quando que na verdade não é inferior mas as oportunidade são bastante diferente... dos negros em relação ao resto da sociedade brasileira...

Rodrigo e... você...

Treinador A só pra completar... e depois eu fui jogar no Clube F... aí quando eu tô um dia lá na (Centro de Treinamento do Clube F) depois de... isso foi eu tinha 16 17 anos... ai eu já tava com... já tava jogando profissional já tava né... famoso assim né... é... famoso a gente... jogava no Clube F... jogar no Clube F sempre fica famoso não tem jeito... ai acaba um treino quem tá lá na beira do campo me pedindo um autógrafo? (risos) ai eu fiquei maluco... contei de um até dez pra não fazer uma bobagem até de... até de agressão... como é que, por causa do futebol, ascensão de... de... do negro no país é muito mais por esse meio... artístico, de futebol, essas coisas que você encontra... ai você passa a ser, entre aspas, ai eles

te aceitam né?... passa a ser o cara que... ah... que é convidado pra tudo... mas a grande maioria que... e bota maioria nisso... que é gente que consegue no esporte e na musica... e quem consegue através de... de uma forma ou de outra ter uma família melhor, que estude, é muito pouco

Rodrigo e essa ascensão no futebol, pra você, também é limitada? que a gente tava falando antes que você não via outros profissionais negros dentro do clube...

Treinador A eu acho... eu acho muito limitada... é a cultura do pais. você vê que o jogador de futebol... eu já pensei sobre isso, não tenho uma... mas você vê que o jogador de futebol é quem dá o espetáculo, o empregado que dá o espetáculo, que não manda... tem aos montes. mas quem manda não são os jogadores... você vê... é sempre a serviço de alguma coisa que o negro faz, entendeu? com poder isso é muito pouco... isso é coisa que... que tem pessoas competentes mas não tem essa cultura de dar espaço para... como deveria... como tem cota na faculdade... é eu sempre digo a realidade... eu acho que por que não também ter cota pra profissionais do futebol onde a grande maioria de brasileiros... no futebol brasileiro onde a grande maioria dos atletas que jogam são negros... você falou que são cinquenta e...?

Rodrigo ...cinquenta e dois por cento mais ou menos

Treinador A isso é uma coisa que me impressiona... não aconteceu comigo, quer dizer, não posso dizer que aconteceu porque eu não vou afirmar uma coisa que... na minha vida eu posso dizer "ah eu não sou técnico de futebol... assim... ah eu não sou chamado porque eu sou negro" mas isso seria uma leviandade porque eu não posso afirmar isso mas você olhando pra nossa sociedade com certeza você fica mais ou menos... como você acabou de dizer na sua pesquisa a quantidade de... isso não é... de negro trabalhando no esporte não é só como técnico, como eu já falei, é muito pouco...

Rodrigo é, até já me falaram que até como jornalista você não encontra... é raro encontrar...

Treinador A é raro encontrar, as oportunidades são muito poucas... agora que com certeza bons profissionais, isso tem... isso aí é óbvio... agora, de oportunidades... de ver um time comandado por um negro... não sei... não sei se é uma coisa... não sei se é, como vou dizer, se é... sem querer ou por querer... mas não é normal isso né?... eu vejo o caso do Andrade assim mais recente... vejo meu caso... Andrade... pra você ter uma ideia... Andrade foi campeão brasileiro pelo Clube F e nunca foi chamado depois pra trabalho em nenhum time... time eu digo... vamo botar os 10 maiores times... desses 10... os outros 10 nunca foi chamado... meu caso também nunca fui chamado e assim... não é dizer que eu sou melhor mas né... eu tenho... campeão da copa do brasil, campeão carioca... título que muitos treinadores não tem... não tem mesmo... não ganham nada e tão sempre conseguindo trabalhar... e o convite no caso meu e do Andrade não existiu... não existiu... fica um negócio meio esquisito né que você é um cara que mostrou competência e quando você sai de um clube o mercado não te abre as portas

Rodrigo agora de uma coisa específica... você já presenciou algum tipo, algum caso... você tem alguma coisa pra contar assim de caso de racismo mesmo no futebol...

Treinador A no futebol?

Rodrigo você falou de fora...

Treinador A não... no dia a dia... de jogador que eu tenha visto... não... já vi de dentro de campo... aconteceu comigo... na época que eu jogava não tinha tanto esse politicamente correto... hoje em dia se você falar, acho que... chamam você de macaco... tinha um jogador no botafogo, argentino... o futebol argentino sempre chamou o negro brasileiro de macaco, *macaquito* então ai jogava o *el lobo*... Fischer... a gente jogou muito contra e ele sempre me chamava...

macaco e tal... ele fazia pra... pra... logico que pejorativo mas pra me irritar também mas eu não levava na onda. eu até brincava... brincava... "pode me chamar de *macaquito* mas tu não vai pegar na bola, não adianta..." naquela época o prêmio era motorradio e eu ainda ficava "eu vou ganhar hoje o motorradio de novo... você não joga nada!" mas existir, existe... torcida te chamar de macaco... lá no sul, com certeza... lá em Porto Alegre já aconteceu comigo... jogo com o Internacional... e todo o jogador já passou por isso com certeza... você passa isso com torcida, dentro de campo... já vi cenas que, como dizem, com profissional... já vi técnico de futebol fazer pra jogador... isso tem... isso se você pesquisar esses ato assim... de contato com jogador e com torcida... aqui dentro do brasil tem toda hora... ainda... teve pouco tempo atrás...

Rodrigo teve o do Jogador A né

Treinador A e mesmo agora com essa... isso ai é instintivo... dentro de um estádio de futebol, a torcida quando junta muita gente acho que as pessoas se transformam... Individualmente é uma coisa... quando faz um grupo, bota pra fora um monte de coisa e o racismo é um deles. o adversário que deve, com certeza, estar incomodando né? não por jogar bem só, por jogar bem e ser negro que é uma coisa que muita gente não aceita

Rodrigo o que você acha que a gente pode fazer como sociedade e como gente que tá querendo influir no futebol pra gente melhorar essa situação?

Treinador A eu acho que a gente tem que continuar lutando... primeira coisa importante é tocar no assunto, falar no assunto, botar pra fora... não adianta ficar... tem que botar pra fora, discutir o porquê saber quais são os motivos... por que acontece isso e tentar fazer com que se abra as portas através disso, da comunicação, falando, mostrando... e só assim vai conseguir abrir as portas pra que outros consigam trabalhar no esporte porque é uma coisa que

impressiona... a quantidade de profissionais, de jogadores de futebol negros que param de jogar o futebol e não tem oportunidade nenhuma de trabalhar no esporte, continuar nessa profissão... eu tive a felicidade de conseguir, trabalhando até hoje, mas assim... é complicado quando você olha e vê isso... você tem uma história bacana como atleta, como profissional, com resultados, com caráter, com dignidade... todo mundo me respeitar... eu sou muito respeitado em todos os lugares que eu vou, tanto nos clubes, como o pessoal da arbitragem, todo mundo, sabe? e falta esse espaço pra você continuar seu trabalho... a grande maioria das vezes que eu volto a trabalhar é como auxiliar, através até de amigos que eu voltei a [trabalhar...]

Rodrigo [como] técnico...

Treinador A como técnico eu não voltei a ser chamado... é uma coisa que... eu acho que só através de se falar, se mostrar, botar o assunto em pauta é que se possa de certa forma... como foi o caso das mulheres... isso tudo botou pra fora, você vê que... esse... que teve lá nos estados unidos né? que depois ficou aqui... esse assédio sexual que existiu... enquanto não se botou pra fora... acho que tudo tem que ser falado, mostrado... porque realmente é coisa complicada de se ver... isso que acontece num país como nosso, que se diz... um país que abraça... na verdade fica meio mentiroso... é o que eu penso

Rodrigo e, assim, a gente pensando que a gente tem um monte de jogadores negros por ai e técnicos negros que... alguns falam outros não... falam sobre isso ou que não... o que você acha? pessoal devia falar mais?

Treinador A é devia debater mais, conversar mais, tentar saber por qual o motivo... por que que não tem negro... por que que não... a grande maioria não abre... técnico, assim, todo mundo que trabalha com futebol... a grande maioria dos atletas são negros... pra jogar é ótimo, mas pra trabalhar dentro quando acaba de jogar futebol não

tem espaço... isso deveria... e o espaço não é pela cor, não importa, mas só que pela competência, de dar oportunidade deles trabalhar... também acho... quando eu parei de jogar corri atrás sabe? fiz meus cursos, fiz minha faculdade, fiz curso de técnico... esse negócio de botar só por botar também não é legal... eu acho que a gente tem... que o negro tem que correr atrás também. eu sei que é muito mais difícil, com certeza é... até porque quando ele... a maioria desses meninos que entram no futebol não tem uma cultura, um estudo, depois quando você acaba a coisa é mais complicada... mas eu acho que também tem que ter mais estrutura pra que eles consigam fazer curso, essas coisas... esses casos de ex-jogador de futebol... pra que possa continuar trabalhando... vai parar de jogar com 34, 35... agora 36... e depois fazer o que? e sem nada... é complicado, eu vejo por ai... u acho que o debate tem que ser maior... é um esporte do brasileiro, é um esporte nosso... e essas coisas ficam meio na sombra essas coisas... e são gritantes

Rodrigo qual você acha que é a responsabilidade da mídia nisso que a gente tá vivendo?

Treinador A eu acho que isso tudo tem que ser falado... eu acho que é um assunto que eu não sei se ninguém gosta de falar muito mas eu acho que tem que ser posto eu acho que é importante... se não tiver... a mídia tem que participar, não tem jeito, eu acho que a gente tem que... tem que ser convidado pra falar, não se esconder, falar dessas coisas... até que alguém rebata... fale alguma coisa... não é só de qualquer maneira mas tem que ter uma discussão esse assunto e tentar resolver um problema que é gritante... na nossa cultura, todo mundo tenta esconder muito, que o brasil é uma maravilha, que é todo mundo bonzinho, que não tem racismo e é tudo uma mentira... na realidade não é nada disso

Rodrigo e você acha que quem fala fica estigmatizado?

Treinador A eu acho que... não sei... eu acho que tem que se falar... não tem esse negócio de não falar... eu acho que tem que falar... pra se tentar melhorar... pra quem tá aqui agora pode ser que não melhore mas pro futuro né? pra ver se melhora, se dão oportunidade e dê espaço pras pessoas que fazem a alegria pra caramba do povo como atleta possam também trabalhar do outro lado normalmente, sem falar sabe?... sem apadrinhamento... trabalhar... dar espaço, faz curso, corre atrás... acho que tendo competência pode trabalhar normalmente como outro qualquer

Entrevista - Treinador B

Rodrigo primeiramente, gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória no futebol e as transições de papeis dentro dessa trajetória, de dentro do campo para fora do campo, de jogador para auxiliar técnico, de auxiliar para treinador

Treinador B sou natural de salvador, comecei minha carreira nas categorias de base do Clube B. Subi de categoria até atingir o profissional. Dos profissionais fui transferido para o Clube F2, onde joguei por alguns anos. Depois joguei no Clube C, Clube G, Clube G2, Clube SC, Clube P, Clube AP, Clube AM e em muitas equipes do futebol brasileiro. Com 35 anos parei de jogar, me preparei pra encerrar a carreira e aí comecei a investir na possibilidade de ser treinador. Fui trabalhar como auxiliar técnico no Clube B2 com o Treinador AS, depois fui assistente do Treinador RG durante 7 anos e depois com o Treinador TC. Quando trabalhei com Treinador RG, o substituí por um problema de saúde, em 2011, foi quando passei a dirigir como primeiro treinador no Time V. Depois dirigi o Clube F, Clube F2, Clube AM, Clube C...

Rodrigo quais foram as dificuldades nessas transições da sua carreira?

Treinador B a grande dificuldade que já não são tantas hoje mas quando eu parei de jogar pra tentar ser treinador era justamente na formação. Nós não tínhamos formação acadêmica nenhuma, nem universidade do futebol, todas essas coisas que existem hoje. Nós nos tornávamos treinadores pela experiência como jogador e pelos grandes treinadores que nós convivíamos como jogadores. Mas não existia nada acadêmico. Hoje existe a universidade do futebol e os cursos da CBF que dão uma preparação adequada pra quem deseja ser treinador. Na minha época isso era muito difícil e isso foi um grande complicador pra que a gente tivesse uma formação adequada pra exercer essa profissão

Rodrigo sobre as relações dentro do mundo do futebol, como era a relação com os companheiros de clube? e como essa relação se modifica quando você se torna treinador?

Treinador B as relações com os companheiros são boas porque na grande maioria isso acontece e ainda deve acontecer por muito tempo porque os jogadores vêm de origem humilde, porque a maneira como jogar o futebol é muito popular, pode se jogar na rua – hoje com mais dificuldade, porque com a questão da violência não se tem os mesmos espaços que quando eu era criança – mas as origens vem daí do jogo de rua. Então a gente tem facilidade pra isso, desenvolve, cresce e vira jogador por indicação dos amigos, os amigos levam pros clubes e a gente se torna jogador. Então a gente tem uma identificação muito grande entre nós muito por conta disso, das origens, isso na fase de categorias de base. Na fase profissional, como a gente veio dessa origem e o futebol é um meio de ascensão social e econômica, faz com que você se identifique com outros companheiros. E aí a gente tem uma relação boa, de proteger um ao outro, porque ainda por muito tempo existiu muito preconceito e ainda existe, justamente por causa dessa origem pobre e da dificuldade de formação, não tivemos muita oportunidade de estudar, tem que lutar pra

sobreviver, muitas vezes somos responsáveis por sustentar a família. E aí a gente se protege e o futebol acaba sendo formado por guetos onde há essa convivência e essa auto proteção. Na equipe profissional isso tudo vai crescendo e é um convívio de muita proteção por causa das dificuldades que cada um passa. É um esporte de popular que envolve muita paixão, é de muita cobrança, você tem que estar dando resultado, e por isso há uma exigência muito grande, por isso cria-se essa maneira de se proteger. Quando me tornei treinador, claro que há uma diferença muito grande, porque como jogador você divide as responsabilidades, mas como treinador você passa a comandar muitos atletas e tem que tomar decisões todos os dias, você é responsável pelas coisas difíceis e as coisas não boas que acontecem em termos de resultados e rendimento. Na comparação com os jogadores a grande diferença é que eles dividem essas responsabilidades, mas o treinador é ele que responde sozinho. A profissão é dessa forma. Quando os resultados são positivos ele é sempre dividido, quando são negativos é sempre do treinador a responsabilidade.

Rodrigo e como é a relação com outras esferas do clube, dirigentes, funcionários e torcedores?

Treinador B a relação com dirigentes, funcionários e torcedores como jogador é sempre muito parecida, porque o futebol gira muito em torno de resultados. Você vive o tempo todo pressionado pra ter boa performance e dar resultados positivos. Quando isso não ocorre cria-se muitas dificuldades. Falando de quando eu jogava que ainda não existiam os agentes, estavam ainda começando, isso tem o seu lado bom porque quando a gente é muito bom serve como orientação pros jogadores, conduz carreira e isso é importante, mas quando é do contrário é prejudicial e dificulta a carreira do atleta. Com os dirigentes, eu como jogador tive alguns problemas porque sempre fui capitão da maioria das equipes que

joguei e a relação com dirigente nem sempre foi muito boa, porque eu tinha um certo esclarecimento, por ser capitão, me posicionava, sempre defendia os meus colegas e um atleta assim nunca é muito bem visto/quisto. Mas isso sempre foi uma característica minha e eu tive uma dificuldade em certos momentos. Com os funcionários a relação é sempre muito boa, porque são pessoas que estão ali no dia a dia, entendem bem, sabem das dificuldades que os atletas passam. Como treinador, com status de comandante, então é mais de igual pra igual na hierarquia, existe um respeito diferente por se tratar de quem comanda, então já é um outro tipo de relação. Com os funcionários é bom de qualquer maneira. Com os torcedores já é mais difícil. A cobrança é mais direta, o treinador é solitário porque essas cobranças são direcionadas única e exclusivamente pro treinador que tem que responder com bons resultados, com vitórias e do contrário só ele é responsabilizado. Então esse tipo de posição é mais difícil nesse sentido. Mas eu falando assim não quer dizer que seja só ruim, porque se assim fosse eu não seguiria essa profissão. Eu gosto e é a continuação do que eu fiz a vida inteira, é fascinante, é interessante, e eu gosto muito de exercer essa função e me traz muitas alegrias e assim como atleta e depois como treinador, o futebol me deu muito do que eu tenho na minha vida. Me deu amadurecimento, disciplina, por exercer essas funções primeiro como atleta e depois como treinador.

Rodrigo Como é ser um homem negro na sociedade em que vivemos e no meio do futebol?

Treinador B ser um homem negro não é fácil, vivemos num país racista, disfarçado, onde se tem uma dificuldade muito grande de se admitir, vive-se veladamente esse tipo de situação, logicamente quem pra quem é negro isso é muito claro, mas a sociedade num geral fica incomodada sem e discutir sobre o assunto. Então não é fácil viver numa sociedade assim, e futebol por ser parte disso

reflete a mesma coisa. A gente passa pelas dificuldades que passa uma pessoa comum, não é por termos uma profissão pública – como um artista, cantor, ator – que por um lado em alguns momentos você sendo negro, não deixa de ser uma ascensão social, mas isso em alguns momentos mascara até a sua cor. Mas nunca deixa de ser o negro que é a diferença inferior em comparação a outras raças. A grande dificuldade pra nós é justamente isso, viver numa sociedade em que vive-se de uma forma velada, muito difícil de ser discutido. Obviamente que o tempo tá passando, muita coisa tem melhorado, mas ainda estamos longe disso. Mas estamos caminhando, continuamos aí na luta

Rodrigo como você vê a questão do racismo na sociedade?

Treinador B é como eu vinha falando, eu vejo dessa forma, a sociedade não se assume, se esconde de todas as maneiras. Somos um país onde a maioria da população é mestiça, é negra e nisso sofrendo, porque o preconceito e o racismo ele é social, é também de cor, basta ver quanto que nós temos de negros em postos de comando, é uma raridade. A gente vê a população carcerária a maioria esmagadora de negros, pobres, de periferia e a gente tem muita dificuldade pra assumir e pra discutir esse tipo de situação.

Rodrigo No seu ponto de vista, como o racismo invade e atinge o futebol no Brasil?

Treinador B o racismo invade o futebol a partir do momento em que o futebol, por ser muito popular e ter jogadores em sua maioria de origem pobre, de periferia, são negros, então durante muito tempo existiu um preconceito muito grande. Basta ver que as equipes durante muitos anos não permitia os negros, há muitos exemplos de equipes que exigiam que os negros mudassem a cor da pele – com pó de arroz ou qualquer coisa assim - pra que pudessem participar. Isso tudo por causa da origem, não só no futebol, em tudo pra que houvesse a participação em algo elitizado. Mas como

muitos dos melhores jogadores eram negros, então essa invasão sempre causou e ainda causa, porque o racismo ainda existe, por esses jogadores serem de origem pobre e causarem esse desconforto.

Rodrigo Como você transita por esses dois mundos, o futebol e a sociedade como um todo, de quais formas o racismo tem influência na sua trajetória?

Treinador B eu transito, pela minha origem e pela minha história de vida, eu tenho influencia – são dois mundos que se fundem – eu tenho influencia muito grande. Através do futebol, eu percebi desde cedo, por ter perdido meu pai muito jovem, vim de uma família pobre e no futebol comecei a ter algum ganho e ter responsabilidade com minha família, eu percebi cedo a possiblidade de ascensão econômica e social. Isso sempre foi uma coisa clara pra nós que temos essa origem. Através disso, com foco nesse pensamento, com muita dificuldade, mas até se conseguir alguma coisa se passa por muitas dificuldades. Porque a partir do momento que você começa a se projetar, começa a se defrontar com outra sociedade estabelecida que está ali fechada e não permite a participação do negro. O futebol tem essa possibilidade porque é uma profissão pública e se você tem ascensão social e econômica te permite pular alguns degraus. E isso é horrível porque não é uma coisa verdadeira, fica mais claro como é estabelecido o racismo, uma coisa superficial e não verdadeira. Na minha trajetória como jogador, joguei boa parte da carreira no sul do país, onde há uma maioria de brancos e nesses lugares nessa época não se estavam acostumados a ter a presença de negros em alguns lugares. Já cheguei a lugares como um restaurante ou teatro e percebi que não tem nenhum negro e perceber que minha presença causava surpresa no ambiente. Essa é uma de algumas que acontecem e a gente se percebe, muitas coisas acontecem e ficam evidenciadas essas distinções. E pude

conviver com isso porque vivi a maior parte da minha trajetória no sul do Brasil.

Rodrigo quais medidas podem ser feitas em relação ao racismo na sociedade e no futebol?

Treinador B as medidas, a gente fica dissociando muito o futebol, o futebol é parte da sociedade. Eu não vejo uma outra maneira que não seja através da educação, porque é onde se prepara o cidadão pra que ele tenha uma compreensão e um entendimento, então tem que ser na escola. Tem que haver investimento maior. Claro que isso pode se espalhar por outros setores, mas pra mim a educação é primordial, é que pode modificar e ajudar a gente a ter avanços.

Rodrigo qual sua opinião sobre o tratamento da mídia em relação ao racismo?

Treinador B em relação à mídia, ela tem o objetivo, o que é importante pra ela e que ela usa como qualquer coisa em benefício. Pela minha experiência, da minha história, o racismo tem importância pra mídia à medida em que aquilo é importante naquele momento e que vai trazer benefícios. A mídia seria importante se tivesse o objetivo que eu tenho, que nós temos, que é o desejo de uma sociedade igualitária. Aí seria muito importante. Mas hoje, a mídia de uma forma geral, com redes sociais e com interesse muito grande por audiência – na relação com o futebol – então é importante na medida em que vai trazer audiência pra eles, vai trazer cliques. Agora a mídia, como as redes sociais, são ferramentas importantíssimas se usadas com esse intuito, com esse direcionamento. Mas esse não é o objetivo de todos, é o objetivo nosso, porque nós sofremos isso e desejamos um mundo diferente, mas pra quem não é negro, não tem essas dificuldades sociais, a visão é diferente. Agora, é uma ferramenta poderosíssima que pode modificar muitas coisas, e que se usada em benefício de um mundo melhor, igualitário, seria bastante decisiva nesse aspecto.

Anexo 3: Reportagem da Revista Placar intitulada “Me desculpe, você é preto” da Revista “Placar”, edição de Março de 2013 de Brailler Pires.



“ME DESCULPE, VOCÊ É PRETO”

CADA VEZ MAIS RAROS NO COMANDO DE EQUIPES, TÉCNICOS NEGROS, COMO **LULA PEREIRA**, ENFRENTAM DESEMPREGO E LEVANTAM A VOZ CONTRA SUPOSTO RACISMO NO ALTO ESCALÃO DO FUTEBOL

POR BRAILLER PIRES
DESIGN GUSTAVO BACAN

Pernambucano, Lula Pereira viveu infância pobre em Olinda, embora gravitasse em torno de uma família de boleiros. O pai, ele só “conheceu” aos 15 anos, folheando um exemplar de **PLACAR** de 1971, em que o progenitor aparecia perfilado com o time do Jequié, da Bahia. Inspirado no tio, um ex-goleiro do Fluminense, Lula vingou como zagueiro. Defendeu Santa Cruz, Sport e Ceará, onde parou de jogar aos 30 anos e ganhou sua primeira oportunidade como treinador.

Antes de a nova carreira decolar, fez estágios no Barcelona, Milan e Ajax. Depois, estampou 17 clubes no currículo, incluindo o Flamengo. Contudo, seu último trabalho durou menos de um mês. Foi demitido do Ceará após quatro vitórias, um empate e uma derrota. Hoje, aos 56 anos, ele acredita que os 12 meses de estadismo não estão relacionados à competência, mas sim à cor de sua pele. “Já ouvi de empresários: ‘O pessoal do clube gostou do seu perfil, mas, me desculpe, você é preto’”, conta, sem se resignar com a crueza dos cartolas.

© FOTO DANIELO JOZA

MARÇO 2013 / PLACAR / 55



TÉCNICOS NEGROS

Técnicos negros, de fato, estão à margem da elite do futebol nacional. Apesar de todas as cinco formações da seleção brasileira que venceram a Copa do Mundo contarem com pelo menos cinco jogadores negros, apenas o ex-meia Dida construiu carreira notável como treinador. O cenário permanece estável. Não há um negro no banco dos times que disputam os campeonatos Paulista e Carioca deste ano, os principais estaduais do país. Entre os 40 técnicos que terminaram as séries A e B do último Brasileiro, somente Anderson Silva, do Ceará, era negro. Ele liderou o time como interino nas últimas rodadas da segunda divisão e, ao fim da competição, retornou ao posto de auxiliar.

QUEBRA-GALHO

Era 2009 quando o ex-volante Andrade sagrou-se o primeiro técnico negro campeão brasileiro. Como em outras quatro ocasiões, ele havia assumido provisoriamente o Flamengo, no meio do campeonato. Foi efetivado e levou o rubro-negro ao hexa, mas acabou mandado embora cinco meses depois, com 70% de aproveitamento.

Para Lula Pereira, o negro é visto como “tampão” pelos clubes. “Andrade não foi o escalado do Flamengo. Foi um acaso, uma seleção temporária. Só assim que técnicos negros têm chance.” No caso de Andrade, mesmo após a efetivação e o título, seu salário era quase 20 vezes inferior ao de outros técnicos de ponta, como Vanderlei Luxemburgo. Com breves passagens por Brasiliense, Paysandu e Boavista, ele, que já afirmou ter sido discriminado no ramo, está sem emprego desde maio de 2012.

Situação semelhante à de Cristóvão Borges, que passou de auxiliar a técnico devido ao AVC sofrido por Ricardo Gomes em agosto de 2011. Antes de ser efetivado, no começo do ano passado, ele guiou o Vasco ao vice-campeonato brasileiro e, já em 2012, às quartas de final da Libertadores. Cobrado pela torcida, não resistiu à queda de produção do time e deixou São Januário em setembro. “Quando o Cristóvão saiu do Vasco, eu disse que ele dificilmente conseguiria emprego em outro grande clube brasileiro”, conta Claudio Adão, ex-técnico de Volta Redonda e CSA-AL.

Sem oportunidades como treinador, Adão virou instrutor de atores que encenam jogadores de futebol na TV e no cinema, apesar de não ter abandonado o desejo de dirigir um clube profissional. “Infelizmente, o negro é tratado como analfabeto no futebol”, diz. A discussão sobre o suposto racismo ainda é tabu nos vestiários. Por meio de sua assessoria, Cristóvão Borges afirmou que não se sente à vontade para falar sobre o tema enquanto estiver desempregado.

Serginho Chulapa dirigiu o Santos, de Marcelinho Carioca, em 2001. “Tive minha chance, mas não deu certo por causa de uma ‘problemática’ extracampo”, diz.

Segundo ele, entretanto, o período sabático é opção própria, pois teria recusado propostas a fim de atualizar conceitos e esperar uma oferta que represente maior projeção. Para Serginho Chulapa, ex-técnico e auxiliar do Santos, a ausência de treinadores negros na elite não é fruto de preconceito. “Existem grandes ex-jogadores negros com capacidade para treinar. Mas falta interesse do negro. Se não se preparar, não vai ter espaço.”

MERCADO SEM NEGRO

De acordo com o último Censo do IBGE, a população brasileira era composta em 2010 por 7,6% de pessoas que se declaram negras e 43,1% pardas. No futebol, o percentual de negros é maior. Em 1998, o Censo PLACAR registrou, entre os 294 jogadores dos 24 clubes da primeira divisão, 79 negros (30%). Atualmente, a maioria deles está aposentada dos gramados. Nenhum, porém, figura no comando de um time de expressão.

“A questão do treinador negro é reflexo da nossa sociedade. Tirando o Joaquim Barbosa [presidente do Supremo Tribunal Federal], não há outro negro em evidência tomando decisões no Brasil”, diz o ex-zagueiro Roque Júnior, que pretende iniciar trajetória como técnico. “O futebol reproduz a divisão social do trabalho no país. O viés de preconceito é uma barreira para o negro chegar tanto à direção de uma empresa como de um time”, afirma Luiz Carlos Ribeiro, professor da Universidade Federal do Paraná e mestre em história social do futebol.

Cláudio Adão, técnico do CSA-AL em 2001

Segundo pesquisa de 2011 do Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), somente 9,6% dos executivos em cargos de direção e gerência na região metropolitana de São Paulo eram negros – incluindo pardos. Proporção inferior à de negros, como Roque Júnior e o ex-meia-atacante Paulo Isidoro, que fizeram o curso de formação de treinadores da CBF no ano passado: oito entre 47 alunos (17%).

O DEDO DE FELIPÃO

TÉCNICO DA SELEÇÃO APOIA INCURSÃO DE NEGROS NO MERCADO

Quando saiu do Palmeiras, em 2000, e do Cruzeiro, em 2001, Luiz Felipe Scolari indicou Lula Pereira para substituí-lo. De clubes não o contrataram, mas o Flamengo, em 2002, apostaria no endosso de Felipão, que começou a carreira em 1982 depois de receber o bastão de Valmir Louruz no CSA-AL. Além de Lula, Scolari chancelou a contratação de César Sampaio como diligente no Palmeiras e, logo em sua apresentação no retorno à seleção, em novembro do ano passado, fez o filme do pupilo Roque Júnior. “Ele está se preparando e será um ótimo técnico”, disse. Pentacampeão do mundo com Felipão, o ex-zagueiro tem se dedicado à leitura de livros de tática e a estágios em equipes do Brasil e do exterior, além de já ter feito curso de treinador e um MBA em gestão esportiva. “Felipão me dá forças, é um incentivador. Ele sabe como é difícil um técnico negro ser aproveitado em grandes clubes”, afirma Roque. “Tenho o objetivo de comandar a seleção. Se a oportunidade aparecer, eu estarei bem preparado.”

COMANDO NEGRO

ELES ALCANÇARAM O TOPO, MAS NÃO A ALTA PATENTE DA PROFISSÃO

CRISTÓVÃO BORGES
Após problema de saúde de Ricardo Gomes, assumiu o Vasco e ficou pouco mais de um ano no cargo. Perseguido pela torcida, sofreu até ofensas racistas em São Januário.

GENTIL CARDOSO
Único negro a dirigir a seleção brasileira, ainda que por somente cinco jogos, em 58, goardou mágoa por não ter trabalhado em nenhuma Copa: “Não fui chamado porque sou preto”.

DIDI
Bicampeão mundial como jogador, teve as principais chances na carreira de técnico fora do Brasil. Em 1975, conduziu a seleção peruana às quartas de final da Copa do Mundo.

VALMIR LOURUZ
No Juventude, conquistou a Copa do Brasil de 98. Trabalhou no Kuwait e no Japão. “Poucos negros se aventuram, mas nunca tive barreiras como técnico”, diz.

ANDRADE
Ex-volante do Brasileiro com o Flamengo em 2009, foi auxiliar de nove técnicos. Segundo Júnior, ex-gerente de futebol do clube, ele sofria preconceito de outros dirigentes.

CHULAPA
Maior artilheiro da história do São Paulo, retorna à frente do Santos por quatro vezes, sendo duas delas como interino. Auxiliar até 2005, hoje integra o mister do Palmeiras.

LULA PEREIRA
Campeão estadual dirigindo o Ceará, do Mineiro, pelo América, do Catarinense, pelo Figueirense, e da série B, pelo Ponte São Jose, está desempregado há um ano.

© FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI © FOTO MARCO ANTONIO © FOTO ROGÉRIO MACHADO © FOTO DANIEL BARRALLES © FOTO WILLIAMS DE SOUZA

TÉCNICOS NEGROS

ÁFRICA BRANCA

NEGROS FORAM MINORIA NA COPA AFRICANA

Dos 16 seleções que disputaram a Copa Africana de Nações deste ano, sete foram lideradas por técnicos nascidos no continente. Apenas quatro eram negros, incluindo o campeão pela Nigéria, Stephen Keshi. Desde 1992, um técnico negro não vencia a CAN. "Os [técnicos] brancos vêm à África só por dinheiro. Eles não fazem nada que nós [negros] não possamos fazer", disse Keshi. Em 2005, ele classificou Togo para sua primeira Copa do Mundo. Entretanto, perdeu o lugar para o alemão Otto Pfister.



AFRICANOS

STEPHEN KESHI (Nigéria)
James Kwesi Appiah (Gana)
Sewnet Bishaw (Etiópia)
Ulisses Indalecio Antunes (Cabo Verde)
Sami Trabelsi (Tunísia)
Rachid Taoussi (Marrocos)
Sabri Lamouchi (Costa do Marfim)

7



ESTRANGEIROS

Gordon Igesund (África do Sul)
Gustavo Ferrin (Angola)
Patrice Carteron (Mali)
PAUL PUT (Burkina Fasso)
Gernot Rohr (Níger)
Claude Le Roy (Congo)
Hervé Renard (Zâmbia)
Vahid Halilhodzic (Argélia)
Didier Six (Togo)

9

"O negro leva desvantagem no mercado de trabalho por causa da desigualdade social, que influi na falta de qualificação. Na esfera do técnico de futebol, embora a função imponha exigência intelectual, o preconceito é latente, já que a maioria dos técnicos brancos também é composta por ex-jogadores que vieram de camadas pobres da população", diz Ribeiro. Lula Pereira vai além. "Luxemburgo é negro? Joel Santana? Não. São mulatos. Negro sou eu, Lula Pereira."

Em sua visão, a dificuldade em se recolocar no mercado é agravada pela escassez de negros na gestão do futebol. "Não temos dirigentes ou presidentes de clubes e federações negros. Assim é impossível romper a segregação e as barreiras que enfrentamos", diz Lula.

BANCO DE COTAS

Desde 2003, a NFL, liga de futebol americano dos Estados Unidos, adota o sistema de cotas raciais. Pela Regra Rooney, todas as franquias são obrigadas a entrevistar negros para os cargos de técnico e coordenador. Após a adoção da medida, o número de negros dirigindo equipes na NFL dobrou. No entanto, na temporada atual, nenhum afrodescendente foi contratado para as 15 vagas de comando disponíveis, o que tem motivado discussões em torno da necessidade de mudanças na regra.

No Brasil, a instituição das cotas raciais no futebol ainda não é cogitada pela CBF, mas gera controvérsia. "Em um meio mercantilista e liberal como o futebol, o sistema de cotas seria inócuo e impraticável, não funcionaria", diz Luiz Carlos Ribeiro. "É impossível obrigar um clube a contratar negros." Lula Pereira discorda. "Nós, negros, vamos precisar de cotas, através de uma lei federal, como já existe nas universidades, para trabalhar no futebol."

Por outro lado, há quem conteste que a escolha de profissionais pelos clubes leve – ou deva levar – em conta a cor da pele. "Eu nunca tive problema [com racismo]. Ser técnico é difícil para qualquer pessoa. É uma profissão de muita rotatividade e pouca estabilidade", afirma o gaúcho Valmir Louruz, técnico com passagens por Internacional e Juventude. Para Serginho Chulapa, a falta de comandantes negros nos clubes de ponta é "uma coincidência. Não existe preconceito, mas sim uma preguiça do negro. O convite não vai chegar em casa. Não adianta fazer movimento. A classe [dos técnicos] é desunida".

Roque Júnior, por sua vez, defende as cotas como solução paliativa e, sobretudo, uma cultura de inclusão racial. "Na época dos meus pais, os negros tinham baixa autoestima, se sentiam oprimidos e ficavam estagnados. Hoje nos preparamos mais, corremos atrás das oportunidades, mas elas não aparecem. Ainda existe um racismo velado não só no futebol, mas em toda a sociedade."

Enquanto as cotas não saem da prancheta, os negros seguem sem representantes no topo da pirâmide da bola que possam virar o jogo. "Eu estou à toa em casa, não consigo trabalhar. Cadê o Cristóvão? Cadê o Andrade? É inadmissível que o Brasil, o país da miscigenação, não tenha um negro à frente de um clube grande", diz Lula Pereira, à espera de propostas que não sejam rebocadas por pedidos de desculpa.

PL1376_TEC_NEGROS.indd 58 2/25/13 11:58:30 PM

Anexos 4 – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a) e sem remuneração, da pesquisa intitulada **"NEGRO DENTRO, BRANCO FORA: Narrativas construídas sobre técnicos negros de futebol no Brasil"**, que tem como pesquisador responsável **Rodrigo Neres da Silva Mamede**, Mestrando do curso de Pós Graduação Stricto Sensu em Relações Étnico-Raciais do CEFET/RJ.

Esta pesquisa pretende entender, de maneira multidisciplinar, a limitada presença técnicos negros nos clubes grandes da Série A do futebol brasileiro. Você foi selecionado(a) enquanto técnico de futebol com experiência de trabalho no futebol profissional de um clube grande do futebol brasileiro. Sendo assim, sua participação auxiliaria com a pesquisa para conseguir subsídios para o entendimento a respeito dos motivos para a escassez de profissionais negros no cargo de treinador de futebol.

O projeto de pesquisa se enquadra no risco baixo, pois não oferece riscos à integridade física das pessoas, mas pode apresentar certo constrangimento pelo teor dos questionamentos em relação à temática "raça" e "racismo". A pesquisa será desenvolvida por meio de entrevista oral com os sujeitos de pesquisa, tendo em vista a confidencialidade das informações oferecidas pelo participante que estarão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa.

A colaboração poderá ser da forma que o participante preferir, anônima ou não, por meio da entrevistas oral a ser audiogravadas a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora, sendo confidenciais e sem divulgação em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

A qualquer momento que julgar necessário, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Rodrigo Neres da Silva Mamede, através dos telefones **(21) 2621-3731** ou **(21) 99343-6925** ou pelo e-mail **<rodrigondsm@gmail.com>**. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato a Diretoria de Pesquisa e Pós Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ no endereço Av. Maracanã 229, Bloco E, 5º andar - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ; E-mail: dippg@cefet-rj.br; Telefones: +55 21 2566-3179/ +55 21 2569-4495 (Fax: r.201).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante:	Assinatura do Pesquisador:

Rubrica do Participante:	Rubrica do Pesquisador:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a) e sem remuneração, da pesquisa intitulada "**NEGRO DENTRO, BRANCO FORA: Narrativas construídas sobre técnicos negros de futebol no Brasil**", que tem como pesquisador responsável **Rodrigo Neres da Silva Mamede**, Mestrando do curso de Pós Graduação Stricto Sensu em Relações Étnico-Raciais do CEFET/RJ.

Esta pesquisa pretende entender, de maneira multidisciplinar, a limitada presença técnicos negros nos clubes grandes da Série A do futebol brasileiro. Você foi selecionado(a) enquanto técnico de futebol com experiência de trabalho no futebol profissional de um clube grande do futebol brasileiro. Sendo assim, sua participação auxiliaria com a pesquisa para conseguir subsídios para o entendimento a respeito dos motivos para a escassez de profissionais negros no cargo de treinador de futebol.

O projeto de pesquisa se enquadra no risco baixo, pois não oferece riscos à integridade física das pessoas, mas pode apresentar certo constrangimento pelo teor dos questionamentos em relação à temática "raça" e "racismo". A pesquisa será desenvolvida por meio de entrevista oral com os sujeitos de pesquisa, tendo em vista a confidencialidade das informações oferecidas pelo participante que estarão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa.

A colaboração poderá ser da forma que o participante preferir, anônima ou não, por meio da entrevistas oral a ser audiogravadas a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e/ou sua orientadora, sendo confidenciais e sem divulgação em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

A qualquer momento que julgar necessário, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Rodrigo Neres da Silva Mamede, através dos telefones **(21) 2621-3731** ou **(21) 99343-6925** ou pelo e-mail <**rodrigondsm@gmail.com**>. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato a Diretoria de Pesquisa e Pós Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ no endereço Av. Maracanã 229, Bloco E, 5º andar - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ; E-mail: dippg@cefet-rj.br; Telefones: +55 21 2566-3179/ +55 21 2569-4495 (Fax: r.201).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 2018

Assinatura do Participante:	Assinatura do Pesquisador:
Jayme de Almeida Fidelis	Rodrigo N. S. Mamede

Rubrica do Participante:	Rubrica do Pesquisador: